

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO EM HISTÓRIA**

DISSERTAÇÃO

**As Aventuras do Acervo Municipal e Cartorário de Vassouras
1972-2003**

Gabriela Germana Almeida Máximo

2021



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO EM HISTÓRIA

AS AVENTURAS DO ACERVO MUNICIPAL E CARTORÁRIO
DE VASSOURAS/RJ – 1972-2003

GABRIELA GERMANA ALMEIDA MÁXIMO

Sob a orientação do Professor(a) Doutor(a)

Maria da Glória de Oliveira

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestra em História**, no Curso de Pós-Graduação em História, Área de Relações de Poder e Cultura.

Seropédica, RJ

Março de 2021.

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

M111a Maximo, Gabriela Germana Almeida, 1994-
As Aventuras do Acervo Municipal e Cartorário de
Vassouras 1972-2003 / Gabriela Germana Almeida
Maximo. - Seropédica, 2021.
109 f.: il.

Orientadora: Maria da Glória de Oliveira.
Dissertação (Mestrado). -- Universidade Federal Rural
do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em
História, 2021.

1. Centros de documentação. 2. Arquivologia. 3.
Acesso. 4. Pesquisa. I. Oliveira, Maria da Glória de ,
1961-, orient. II Universidade Federal Rural do Rio
de Janeiro. Programa de Pós-Graduação em História III.
Título.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA



TERMO Nº 262/2021 - PPHR (12.28.01.00.00.49)

Nº do Protocolo: 23083.017736/2021-82

Seropédica-RJ, 11 de março de 2021.

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO

PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

ANEXO À DELIBERAÇÃO Nº 001, DE 30 DE JUNHO DE 2020

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

GABRIELA GERMANA ALMEIDA MAXIMO

Dissertação submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestra, no Programa de Pós Graduação em HISTÓRIA, Área de Concentração em RELAÇÕES DE PODER E CULTURA

DISSERTAÇÃO APROVADA EM 11 de março de 2021

Conforme deliberação número 001/2020 da PROPPG, de 30/06/2020, tendo em vista a implementação de trabalho remoto e durante a vigência do período de suspensão das atividades acadêmicas presenciais, em virtude das medidas adotadas para reduzir a propagação da pandemia de Covid-19, nas versões finais das teses e dissertações as assinaturas originais dos membros da banca examinadora poderão ser substituídas por documento(s) com assinaturas eletrônicas. Estas devem ser feitas na própria folha de assinaturas, através do SIPAC, ou do Sistema Eletrônico de Informações (SEI) e neste caso a folha com a assinatura deve constar como anexo ao final da tese / dissertação.

MARIA DA GLÓRIA DE OLIVEIRA - presidente e orientador -

UFRRJEULER DAVID DE SIQUEIRA - UFRRJ

MARCELO MONTEIRO DOS SANTOS – IFES

Documento não acessível publicamente

(Assinado digitalmente em 11/03/2021 15:28)

EULER DAVID DE SIQUEIRA
CHEFE DE DEPARTAMENTO - TITULAR
CHEFE DE UNIDADE
DeptAdT/IM (12.28.01.00.00.82)
Matrícula: 1243562

(Assinado digitalmente em 11/03/2021 15:54)

MARIA DA GLORIA DE OLIVEIRA
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
DeptHRI (12.28.01.00.00.86)
Matrícula: 1544166

(Assinado digitalmente em 12/03/2021 12:47)

MARCELO MONTEIRO DOS SANTOS

ASSINANTE

EXTERNOCPF:

108.638.317-61

Para verificar a autenticidade deste documento entre em <https://sipac.ufrj.br/public/documentos/index.jsp> informando seu número:

262, ano: **2021**, tipo: **TERMO**, data de emissão: **11/03/2021** e o código de verificação: **9fcf163b50**

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho a minha mãe, Maria do Carmo de Almeida, por seu apoio e amor incondicionais, por seu exemplo e sua dedicação.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus por ter me proporcionado chegar até aqui.

A minha família, em especial aos meus irmãos do coração, por todo carinho, compreensão, paciência e por sempre me incentivarem.

Ao meu namorado, Jorge Forny, pelo incentivo e apoio.

A minha orientadora, Maria da Glória de Oliveira, por sua contribuição e papel fundamental na conclusão desse trabalho.

Ao meu professor e amigo, Magno Fonseca Borges, que teve papel fundamental para que eu desenvolvesse meu amor pela história e por me fazer amar os arquivos.

Aos amigos e professores da turma de pós-graduação em História e Cultura da África, Afro-Brasileira e Indígena da Universidade de Vassouras, pelo incentivo e pelos debates. Em especial as amigas Ana Paula Delgado Vieira e Roberta Azevedo, por sua amizade, apoio, incentivo e por todas as nossas conversas.

As pessoas incríveis que o programa de pós-graduação em História da UFRRJ me possibilitou conhecer, em especial Edson Santos por sua companhia, amizade, nossas conversas, por sempre tirar todas as minhas dúvidas e tornar tudo mais leve e divertido.

A minha amiga Camila Moraes, pelo incentivo durante todo o curso.

E, a todos os que contribuíram de alguma forma com a realização desse trabalho, recebam meu mais sincero agradecimento.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de financiamento 001

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil – (CAPES) – Finance Code 001

O Arquivo não se parece nem com os textos, nem com os documentos impressos, nem com os “relatos”, nem com as correspondências, nem com os diários, nem mesmo com as autobiografias. É difícil em sua materialidade. Porquanto desmesurado, invasivo como as marés de equinócios, as avalanches ou as inundações.

(Arlete Farge, O Sabor do Arquivo)

RESUMO

MAXIMO, Gabriela Germana Almeida. **As Aventuras Do Acervo Municipal E Cartorário De Vassouras – 1972-2003**. 2021. 100p. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Seropédica, RJ, 2021.

O trabalho em tela objetiva compreender o caminho percorrido pelos conjuntos documentais dos fundos municipal, cartorário e paroquial acumulados ao longo da história do município de Vassouras/RJ. Para isso, se mostrou fundamental acompanhar a cadeia de acontecimentos que levaram à Criação do Centro de Documentação Histórica de Vassouras vinculado à Universidade Severino Sombra, no ano de 1987. Para compreender o contexto que possibilitou a criação do CDH, foi necessário remontar à criação do curso de História da USS, em 1972. Alguns anos depois da criação do curso, começam os trabalhos de levantamento das fontes primárias da cidade de Vassouras. As transformações na historiografia brasileira e da arquivística a partir da década de 1960 foram cruciais para que esses fundos arquivísticos ganhassem visibilidade. O tema convida também a uma reflexão da importância do arquivo para o historiador e a para compreender a estrutura material do arquivo, como espaço de preservação e acesso à informação.

Palavras-chave: Centros de documentação, arquivologia, acesso, pesquisa.

ABSTRACT

MAXIMO, Gabriela Germana Almeida. **The Adventures of the Municipal and Notary Collection of Vassouras - 1972-2003. 2021.** 100p. Dissertation (Master in History). Federal Rural University of Rio de Janeiro. Seropédica, RJ, 2021.

The work aims to understand the path taken by the documentary sets of municipal, notary and parochial funds accumulated throughout the history of Vassouras. For this, it was essential to follow the chain of events that led to the Creation of the Historical Documentation Center of Vassouras linked to Severino Sombra University in 1987. In order to understand the context that enabled the creation of the HDC, it was necessary to go back to the creation of the History course at the USS in 1972. A few years after the creation of the course, work began on surveying the primary sources of the city of Vassouras. The transformations in Brazilian archival historiography from the 1960s were crucial for these archival funds to gain visibility. The theme also invites a reflection on the importance of the archive for the historian and to understand the material structure of the archive, as a space for preservation and access to information.

Keyword: Document Centers, archival, access, research.

LISTA DE ABREVIACÕES

AAB – Associação dos Arquivistas Brasileiros

AN – Arquivo Nacional

CDH – Centro de Documentação Histórica

CONARQ – Conselho Nacional de Arquivos

FAPERJ - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro

FEFIERJ – Federação das Escolas Federais Isoladas do Estado do Rio de Janeiro

FUSVE – Fundação Educacional Severino Sombra

SINAR – Sistema Nacional de Arquivos

UNIRIO – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

USS – Universidade Severino Sombra

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 ARQUIVOLOGIA, HISTÓRIA E DOCUMENTAÇÃO – OS PRIMEIROS CONTATOS COM A DOCUMENTAÇÃO DO ARQUIVO MUNICIPAL DE VASSOURAS	24
2.1 A visita de Stanley Stein ao Brasil e aos arquivos da cidade de Vassouras	26
2.2 A realidade arquivística e historiográfica das décadas de 1970 e 1980 no Brasil.....	32
2.3 A Universidade Severino Sombra, a criação do curso superior de História e os primeiros contatos com a documentação do Arquivo Municipal de Vassouras	41
3 A CRIAÇÃO DO CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO HISTÓRICA – CDH	47
3.1 O projeto Documento arquivo e a organização da documentação do Arquivo municipal de Vassouras.....	48
3.2 A documentação se torna acervo	59
3.3 Fontes para a história da escravidão	63
4 O ACERVO DO CDH.....	69
4.1 A recuperação da documentação do arquivo municipal	70
4.2 O Segundo catálogo, a inclusão dos registros paroquiais e as tipologias documentais.....	74
4.3 Centro de documentação: acervo, disponibilização e pesquisa	79
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	86
REFERÊNCIAS	89
ANEXO 1.....	95
ANEXO 2.....	96
ANEXO 3.....	98
ANEXO 4.....	99
ANEXO 5.....	100
ANEXO 6.....	102

APÊNDICES	104
------------------------	-----

1. INTRODUÇÃO

Ao buscarmos uma conexão com o passado, lançamos mão de instrumentos que nos auxiliem na compreensão de diferentes realidades. Materializar acontecimentos e torná-los palpáveis se mostra fundamental para a assimilação e a construção de uma memória coletiva e para despertar no indivíduo sentimentos como pertencimento ou patriotismo, mas principalmente para auxiliar na criação de uma identidade cultural. Para possibilitar esse contato com períodos anteriores, as fontes materiais são cruciais, pois elas preservam as informações e os significados de uma época e conectam presente e passado. No caso das fontes documentais, a materialização de pensamentos em forma de escrita, a preservação é fundamental para prolongar sua vida útil.

Esses documentos se encontram sediados em instituições responsáveis por sua manutenção. Neles, a documentação sofre um processo de seleção e preparo, em que passa a compor um acervo. O arquivo pode conter uma ou várias coleções de documentos tutelados de forma pública ou privada, com a função de custodiar, processar, conservar e garantir o acesso a documentos.¹ Nesses moldes, forma-se o Centro de Documentação Histórica de Vassouras, que passou a salvaguardar e disponibilizar as fontes da cidade, produzidas desde sua criação como Vila em 1833. Esse arquivo criado por iniciativa privada é o objeto deste estudo. Caracteriza-se como espaço de memória, contendo registros que materializam acontecimentos e pessoas, e a partir deles torna-se possível para o pesquisador vincular-se ao seu objeto de estudo. Sua compreensão geralmente se dá de forma superficial. Entender o funcionamento do espaço, a disposição das prateleiras e a separação dos documentos faz parte de um processo técnico, fundamental para a organização do arquivo e a facilidade de acesso. Do ponto de vista organizacional, esse seria o local ideal, composto por documentos organizados, separados por tipologias e classificações, em cômodos com climatização que garante a preservação para que a qualidade de acesso seja constante e a vida útil do material seja prolongada. Entretanto, para compreender o ambiente que compõe um acervo, devemos analisar além da parte técnica.

O arquivo é a porta de conexão com recortes temporais. Seja por meio de uma correspondência, um jornal ou um inventário, temos acesso ao passado em forma de

¹ARQUIVO NACIONAL (Brasil). *Dicionário brasileiro de terminologia arquivística*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional. 2005, p. 27.

escrita. Para olhos pouco treinados, são caligrafias difíceis, justapostas em folhas frágeis, numa versão mais antiga e diferente do idioma atual, ou em diversos idiomas.² Esses recortes de memórias e discursos que serviram a um objetivo imediato ou temporário de registro serão interpretados pelo historiador que, pela temporalidade que norteia sua pesquisa, eleva os instrumentos que possibilitam seu trabalho à categoria de fontes.

A pesquisa se inicia quando separamos esses materiais úteis a esclarecer a dúvida que norteia o historiador, destacando-os e elevando-os a uma nova categoria: fontes. Assim como o historiador precisa de vestígios materiais que norteiem sua busca, fornecendo o vínculo com o recorte desejado do passado, também essas mesmas fontes precisam do historiador para que as informações nelas contidas ganhem visibilidade. Os dados que resultam da pesquisa são construídos por meio de uma interpretação crítica do que se coleta das fontes.³ Não se trata apenas de extrair informações de diversos tipos de documentos, uma vez que parte fundamental da pesquisa está em transformar essa informação em dados, extrapolando os limites impostos pela fonte, lançando mão de outros instrumentos e da interdisciplinaridade, vinculando-se a outras disciplinas além da arquivologia, como a arqueologia, sociologia, filosofia e antropologia. Desse modo, as lacunas das fontes são preenchidas.

Mesmo que o ato de arquivar não fosse algo contemporâneo, tendo sua origem na antiguidade clássica, o ato de arquivamento e os usos do que é arquivado passam por processos de ressignificação.⁴ A criação de arquivos de cunho nacional passa a ser realidade em países na Europa e na América Latina no século XIX. Entre eles, o Arquivo Nacional do Brasil, criado em 1838. A arquivologia usou métodos da administração, a fim de atualizar suas práticas; mas, para que o arquivo cumprisse suas funções administrativas e suas funções históricas, o melhor método seria a tabela de temporalidade, adotando as idades corrente, intermediária e permanente.⁵

²FARGE, Arlette. *O sabor do arquivo*. São Paulo: Edusp, 2009.

³CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.

⁴BELLOTTO, Heloísa Liberalli. *Universidade e arquivos: perfil, história e convergência*. In: *Arquivo Estudos e Reflexões*. Belo Horizonte: UFMG, 2014. p. 71

⁵Arquivo corrente: conjunto de documentos em tramitação ou não, que, pelo seu valor primário, é objeto de consultas frequentes pela entidade que o produziu, a quem compete sua administração. ARQUIVO NACIONAL (Brasil). *Dicionário brasileiro de terminologia arquivística*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional. 2005, p. 29.

Arquivo intermediário: Conjunto de documentos originários de arquivos correntes, com uso pouco frequente, que aguarda destinação. ARQUIVO NACIONAL (Brasil). *Dicionário brasileiro de terminologia arquivística*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional. 2005, p. 32.

Arquivo permanente: conjunto de documentos preservado em caráter definitivo em função do seu valor. Também chamado de arquivo histórico. ARQUIVO NACIONAL (Brasil). *Dicionário brasileiro de terminologia arquivística*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional. 2005, p. 34.

O período entre as guerras mundiais mostra a produção de informações em grandes quantidades e a necessidade de acessá-las rapidamente. A “explosão informacional” afetou também os arquivos, que precisavam selecionar as informações antes de preservá-las.⁶ A partir da segunda metade do século XX, a área arquivística brasileira avançou de forma significativa, investindo na qualificação dos funcionários de arquivo. Documentos antes desconexos passam a compor acervos, unidos por temporalidade, assunto, localidade. Unem-se de igual maneira por meio da pesquisa, que se desenrola a partir da resposta à pergunta que é concebida pelo pesquisador.

Segundo Jacques Le Goff, cabe ao historiador o papel de elevar as ferramentas que auxiliam sua pesquisa à condição de fontes.⁷ Com a evolução das tecnologias de registro, essa área se amplia, e junto com ela a forma de preservar documentos. Ainda sobre a ótica do historiador francês, somos alertados sobre os resquícios que sobrevivem do passado, frutos de escolhas.⁸ Seleciona-se o que é preservado ao longo do tempo; além disso, informações podem ser postas em evidência ou ignoradas, filtrando de forma proposital ou involuntária. As escolhas do acaso (ou não) e do historiador remontam o que será conhecido como passado.

O avanço tecnológico permite também que outros tipos de registros sejam elencados a categoria de fontes, a inclusão da oralidade como forma de levantamento de dados, por exemplo, permite que o pesquisador provoque os testemunhos com perguntas já pré-definidas e a partir deles consiga construir, unido a outras fontes, a narrativa de um período histórico mais recente, bem como pode se utilizar de vídeos, fotografias.

Pensando a forma como olhamos para esses resquícios de passado, Pierre Nora defende que a sociedade contemporânea situa, e possivelmente isola, suas memórias. Temos museus, bibliotecas, arquivos e até mesmo feriados em que rememoramos essa conexão com o passado e a ancestralidade.⁹ Com espaços localizados e determinados para reviver a memória, a sociedade contemporânea, que avança e se modifica, isola sua conexão com o passado, rompendo noções de continuidade. Essa descontinuidade afeta a

⁶FILHO, Hilário Figueiredo Pereira. *Memórias em disputa: a Unesco e os processos de patrimonialização de acervos documentais*. Tese (Doutorado em História) Programa de pós-graduação em História, UNIRIO, Rio de Janeiro, 2018, p. 145-146. Em seu trabalho, o autor discute a criação do programa Memórias do Mundo, da Unesco e como esse programa refletiu nos acervos brasileiros, a situação arquivística do Brasil e a patrimonialização.

⁷ LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2003, p. 535.

⁸(LE GOFF). *Ibidem*, p. 535.

⁹NORA, Pierre. *Entre Memória e História: a problemática dos lugares*. Tradução de Yara Aun Khoury. Projeto História. Revista do Programa de Estudos pós-graduandos de História, 1993.

construção de uma memória individual e coletiva e ocasiona desvalorização e desconhecimento, prejudicando a capacidade de questionamento.

Esses espaços onde “confrontamos” a memória de forma material são construídos a partir da cuidadosa reunião de resquícios do passado. Obras de arte, vestimentas, edifícios e até artefatos arqueológicos auxiliam o indivíduo na construção de memórias, facilitando a assimilação e conectando pessoas a acontecimentos, costumes e povos do passado. Já as fontes de arquivo, carregadas de informações e significados, necessitam de olhar treinado e atento, o que não exclui sua importância e significado, mas limita seu acesso.

O estudo desse arquivo é um convite a compreender o espaço que o compõe. Nele, o historiador estabelece contato com seu objeto de estudo e, além de ser um local de preservação patrimonial, torna-se um espaço de produção da história. Nesse ambiente, a memória preservada a partir da escrita se torna a forma de conexão com variados objetos de estudo e, segundo Foucault, é o arquivo que impede o acúmulo desordenado dos registros, não é ele o responsável por trazer as fontes à luz, mas protege uma gama de discursos com diferentes objetivos referentes a diferentes períodos que, apesar de estarem armazenados juntos, mantêm suas particularidades.¹⁰

Certeau nos lembra que o historiador é responsável pela seleção de documentos, já que os seleciona a partir de diferentes formas de registro. Assim, é ele quem vai selecionar os itens úteis à sua pesquisa, mas, além do controle sobre o que se acessa e sobre o que se preserva, deve-se analisar o controle sobre o que foi registrado. Como exemplo, o autor cita as grandes famílias influentes, principalmente na França e na Itália, que, participando da vida política e patrocinando massivamente a produção artística e até mesmo documental, controlaram a preservação e a cópia de determinadas informações.¹¹

Com o questionamento às fontes a partir da problematização, o historiador passa a considerar outros materiais como fontes, mas também há uma ressignificação das fontes documentais que contribuem de novas formas e levantam novas perguntas. A questão que norteia este projeto é uma tentativa de entender o caminho percorrido por esses tipos distintos de documentos (cartorial, judicial e eclesial) em estados de preservação e organização diversos que se uniriam, compondo um único acervo, em que o anonimato e as péssimas condições de preservação passam a ser substituídos pela conservação e pela garantia de acesso.

¹⁰ FOUCAULT, Michel. *Arqueologia do Saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1986.

¹¹ CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982. p.70

Esses registros escritos de períodos passados compõem o patrimônio documental. Patrimônio, definindo de forma simples, é tudo o que é considerado importante para a história de um povo, seja ele uma manifestação cultural, um rito, uma construção, um monumento, artefatos arqueológicos ou documentos; é dividido em material e imaterial. No caso dos documentos, sua preservação é fundamental, são delicados em sua materialidade e em muitos casos se mostram fundamentais para que o pesquisador se aproxime de compreender seu objeto de estudo.

No que tange à preservação documental, o arquivista é responsável por arranjar, separar por tipologia e submeter a documentação à tabela de temporalidade. Esse processo pode se dar também quando a documentação passa do arquivo corrente para o arquivo permanente.¹² É nesse momento que podem ser atribuídas classificações de sigilo, e a documentação passa por um processo de ressignificação, deixando de ser um documento contendo informações acerca do presente, em uso, e tornando-se um registro do passado.¹³ No arranjo, há o processo de seleção, cujos documentos podem ser eliminados dado o seu conteúdo irrelevante. Esse processo que rotula e classifica os documentos pode também limitar seu acesso.

Os centros de documentação, que atuam na mesma seara dos arquivos, em que ambos têm funções com grandes similaridades, porém com algumas disparidades, são criados para a preservação e a disseminação de informações, sendo voltados para garantir o acesso a fontes.¹⁴ Outra diferença que se pode salientar sobre essas duas instituições de preservação de fontes é que o Arquivo recebe a documentação de forma natural, por meio da tabela de temporalidade; já os centros de documentação recebem a documentação por meio de permutas, doações, processos de custódia etc.¹⁵

¹²Arranjo: Sequência de operações intelectuais e físicas que visam à organização dos documentos de um arquivo ou coleção de acordo com um plano ou um quadro previamente estabelecido. ARQUIVO NACIONAL (Brasil). *Dicionário brasileiro de terminologia arquivística*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional. 2005, p. 37.

Tipologia: Divisão de espécie documental que reúne documentos por suas características comuns no que diz respeito à fórmula diplomática, natureza de conteúdo ou técnica de registro. São exemplos de tipos documentais cartas precatórias, cartas régias, cartas-patentes, [...] ARQUIVO NACIONAL (Brasil). *Dicionário brasileiro de terminologia arquivística*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional. 2005. p. 163.

Tabela de Temporalidade: Instrumento de destinação, aprovado por autoridade competente, que determina prazos e condições de guarda tendo em vista a transferência, recolhimento, descarte ou eliminação de documentos. ARQUIVO NACIONAL (Brasil). *Dicionário brasileiro de terminologia arquivística*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional. 2005, p. 159

¹³ KNAUS, Paulo. Usos do passado, arquivos e universidade. *Cadernos de Pesquisa do CDHIS*, n. 40, ano 22, p. 9-16, 1º sem., 2009, p.10.

¹⁴ARQUIVO NACIONAL. Op. cit., p. 46.

¹⁵ Os conceitos de tabela de temporalidade e arquivo já foram aqui mencionados, bem como as definições de arquivo e Centro de Documentação.

Estagiando no Centro de Documentação Histórica de Vassouras nos anos de 2010 e 2011 por meio do projeto jovens talentos da FAPERJ (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro), vinculado à Universidade Severino Sombra (USS) – atualmente Universidade de Vassouras –, pude entender o funcionamento do arquivo, os processos de arranjo, catalogação, leitura, digitalização e preservação de fontes. Assim, tive a oportunidade de realizar pesquisas, extraindo informações dos documentos.¹⁶ Esse interesse me levou a escolher o curso de História, norteando a escolha pelo objeto de pesquisa. Ao perceber o espaço de preservação documental com uma perspectiva mais apurada e a quantidade de realidades distintas, presentes em diversas caixas, pessoas de classes sociais e realidades diferentes, que deixaram suas marcas a partir de registros cotidianos, pessoais ou oficiais, auxiliam a remontar um passado individual ou coletivo. Ali, vidas se entrelaçam por tipos documentais, dando sentido a períodos passados e auxiliando o historiador em sua busca por respostas. Os arquivos geram interpretações acerca de seu conteúdo e de seu significado, emocionam-nos, tocam-nos. Além disso, conectam-nos com períodos passados.

Esse estágio também trouxe uma visão diferente da história de Vassouras e de como a população local não tem acesso a ela, que não é ensinada nas escolas locais e, na maioria das vezes é alvo de interesse apenas de pesquisadores e turistas. Como desenvolver o sentimento de pertencimento se a maioria dos habitantes da cidade não se sente ligada à história local? Esse desinteresse pela história local se refletia na situação dos documentos anos antes. Uma das funções do CDH era realizar palestras e procurar envolver os alunos das escolas públicas, despertando interesse pelo passado local.

A documentação cartorial, municipal e eclesiástica da cidade de Vassouras, produzida e arquivada desde o século XIX, encontrava-se desorganizada e em diferentes estágios de preservação.¹⁷ A Universidade Severino Sombra iniciou, em 1975, convênios com a Prefeitura Municipal de Vassouras, com o objetivo de alavancar a vida cultural da cidade e chamar a atenção para seu potencial histórico. Para entender como se deu a

¹⁶ O “projeto jovens talentos” de pré-iniciação científica tem como objetivo envolver jovens de escolas públicas que estejam cursando ensino médio/técnico para atuar em iniciação científica em diferentes áreas, estimulando estudantes e mostrando possíveis quadros de atuação profissional. In: <http://www.faperj.br/?id=20.3.6> acesso em: 05/10/2019

¹⁷ UNIVERSIDADE SEVERINO SOMBRA. Catálogo Fontes primárias para História da escravidão em Vassouras 1º catálogo. Vassouras: FUSVE, 1988, p 7.

reunião da documentação que culminou na criação do Centro de Documentação Histórica de Vassouras em 1987, é necessário avaliar a documentação como conjunto.

O Centro de Documentação Histórica de Vassouras (CDH) não foi o único a ser criado entre as décadas de 1970 e 1980, como vemos no texto de Knauss. Podemos citar a criação do Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa – CEDAP, da Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP, o Centro de Documentação e Pesquisa Histórica da Universidade Estadual de Londrina – UEL, criados em 1973, o Centro de Documentação e Informação Científica – CEDIC/PUC - SP, criado em 1980 e o Centro de Documentação e Memória da UNESP, criado em 1987.¹⁸

Esses centros de documentação, vinculados a instituições de ensino, alcançavam um espaço que, na maioria das vezes, não era atingido pelos arquivos públicos.¹⁹ Isso os levava a resgatar documentos com potencial histórico de se perderem ou se desgastarem com a ação do tempo. No caso específico do centro de documentação de Vassouras, a documentação encontrava-se em diferentes estágios de preservação e a digitalização possibilitou a preservação dos documentos ao mesmo tempo em que garantia uma qualidade superior de acesso.

No entanto, para serem criados, os centros de documentação não poderiam ser vistos apenas como difusores de informação. “Para que se firmassem, e na maioria dos casos, para que pudessem ser criados, foi necessário que se tornassem também centros de preservação da memória, reunindo fontes originais de pesquisa”.²⁰ Por esse motivo, o Centro de Documentação Histórica de Vassouras teria seu foco voltado para estudos de História da escravidão, já que grande parte da documentação remontava a realidade de escravizados no século XIX, possibilitando o entendimento das relações sociais e de poder que se estabeleciam na cidade de Vassouras durante o período áureo do café e depois de sua decadência.

A documentação que passaria a compor o Centro de Documentação Histórica de Vassouras (CDH) percorreu um longo caminho até ser unificada e centralizada. O curso de História da Universidade Severino Sombra foi criado em 1972, e logo depois os contatos com a documentação do arquivo permanente da cidade de Vassouras tiveram

¹⁸ KNAUS, Paulo. *Usos do passado, arquivos e universidade*. Cadernos de Pesquisa do CDHIS, n. 40, ano 22, p. 9-16, 1º sem., 2009, p.13.

¹⁹ KNAUS. *Ibidem*, p.13.

²⁰ CAMARGO, Célia Reis. Os centros de documentação das universidades: tendências e perspectivas. In: SILVA, Zélia Lopes da (Org.). *Arquivos, patrimônio e memória: trajetórias e perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1999.

início. A documentação foi catalogada com o auxílio de mão de obra especializada e alunos da universidade. Convênios foram feitos entre as instituições que sediavam esses arquivos e a Universidade Severino Sombra para que, finalmente, no ano de 1988, passassem a compor um acervo catalogado e disponível para o público, reunidos no Centro de Documentação Histórica de Vassouras.²¹

Esse acervo se tornaria crucial para a criação do Mestrado em História em 1994, com linhas de pesquisa voltadas para a história da escravidão, dada a riqueza documental de Vassouras acerca do tema. Além desse tema, é também possível entender as relações sociais e econômicas da época, que se desenrolavam em torno do desenvolvimento que o café trouxe para o Vale do Paraíba Fluminense. Com o final do curso de mestrado em 2014, os vínculos criados para que a instituição pudesse salvaguardar os documentos é desfeito e o arquivo é fechado, com a documentação sendo encaminhada para o IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) e a documentação eclesial para a Casa Paroquial, onde foi reorganizada e formado o Centro de Documentação Paroquial.

A fim de elucidar o trabalho que fora realizado, seria de fundamental importância compreender a realidade dos arquivos antes da interferência da FUSVE (Fundação Educacional Severino Sombra). A dissertação de mestrado da historiadora e arquivista Sandra Cândido, *O Documento como fonte de Pesquisa Histórica*, faz um levantamento acerca dos arquivos sediados na cidade de Vassouras de cunho público ou privado.²² Em seu estudo, trabalha a situação arquivística da cidade de Vassouras e seu uso como fonte de pesquisa, salienta os usos do arquivo e aborda questões como controle de informação, acesso e pesquisa.

A documentação do Museu Severino Sombra foi fundamental para obter informações acerca desses primeiros contatos com o acervo ainda não catalogado.²³ A partir dela, tomei conhecimento dos eventos, cursos, pesquisas e projetos que envolviam a massa documental, como formas de mostrar seu potencial e, paulatinamente, garantir o acesso ao conteúdo dessas páginas, muitas em péssimo estado de preservação, resultado do descaso que a acometeu. No caso da cidade de Vassouras, que se destacou econômica

²¹UNIVERSIDADE SEVERINO SOMBRA. *Datas para a história da cultura em Vassouras (de 1972 a 1993)*. Vassouras: FUSVE, 1993.

²²CÂNDIDO, Sandra. *O Documento como fonte de Pesquisa Histórica*. 2002. Dissertação (Mestrado em História). Programa de pós-graduação em História, USS, 2002.

²³ A casa de Memórias Severino Sombra, localizada na cidade de Vassouras, mantém arquivos de seu proprietário e documentos pessoais e da instituição. Esses documentos possibilitaram traçar uma linha temporal para os acontecimentos que culminaram na criação do Centro de Documentação Histórica de Vassouras.

e socialmente no século XIX, encontra-se rico patrimônio. O centro histórico foi tombado em 1958 pelo IPHAN a fim de preservar o importante momento histórico vivido pela cidade e contribuir para a preservação de conexões materiais com o século XIX.²⁴ A cidade, além do centro histórico, conta com fazendas do período do ciclo cafeeiro, salvaguardando memórias do cultivo do café e da escravidão. Esse patrimônio passou por um período de descaso, assim como as fontes escritas, sendo ressignificado por meio do turismo, da conscientização da população sobre a importância da preservação e de eventos culturais realizados na cidade.

Importante citar a visita do historiador norte-americano Stanley Stein na cidade, no final da década de 1940. Sua vinda à cidade e suas pesquisas com as fontes documentais, que duraram cerca de um ano e meio, resultaram no levantamento de rico material. Seu estudo chama a atenção para as relações sociais e de poder do século XIX, para o empobrecimento do solo gerado pelo mau uso das terras no plantio indevido do café, que resultaram no esgotamento do solo e a decadência do café, que afetou todo o Vale do Paraíba fluminense, mas foi notável em Vassouras dada a quantidade de fazendas que havia. Seus estudos também chamaram a atenção para o potencial das fontes orais e iconográficas, já que, além das fontes documentais, ele tirou fotografias e realizou entrevistas. Ao término da pesquisa, esse material foi doado para a Unicamp, para sua preservação e disponibilização.

Este trabalho objetiva compreender os contatos que a Universidade Severino Sombra estabeleceu com essas fontes documentais a partir da criação do curso de História. Inicialmente acessada por alunos e funcionários da instituição, a documentação começou a ser catalogada. Para os alunos, essa experiência caracterizou uma oportunidade única de entender os processos que antecedem a disponibilização de documentos em arquivos. Para a universidade, possibilitou a preservação das fontes e o estabelecimento de um vínculo com a comunidade, e em igual medida um vínculo com a comunidade acadêmica, estreitando a relação ensino-pesquisa.²⁵

Para auxiliar na compreensão do objeto, é importante analisar a realidade arquivística das décadas de 1970 e 1980. Nesse período, a arquivologia passava por um momento de atualização, iniciado na década de 1970, com a realização de cursos para capacitar os funcionários que já exerciam cargos nos arquivos, incluindo o curso de nível

²⁴Sobre o tombamento do Centro Histórico de Vassouras: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/384/>. Acessado em 10/09/2020.

²⁵ KNAUS, Paulo. Usos do passado, arquivos e universidade. *Cadernos de Pesquisa do CDHIS*, n. 40, ano 22, p. 9-16, 1º sem., 2009, p.15.

superior em Arquivologia, a criação da AAB (Associação de Arquivistas Brasileiros), o reconhecimento da profissão de arquivista etc.²⁶

Importante também citar as mudanças que ocorriam na historiografia brasileira. Com a inclusão de novas tipologias documentais e novas formas de olhar para as fontes, os historiadores brasileiros repensam a escrita da história, renovando abordagens e linhas discursivas. Essas mudanças também ocorrem no século XX, criando uma identidade para a historiografia brasileira.

Quando os contatos com a documentação do arquivo municipal de Vassouras foram estabelecidos, auxiliados por mão de obra especializada, alunos e funcionários da instituição dão início ao “Projeto Documento-arquivo”, que seria responsável por realizar o levantamento das fontes primárias do Arquivo de Vassouras. Esse projeto teve início em março de 1979.²⁷ Participaram também do projeto-piloto de “Preservação da Documentação cartorária de Vassouras do século XIX”, e por meio dele a Universidade Severino Sombra é contratada para organizar a documentação cartorária do poder judiciário de Vassouras. Mais tarde, essa documentação seria confiada à tutela da Universidade, que deveria mantê-la em condições favoráveis à preservação e garantir seu acesso.²⁸

À medida que os trabalhos com a documentação avançavam, começaram as pesquisas e participações em eventos, trazendo visibilidade ao trabalho que estava sendo realizado pela instituição. Com a formação do Centro de Documentação Histórica de Vassouras em 1987, grande parte da documentação já havia sido catalogada e, para fins de registro e atualização, foi lançado o primeiro catálogo intitulado *Fontes para a História da Escravidão em Vassouras* em 1988.²⁹ Nele, um pequeno resumo dos esforços da Universidade Severino Sombra, dos professores e alunos foi registrado. Com o Centro de Documentação em funcionamento, as fontes passaram a ser acessadas.

A documentação eclesial, reunida desde a construção da Igreja Nossa Senhora da Conceição de Vassouras, também foi cedida à Universidade Severino Sombra para

²⁶ Em seu trabalho de conclusão de curso, Bárbara Audara remonta a trajetória da arquivologia nos anos 1970 até a criação do curso de arquivologia na UNIRIO. Em sua pesquisa, marca os passos iniciais rumo à criação do curso de graduação em arquivologia. ALMEIDA, Barbara Audara de. *Arquivologia na UNIRIO: uma viagem no tempo*. Rio de Janeiro, 2003.

²⁷ UNIVERSIDADE SEVERINO SOMBRA. *Sua base Física*. Vassouras: FUSVE, 1994.

²⁸ UNIVERSIDADE SEVERINO SOMBRA. *Datas para a história da cultura em Vassouras (de 1972 a 1993)*. Vassouras: FUSVE, 1993.

²⁹ UNIVERSIDADE SEVERINO SOMBRA. *Catálogo Fontes primárias para História da escravidão em Vassouras 1º catálogo*. Vassouras: FUSVE, 1988.

complementar o acervo.³⁰ Essa documentação se mostra importante, entre outros motivos, para levantar o número de pessoas, libertas e escravizadas, que habitavam a cidade de Vassouras. Muitos que habitaram a cidade no século XIX existiam apenas nesses registros de batismo, casamento e óbito.

Em 1994, a instituição comemora 25 anos de funcionamento. No mesmo ano, aprovado pela CAPES, é criado o Mestrado em História da Universidade Severino Sombra, com linhas de pesquisa que pudessem ser associadas à documentação, cujo foco escolhido foi o de história da escravidão.³¹ No ano de 1995, o catálogo *Fontes para a História da Escravidão em Vassouras* é atualizado, mostrando o progresso da Universidade Severino Sombra e agora também dos funcionários que haviam sido designados e preparados para trabalhar com a catalogação do acervo em período integral no centro de documentação.³² Nesse catálogo, agora com dois volumes, mostrando o acréscimo de fundos documentais, temos o acervo catalogado em sua totalidade e o acesso à documentação garantido, com auxílio de mão de obra especializada.³³

Para analisar melhor o objeto de pesquisa, que trata de acompanhar os contatos com a documentação eclesial, cartorial e judicial da cidade de Vassouras até que compusesse o acervo do centro de documentação Histórica da Universidade Severino Sombra, o projeto foi dividido de forma que fosse possível expor os contatos com a documentação, as tipologias documentais que se revelaram nos processos de catalogação e os usos dessa documentação para a pesquisa, a estrutura que se desenvolveu no CDH e os projetos realizados com o objetivo de realizar pesquisas, compartilhar informações com a comunidade local e alunos de escolas públicas e particulares.

Inicialmente, será abordada a situação arquivística no Brasil nas décadas de 1970 e 1980, período em que a arquivologia atualiza suas técnicas e a profissão de arquivista é reconhecida pelo Ministério do Trabalho. É também nesse período que a Universidade Severino Sombra inicia contatos com a documentação do arquivo municipal de Vassouras e, com o auxílio de mão de obra qualificada, prepara alunos e professores para trabalhar com fontes.³⁴

³⁰ Ibidem, p 7.

³¹ UNIVERSIDADE SEVERINO SOMBRA. *Sua base Física*. Vassouras: FUSVE, 1994. p. 16-17

³² UNIVERSIDADE SEVERINO SOMBRA. *Fontes primárias para História da escravidão em Vassouras 2º catálogo*. Vassouras: FUSVE. 1995.

³³ Conjunto de documentos de uma mesma proveniência. In: ARQUIVO NACIONAL (Brasil). *Dicionário brasileiro de terminologia arquivística*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional. 200, p. 97.

³⁴ UNIVERSIDADE SEVERINO SOMBRA. *Datas para a história da cultura em Vassouras (de 1972 a 1993)*. Vassouras: FUSVE, 1993.

A criação do curso de História das Faculdades Integradas Severino Sombra – posteriormente Universidade Severino Sombra (USS) e atualmente Universidade de Vassouras – foi o marco que tornou possível iniciar os contatos com a documentação. Desse modo, a preservação dessa documentação se mostrou importante não apenas para a comunidade vassourense, mas pela contribuição que poderia dar às pesquisas voltadas para a história do Vale do Paraíba fluminense no ciclo do café e da escravidão.

Para que o curso e o trabalho desenvolvidos se tornassem conhecidos, a USS participou e sediou eventos, entre eles o IV seminário de História do Vale do Paraíba, que ocorreu em 1976 e teve como foco a cidade de Vassouras e a pesquisa histórica.³⁵ Esse evento trouxe interessados na história regional e serviu para expor o trabalho de levantamento de fontes primárias que estava sendo realizado. A USS também se associa à cidade de Vassouras para alavancar a cultura e conscientizar a população do potencial cultural da cidade.³⁶ Assim, surge o Conselho Municipal de Cultura em Vassouras, em cuja parceria foram realizados eventos e cursos abertos à comunidade.³⁷

O segundo capítulo é dedicado a compreender os processos e convênios que levaram a documentação a ser salvaguardada pela USS. Com mão de obra qualificada e a participação dos discentes da Universidade, em destaque a professora Doutora Marilda Côrrea Ciribelli, a instituição traça vínculos que garantem a custódia dos acervos dispersos, agora reunidos.³⁸ O lançamento do primeiro catálogo, *Fontes Para história da Escravidão* de 1988, já citado, serve nesse momento como marco de todo o trabalho realizado e torna conhecidas as fontes salvaguardadas pela instituição.³⁹

Por fim, no terceiro capítulo, abordo o lançamento do segundo catálogo, *Fontes para a História da Escravidão* em 1995. Nele, fica nítida a evolução da catalogação do acervo, nas fichas catalográficas que apresentam pequenos resumos do conteúdo dos documentos e das partes envolvidas. É abordada também a composição do centro de documentação, a fim de compreender a estrutura que foi desenvolvida para higienizar a documentação, amparar o acervo que fora reunido e possibilitar seu acesso. Também será tratada a inclusão da documentação paroquial, um breve relato das possibilidades que as

³⁵ CIRIBELLI, Marilda Correa. *Planejamento histórico-cultural do município de vassouras*. Vassouras, 1976, p. 2.

³⁶ UNIVERSIDADE SEVERINO SOMBRA. *Datas para a história da cultura em Vassouras (de 1972 a 1993)*. 1993.

³⁷ CIRIBELLI, Marilda Correa. *Planejamento histórico-cultural do município de Vassouras*. Vassouras, 1976, p. 2.

³⁸ UNIVERSIDADE SEVERINO SOMBRA. *Fontes primárias para História da escravidão em Vassouras 1º catálogo*. Vassouras: FUSVE, 1988.

³⁹ (UNIVERSIDADE SEVERINO SOMBRA). *Ibidem*. Pág. 2

tipologias documentais presentes no acervo apresentam, dados sobre visitas ao CDH e palestras realizadas com a finalidade de aproximar a população local da documentação e das pesquisas realizadas a partir dela. Desta forma pretende-se compreender as particularidades do espaço onde o passado se manifesta no tempo presente, e a estrutura que permite que os documentos escritos sejam preservados e posteriormente acessados pelo historiador, garantindo um vínculo entre fonte e pesquisador.

2 ARQUIVOLOGIA, HISTÓRIA E DOCUMENTAÇÃO – OS PRIMEIROS CONTATOS COM A DOCUMENTAÇÃO DO ARQUIVO MUNICIPAL DE VASSOURAS

O foco do trabalho orbita os acontecimentos que levaram a Universidade Severino Sombra (USS), hoje Universidade de Vassouras, a estabelecer contatos com a documentação dos arquivos municipal, cartorário e eclesial situados na cidade de Vassouras, culminando na criação do Centro de Documentação Histórica (CDH), em 1987. Esse espaço se mostrou de fundamental importância para a preservação e a centralização da documentação, que se encontrava dispersa, desorganizada e em diferentes estágios de preservação.

Além do Centro de Documentação de Vassouras, objeto deste estudo, a cidade conta com outros arquivos. O Museu Casa da Hera possui um arquivo que abrange o Acervo da família Teixeira Leite e um conjunto de jornais do século XIX, os arquivos da Irmandade de Nossa Senhora da Conceição de Vassouras e da Santa Casa de Misericórdia. E, com o fim dos convênios que garantiam ao CDH a guarda dos fundos documentais, essa documentação é incorporada ao arquivo municipal sediado no IPHAN; já a documentação paroquial, que foi incluída na década de 2000 ao acervo, volta à casa paroquial, onde é criado o Centro de documentação Dr. Joaquim José Teixeira Leite. Além dos arquivos, há muita informação em acervos pessoais, contendo dados de gerações, nas famílias mais antigas de Vassouras, podendo ser documental, iconográfico ou mobiliário.

Neste capítulo, abordo a visita do historiador estadunidense Stanley Stein, que acessou a documentação ainda desorganizada e dispersa dos arquivos da cidade de Vassouras e produziu seus próprios registros a fim de entender as dinâmicas políticas, econômicas e sociais do período cafeeiro no Vale do Paraíba no século XIX e sua posterior e vertiginosa decadência. Seu trabalho com as fontes primárias levou à posterior publicação do livro *Grandeza e Decadência do Café*, que mais tarde seria reeditado em 1990, como *Vassouras: um município brasileiro do café 1850-1900*.

A pesquisa do livro chamou a atenção para o potencial de fontes que estavam esquecidas e mostrou como os relatos orais podem ser ricos, auxiliando na construção do objeto, que, combinado com o olhar do historiador estrangeiro, culminou numa abordagem única, que ainda é acessada. A propícia abordagem que o autor realizou sobre o tema, extrapolando a noção cristalizada de fonte, indo além das fontes do arquivo, atesta

uma abordagem singular acerca do tema, o que torna a obra referência para estudiosos do ciclo do café, da escravidão e de Vassouras até os dias atuais. É importante compreender a situação arquivística das décadas de 1970 e 1980, dado o período de atualização e cientificação em que se encontrava a arquivologia desde a década de 1960, e a influência que o avanço da arquivologia e os cursos que foram oferecidos e criados exerceram, influenciando os primeiros contatos da Universidade Severino Sombra com os documentos do arquivo Municipal de Vassouras até o momento que se consolidou como centro de documentação.

Esse período de atualização da arquivologia possibilitou uma melhor qualificação aos funcionários que trabalhavam com fundos arquivísticos e a criação de novas técnicas de arquivamento e de disponibilização de fontes para a pesquisa. As discussões iniciadas nesse período dariam uma ressignificação às fontes primárias e à sua preservação, levando-as a serem entendidas como patrimônio documental. Em 1978, a lei 6.546 de 04 de julho reconhece a profissão do arquivista e do técnico de arquivo, passo fundamental para o avanço da arquivística e para o reconhecimento dos funcionários que devotaram suas vidas ao trabalho com fontes.⁴⁰

Esse patrimônio, menos visível e notável que os patrimônios arquitetônicos e monumentais, na maioria das vezes acessado por um público mais específico – os pesquisadores –, deve também ser preservado, pois por meio deles são estabelecidas conexões com períodos passados, auxiliando no entendimento e na ressignificação de outros tipos de fontes e conectando o pesquisador com seu objeto de estudo. As décadas de 1970 e 1980 valorizam a arquivologia e voltam também os olhares para essas fontes primárias por vezes esquecidas em salas úmidas. É no arquivo que o primeiro momento de produção da História acontece, é por meio das informações que ele fornece que o historiador responde às suas questões e que a produção historiográfica acontece.

As mudanças que ocorreram dentro do arquivo, dada a qualificação que se iniciava da mão de obra que trabalharia diretamente com os documentos, passam a influenciar a forma como olhamos para essas fontes, tanto de forma técnica como por meio do olhar da pesquisa e da produção da História. O novo olhar para o trabalho arquivístico dá visibilidade a novas fontes. Além disso, são criados arquivos e centros de documentação.

⁴⁰A lei 6.546 de 04 de julho de 1978 regulamenta a profissão de arquivista e técnico de arquivo, incluindo os profissionais que trabalham por longo período em arquivos e os que possuem formação na área. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/1970-1979/L6546.htm. Acesso em: 15/09/2020.

No caso do centro de documentação que norteia este estudo, as novas técnicas de arquivamento e de disponibilização trouxeram à tona um rico conjunto de documentos.

Desse modo, analiso a criação do curso de História da Universidade Severino Sombra, crucial para que o contato com as fontes do arquivo municipal fosse estabelecido. Depois de décadas de abandono e descaso, essa documentação passaria a contribuir com pesquisas acerca da história de Vassouras, do Vale do Paraíba cafeeiro e da escravidão.⁴¹ Todavia, para que isso fosse possível, essa documentação percorreria um longo caminho. Além de estar prejudicada por não ter sido acondicionada de forma ideal para sua preservação, a documentação do Arquivo municipal de Vassouras estava desorganizada e inviável para acesso.⁴²

2.1 A visita de Stanley Stein ao Brasil e aos arquivos da cidade de Vassouras

A documentação do arquivo Municipal de Vassouras, mesmo antes de sua organização, foi consultada e utilizada como fonte para nortear pesquisas. Essa rica massa documental, resultante do período áureo vivido por Vassouras, foi alvo de muitas perguntas de pesquisadores que buscavam entender como a Vila surgiu e atingiu seu auge econômico por meio do cultivo de café, do estilo de vida luxuoso dessas pessoas e das relações sociais e de poder que se desenrolavam nos espaços públicos e privados.

José Mattoso Maia Forte foi um dos pesquisadores que se debruçou sobre essa documentação, a fim de entender os processos da fundação de Vassouras.⁴³ Em seu livro *Memória da Fundação de Vassouras – Do início do povoado a criação da Villa*, publicado em 1933, ano de centenário da criação da Vila de Vassouras, por solicitação

⁴¹UNIVERSIDADE SEVERINO SOMBRA. Fontes primárias para História da escravidão em Vassouras 1º catálogo. Vassouras: FUSVE. 1988. p. 7. Nesse catálogo, são descritos os processos que levaram à formação do Centro de Documentação Histórica. Tal catálogo encontra-se no museu de Memórias Severino Sombra e na Biblioteca Central da Universidade de Vassouras.

⁴²Acondicionamento: embalagem ou guarda de documentos visando a sua preservação. ARQUIVO NACIONAL (Brasil). *Dicionário brasileiro de terminologia arquivística*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional. 2005. p. 20.

⁴³José Mattoso Maia Forte nasceu no Rio de Janeiro em de 24 de dezembro de 1873. Foi político, dedicou-se aos estudos de História e à escrita. Os anos iniciais de sua educação foram em Vassouras, no colégio do Professor Alberto Brandão. Em seguida, matriculou-se na escola Naval, cujo curso abandonou para se dedicar ao funcionalismo público. Participou do batalhão acadêmico, por ocasião da Revolução Federalista tendo servido na defesa de Niterói. Na Administração Pública, foi Secretário-Geral e Secretário de Finanças do Estado. Além da administração dedicou-se às atividades culturais, promovendo a divulgação de fatos e acontecimentos históricos do seu estado. Pertenceu à Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, à Academia Fluminense de Letras, ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, à Academia Petropolitana de Letras e à ABI (Associação Brasileira de Imprensa). Contribuiu com jornais como *O Dia*, *O País*, *Jornal do Comércio* e *Tribuna de Petrópolis*. Essas informações se encontram em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Jos%C3%A9_Mattoso_Maia_Forte.

do prefeito Maurício de Lacerda, relata os fatos que orbitam o povoamento das terras do Vale do Paraíba Fluminense e os acontecimentos em torno de seu povoamento e desenvolvimento até ser nomeada como Vila de Vassouras em 1833.

Além dele, podemos mencionar Inácio Raposo, que em 1935 publicou *História de Vassouras*.⁴⁴ Em sua obra, dividida de acordo com as etapas sociais da história de Vassouras, o autor aborda a criação da vila de Paty do Alferes e sua transferência para Vassouras, a formação da vila, o período áureo e os lucros trazidos pelo café, sua decadência e o fim da escravidão, além das novas atividades econômicas da cidade e sua remodelação até o ano de publicação da obra.

Essas publicações, que frisam a trajetória de Vassouras até o seu centenário, tornam-se fontes importantes de análise do período que estudam e do período em que foram publicados. Mostram-se também complementares, uma vez que a publicação Mattoso Maia Forte levanta informações do início do povoamento da região até a criação da Vila de Vassouras, além de marcarem o centenário da criação de Vassouras. Por sua vez, Ignácio Raposo aborda desde a criação da vila em Paty do Alferes e sua posterior transferência para Vassouras até a década de 1930. As duas obras foram escritas por pessoas que tinham um vínculo com a cidade. Esse cenário memorialista acerca da história de Vassouras e seu auge no período cafeeiro seriam alterados por Stanley Stein.

O historiador americano Stanley J. Stein chegou ao Brasil em junho de 1948 e permaneceu até novembro de 1949.⁴⁵ Essa seria sua segunda visita ao Brasil, tendo sido a primeira em 1942, mas foi em 1949 que seu olhar estava voltado para a pesquisa histórica. Influenciado por sua esposa Barbara H. Stein – que havia estudado a América Latina e a história da escravidão, tendo inclusive frequentado o Nordeste do Brasil –, Stein decidiu abordar o período cafeeiro, visto que ainda era uma realidade marcante para

⁴⁴Ignácio Raposo nasceu em Alcântara, Maranhão, em 16 de julho de 1875. Filho do Comendador José Cursino Raposo e de Maria Teresa de Viveiros Raposo. Fez o primário em Alcântara e em seguida ingressou no curso de Humanidades no Liceu Maranhense, em São Luiz. Vivenciou o final do período imperial e o início do período republicano. Foi telegrafista na Empresa de Correios e Telégrafos, em Recife. Formou-se em Belas Artes no Rio de Janeiro, lecionou nos cursos de História e Direito. Essas informações estão na tese *Vislumbres da Alma na Cidade: Uma construção da imagem do lugar através do livro História de Vassouras*, de André Jacques Martins Monteiro.

⁴⁵Stanley J Stein nasceu em 1920 na cidade de Nova York, filho de imigrantes da Polônia Russa. Casou-se com Barbara H. Stein, com quem veio para o Brasil em 1948 e realizava pesquisas, incluindo sobre a ascensão e a queda do império espanhol, publicação que trouxe reconhecimento para ambos. Serviu na Marinha durante a Segunda Guerra Mundial e, ao retornar, retomou seus estudos. Tiveram três filhos. Barbara Stein faleceu em 2005 e Stanley vive atualmente em Princeton, Nova Jersey. Essas informações estão disponíveis em https://en.wikipedia.org/wiki/Stanley_J._Stein.

o Brasil de 1949, tendo em vista o pouco tempo decorrido da assinatura da Lei Áurea e da Proclamação da República.⁴⁶

Decidido o tema, e influenciado por seus estudos de Antropologia Cultural, Stein queria, para seu estudo de campo, uma cidade que tivesse tido papel importante na História do Café. Para que a escolha fosse bem-feita, pesquisou várias cidades e, a partir do censo que foi realizado no ano de 1872, escolheu a cidade de Vassouras. Desembarcou com sua esposa e sua filha no Rio de Janeiro em junho de 1948, permanecendo na cidade até o mês de setembro. Nesse período, pesquisou dados estatísticos na Biblioteca Nacional e optou por vir à cidade de Vassouras, que no século XIX tornou-se conhecida por “Princesa do Vale”, “Princesinha do café” ou “Cidade dos Barões”.

Com uma carta de Carlos de Lacerda e outra do Ministro das Relações Exteriores da época, Raul Fernandes – ambos pessoalmente relacionados com a cidade de Vassouras –, para o prefeito da cidade, Stanley consegue com mais facilidade ter acesso às informações que precisava. Naquele período, não havia arquivo na cidade, apenas um amontoado de documentos sediados em lugares pouco favoráveis à preservação. Então, além de buscar a informação que alimentasse sua pesquisa, passaria longo período buscando as fontes sem catalogação.

Para desenvolver a pesquisa, Stanley Stein escolheu o Arquivo Municipal e, posteriormente, o Cartório do Primeiro Ofício de Notas, mas não se ateve apenas aos documentos: também realizou entrevistas, registros fotográficos e gravou áudios, extrapolando os limites impostos pelas fontes escritas e recolhendo relatos ainda recentes do período escravista no Brasil. Entrevistando ex-escravizados e visitando fazendas, levantou grande quantidade de material, que, somado aos registros do arquivo, ajudou a compor um panorama de Vassouras no século XIX. Como o arquivo de Vassouras estava desorganizado e disperso, Stanley doou suas gravações e fotografias ao Arquivo Edgar Leuenroth, da Universidade de Campinas, criado em 1974.

Sendo entrevistado por Ricardo Salles, Keila Grinberg e Mariana Muaze – que compõem o corpo docente do curso de História da UNIRIO – em 2012, Stanley Stein revive seu período de pesquisa e partilha informações com os historiadores sobre sua estada no Brasil e as pesquisas realizadas.

⁴⁶Os dados aqui apresentados foram retirados da entrevista realizada por Keila Grinberg, Ricardo Salles e Mariana Muaze ao Historiador Stanley Stein em 2012. A entrevista ocorreu no escritório do Historiador entrevistado em seu escritório no prédio da Universidade de Princeton. A entrevista durou cerca de noventa minutos e está disponível no link http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-90742015000200003.

Primeiramente, para você realizar uma boa pesquisa comparada você tem que dominar o tema muito bem. E eu decidi que não iria pelo lado das generalizações, que iria fazer um microestudo. Vassouras seria meu microestudo e eu tentaria fazer de cabo a rabo, mostrando como iniciou e como acabou, em um período de 50, 60 anos. Minha teoria era a de que eu não iria fazer generalizações. Queria dizer que aquilo era como eu via e seu uso seria a partir disso. Eu acho que, provavelmente, foi melhor dessa maneira.⁴⁷

Stanley acessou o arquivo da cidade de Vassouras quando a documentação estava desorganizada e havia passado por décadas de abandono e descaso. Na entrevista, o historiador Ricardo Salles mostra a Stanley um bilhete com anotações em inglês, que foi encontrado junto com a documentação quase três décadas depois da visita de Stanley a Vassouras. Essas anotações do historiador estadunidense foram encontradas quando a Universidade Severino Sombra, por meio do trabalho na documentação proporcionado pela criação do Centro de Documentação Histórica de Vassouras, começou a catalogar, a disponibilizar e a realizar pesquisas com o apoio dessas fontes primárias. Imediatamente, reconhecendo a letra de sua esposa, Stein ressalta a habilidade de sua mulher para realizar anotações que permitissem voltar ao documento e se localizar facilmente. Além disso, recebe a notícia de que todas as fontes que auxiliaram sua pesquisa e outros fundos arquivísticos ocupam um único arquivo (Centro de Documentação Histórica de Vassouras).⁴⁸

O livro que resultou de sua tese foi publicado pela primeira vez em 1957. A primeira publicação da tese de Stein no Brasil foi intitulada *Grandeza e Decadência do Café* em 1961. No ano de 1990, o livro é reeditado e passou a se chamar *Vassouras: um município brasileiro do café – 1850 – 1900*.⁴⁹ Em seu livro, dividido em quatro partes, o autor aborda na primeira parte a criação das fazendas e a derrubada das matas para o plantio do café. Nesse momento, o investimento no café no Vale está em sua fase inicial, e os primeiros fazendeiros chegam à região abrindo estradas e movimentando a região, que ganharia visibilidade e atrairia comerciantes, gerando aumento da população.

Na segunda parte do livro, a abordagem se passa em torno da riqueza e da prosperidade geradas pelas fazendas e pela crescente produção do café, que refletia no

⁴⁷ Entrevista com Stanley Stein realizada por Keila Grinberg, Mariana Muaze e Ricardo Salles. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-90742015000200003.

⁴⁸ Os dados aqui apresentados foram retirados da entrevista realizada por Keila Grinberg, Ricardo Salles e Mariana Muaze ao Historiador Stanley Stein em 2012. A entrevista ocorreu no escritório do Historiador entrevistado em seu no link http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-90742015000200003

⁴⁹ Editora Nova Fronteira, 1990.

desenvolvimento da cidade de Vassouras e no comércio. Refletia também no solo, que, no momento em demonstrava sinais de esgotamento, levava ao desmatamento de uma nova porção de terras para o plantio de novas mudas de café, o que, segundo Stein, seria o primeiro sinal de decadência, que foi ignorado e acabou causando o esgotamento do solo e a ida dos cultivos de café para o Vale do Paraíba paulista. A ideia de Brasil que se construía nesse momento era de uma Europa tropical, refletida na arquitetura das casas de cidade e de fazenda, pelo luxo, requinte, ostentação e suntuosidade trazida pela crescente produção de café. Trata também do advento das linhas férreas em substituição ao transporte em lombo de burros e mulas.

A terceira parte do livro volta-se para as relações sociais estabelecidas entre homens livres e os clãs de fazendeiros que se formavam, como o clã Teixeira Leite, família que participou ativamente da fundação da vila de Vassouras. As relações de poder entre senhores e escravizados, incluindo os castigos e punições dados a fim de manter a ordem, a rotina que as pessoas levavam nas fazendas e as tradições religiosas manifestadas através do catolicismo e das religiões de matriz africana que foram ressignificadas nas senzalas e amparadas pelo sincretismo religioso, permitiu a esses escravizados manterem contato com suas religiões. Trabalha os usos do jongo entre os escravizados para se comunicarem por meio de linguagem cifrada, que podiam ser formas de comunicar fatos como brigas entre fazendeiros e o envelhecimento dos cafezais, além de poderem possuir duplo sentido, por vezes debochando dos coronéis e dos barões, traições, saudade da terra natal etc. Assim se comunicavam e passavam informações importantes sem que os fazendeiros percebessem.

A parte final do livro dedica-se a entender os motivos da decadência do café no Vale do Paraíba Fluminense. Resultado de grave desgaste do solo cultivado, da ausência de solo disponível para desmatamento e da implantação da monocultura do café e dos processos erosivos inicialmente ignorados pelos fazendeiros, causou grave desestruturação econômica. As consequências sofridas perante a libertação dos escravizados pela Lei do Ventre Livre, de 13 de maio de 1888, representou para os escravizados uma liberdade falsa, uma vez que estavam livres das senzalas, mas desabrigados e sem opções. Por sua vez, para os fazendeiros representou mais um passo do processo de decadência. Aborda também o trânsito de pessoas para lugares com outras possibilidades econômicas, a substituição das lavouras de café pela pecuária – em que

muitas casas sede de fazendas suntuosas se tornaram currais – e, finalmente, o legado que o ciclo do café deixou para a região.⁵⁰

Acima de tudo, a rápida adaptação da cultura cafeeira ao Vale do Paraíba acorrentou o Brasil, que emergira recentemente da dependência da metrópole, à continuação do estilo de vida e dos hábitos latifundiários coloniais da escravidão negra, do patriarcalismo, e das acentuadas divisões de classes sociais. Ao mesmo tempo que a grande lavoura cafeeira atraía africanos e europeus para o Brasil, deixou lamentavelmente de fornecer-lhes iguais oportunidades. O trabalhador rural negro e a mucama não foram integrados na sociedade brasileira e, sem preparo prévio para a liberdade, escravos e escravas foram entregues à sua própria sorte depois da emancipação. A fazenda de café do século XIX foi mais do que uma unidade de produção e um estilo de vida. Para o bem e para o mal da nação imprimiu marca indelével nos espíritos de todos aqueles que deixaram o Vale do Paraíba para enfrentar o destino em outras partes do Brasil.⁵¹

O contato de Stanley Stein com a documentação de Vassouras para a elaboração e a publicação de sua tese chamou a atenção para o trabalho pioneiro que realizou. Combinando registros arquivísticos, gravações de áudios e imagens, Stein realizou um dos trabalhos mais completos sobre o Vale do Paraíba cafeeiro e mostrou o potencial do trabalho com fontes de arquivo, atentando para a documentação esquecida da cidade de Vassouras. Tornou visível também como a iconografia e os relatos orais podem complementar a informação encontrada nos arquivos.

Para fomentar sua pesquisa, utilizou relatos de viajantes que passaram pela região, inventários, testamentos, publicações da época sobre o solo e os cultivos, livros como *História de Vassouras* de Inácio Raposo, que foi publicado em 1935 (já citado neste capítulo) além de levantar a história da cidade em estilo memorialista. Faz uso também de documentos sobre doações de sesmarias, jornais que circulavam em Vassouras e no Rio de Janeiro, processos cíveis e criminais, publicações do presidente da província do Rio de Janeiro e do governador do estado e informações censitárias da época.

A ação de catalogar e disponibilizar a documentação de Vassouras não foi imediata, pois levaria ainda duas décadas para que a documentação fosse organizada com o objetivo de compor um arquivo e ser acessada para fins de pesquisa. Contudo, definitivamente, foi influenciada pelo reconhecimento da publicação que resultou do

⁵⁰As informações citadas estão presentes em STEIN, Stanley J. *Grandeza e decadência do café*. Brasiliense, 1961.

⁵¹STEIN, Stanley J. *Grandeza e decadência do café*. Brasiliense, 1961. pp. 348-349.

estudo detalhado de Stanley Stein sobre o Vale do Paraíba cafeeiro e das reedições que se seguiram. Por esse motivo, é de cunho indispensável lembrar o trabalho que Stanley Stein realizou na cidade nos anos de 1948-49. Até a atualidade, o seu trabalho é referência para estudiosos do Vale do Paraíba, fornecendo uma visão única do ciclo do café, dos escravizados e sua rotina e do período pós-abolição, registrando a rotina e os relatos de ex-escravizados a partir das suas entrevistas e fotografias.

2.2 A realidade arquivística e historiográfica das décadas de 1970 e 1980 no Brasil

Apesar de a produção documental no Brasil ter se iniciado no período colonial, a oficialização de um espaço para a guarda de documentos no Brasil data do período imperial. Sendo proposta sua criação na constituição de 1824, anos mais tarde, em 2 de janeiro de 1838, ainda no período regencial que antecedeu o segundo reinado, foi criado o Arquivo Público do Império, responsável por armazenar os documentos públicos.⁵² A criação do arquivo viabilizaria a construção de uma identidade nacional, fundamental para um país recém- independente, seguindo países da Europa que lançaram mão da mesma prática, procurando se desvencilhar de sua história colonial e buscando centralidade perante as revoltas que estavam acontecendo.⁵³ Ainda no século XIX, foram criados outros arquivos, em níveis provincial e estadual, entre eles o arquivo do Paraná (1855), Bahia (1890) e Minas Gerais (1895).⁵⁴

O Arquivo Público do Império seria reformulado em 1911, tornando-se o Arquivo Nacional, que atualmente é referência em preservação documental e em acesso a fontes documentais. Nessa reformulação do Arquivo, surge a preocupação em capacitar os profissionais para trabalhar com documentos em museus, bibliotecas e arquivos. Esse curso seria considerado a primeira formulação de um pensamento arquivístico de cunho nacional.⁵⁵

O período pós-Segunda Guerra Mundial representaria uma mudança na produção de informações, que passa a se dar num ritmo de produção acelerado que exige um nível

⁵²<http://www.arquivonacional.gov.br/br/ultimas-noticias/872-em-2-de-janeiro-de-1838-era-criado-o-arquivo-publico-do-imperio-hoje-arquivo-nacional.html>.

⁵³ Olhares sobre a história dos arquivos e da arquivologia no Brasil. p. 7

⁵⁴ MELO, Josemar Henrique; SILVA, Ramsés Nunes; DORNELES, Sanderson. *Olhares sobre a história dos arquivos e da arquivologia no Brasil*. Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia (PBCIB). João Pessoa, v. 12, n. 1, p. 129-144, 2017.p. 137.

⁵⁵ CRIVELLI, Renato; BIZELLO, Maria Leandra. *A história da Arquivologia no Brasil. (1838-2012)*. Revista de la biblioteca y archivo histórico de la asamblea legislativa plurinacional. Vol. 6 - Nº 21 - La Paz, agosto 2012. pp 44-56. p 48.

de recuperação ativo⁵⁶. Esse período foi nomeado de “explosão informacional”, podendo também ser conhecido como “explosão documental”.⁵⁷ Esse excesso de informação queé produzido e armazenado exige uma reformulação dos processos de manutenção da informação, originando abordagens inovadoras para o campo arquivístico, atualizando o papel do arquivista.⁵⁸

Datam também da década de 1950 os avanços maciços na construção e no reconhecimento da arquivologia no Brasil.⁵⁹ Nessa década, deve-se destacar o historiador José Honório Rodrigues, que, em 1958, assumiu a diretoria do Arquivo Nacional.⁶⁰ Ele publica *A situação do Arquivo Nacional* em 1959, evidenciando a situação de descaso e de abandono em que se encontrava o Arquivo Nacional do Brasil.⁶¹ Para inverter a situação, o diretor do AN não apenas denunciou como também tomou medidas para a qualificação dos funcionários, o que seria um primeiro passo para se pensar qualificação profissional para trabalhar no arquivo.⁶² Para tal, buscou apoio nas técnicas arquivísticas de outros países e criou uma estrutura para que a prática arquivística fosse realizada com qualidade, desenvolvendo a arquivologia como área de conhecimento. Isso se mostraria fundamental para o desenvolvimento da arquivologia e seu posterior reconhecimento como profissão.⁶³

Em seu período no Arquivo Nacional, trouxe dois especialistas para contribuírem com a renovação da arquivologia no Brasil, o francês Henry Boullier de Branche, que ministrou dois cursos de aperfeiçoamento de arquivo destinados aos servidores do

⁵⁶ FILHO, Hilário Figueiredo Pereira. *Memórias em disputa: a Unesco e os processos de patrimonialização de acervos documentais*. UNIRIO, 2018. p. 146

⁵⁷ RIDOLPHI, Wagner Ramos. *A profissionalização do Arquivista no Estado do Rio de Janeiro*. UNIRIO, 2016. p. 37

⁵⁸ *Ibidem*, p. 37.

⁵⁹ ESPOSEL. José Pedro. *Informativo da Associação dos Arquivistas Brasileiros – Ano 12 nº 1 – jan./jul. de 2002*. p. 2

⁶⁰ José Honório Rodrigues, nasceu em 20 de setembro de 1913. Graduou-se em 1937 em Direito pela Universidade do Brasil (atual UFRJ). Nos anos de 1943-44 viveu e pesquisou nos Estados Unidos e estudou na Universidade de Columbia, lá despertou seu interesse pelo estudo de História da historiografia brasileira. Em 1958, recebeu o cargo de diretor do Arquivo Nacional, onde se manteve até 1964. Faleceu em 06 de abril de 1987 aos 73 anos. Texto disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Jos%C3%A9_Hon%C3%B3rio_Rodrigues

⁶¹ RODRIGUES, José Honório. *A situação do arquivo Nacional – ministério da Justiça e Negócios Interiores*. Rio de Janeiro, 1959.

⁶² ESPOSEL. José Pedro. *Informativo da Associação dos Arquivistas Brasileiros – Ano 12 nº 1 – jan./jul. de 2002*. p.2 o artigo de Jose Honório Rodrigues também é citado na tese FILHO, Hilário Figueiredo Pereira. *Memórias em disputa: a Unesco e os processos de patrimonialização de acervos documentais*. UNIRIO, 2018. p.147

⁶³ CRIVELLI, Renato; BIZELLO, Maria Leandra. *A história da Arquivologia no Brasil. (1838-2012)*. Revista de la biblioteca y archivo histórico de la asamblea legislativa plurinacional. Vol. 6 - Nº 21 - La Paz, agosto 2012. p 44-56. p. 48.

Arquivo Nacional em 1959 e 1960, e o estadunidense Theodore R. Schellenberg.⁶⁴ Em 1960, tem início o Curso Permanente de Arquivo,⁶⁵ com grade específica para a formação de mão de obra qualificada especificamente para trabalhar com a organização de acervos arquivísticos.⁶⁶

Esses arquivistas trariam não só o preparo para lidar com o arquivo, mas também discussões sobre preservação, seleção e o ciclo de vida dos documentos. Com a publicação de *Arquivos Modernos – princípios e técnicas*, Schellenberg inicia uma discussão sobre a manutenção de arquivos correntes. Às instituições arquivísticas cabe cuidar dos documentos apenas quando estes se tornam de cunho permanente, visando atender às demandas de pesquisa acadêmica.⁶⁷ Com a vinda de textos de arquivistas de outros países, notam-se particularidades nas propostas acerca do tratamento que deve ser dado ao documento aos processos de seleção e de guarda. Para Schellenberg, porexemplo, o valor que os documentos têm para a pesquisa é determinante no processo de seleção do conjunto permanente; já para Jenkinson, o arquivo permanente é uma continuação do arquivo corrente, e a seleção de documentos para a guarda deve ser feita pelos produtores da documentação, sendo considerados em sua análise também os arquivos de cunho particular. Já Terry Cook busca compreender o arquivo além de sua materialidade, chamando a atenção para a produção dos documentos e não para o espaço que os produziu.⁶⁸ Essas discussões evidenciam que pensar o arquivo está além do espaço físico em que os documentos se mantêm: pensa-se o processo de guarda, de seleção, de relevância e levantam-se diferentes teorias de formas de uso e armazenamento da documentação.⁶⁹

Com essas três visões díspares, fica claro o impacto que a seleção das fontes que passarão a compor o arquivo permanente pode influir no trabalho do pesquisador. Cabe ao historiador lidar com os vestígios do passado, que na maioria das vezes são fontes

⁶⁴MARQUES, Angélica Alves da Cunha. *Os espaços e os diálogos da formação e configuração da arquivística como disciplina no Brasil*. UNB, 2007. p. 137.

⁶⁵ ESPOSEL. José Pedro. *Informativo da Associação dos Arquivistas Brasileiros – Ano 12 nº 1 – jan./jul. de 2002*. p. 2

⁶⁶ MARQUES, op. cit., p. 137.

⁶⁷RODRIGUES, Ana Marcia Lutterbach. A teoria dos arquivos e a gestão dos documentos. *Perspect. ciênc. inf.*, Belo Horizonte, v.11 n.1, p. 102-117, jan./abr. 2006.p. 103

⁶⁸ MARQUES, op. cit., p. 104.

⁶⁹ O artigo supracitado de Ana Márcia Lutterbach Rodrigues “A Teoria dos arquivos e a gestão dos documentos” auxilia na compreensão do espaço que compõe o arquivo, bem como do papel do arquivista, que está além da organização do arquivo, teorizando o espaço e questionando métodos de seleção, gestão, guarda e preservação.

documentais. E ao arquivista cabe o processo de seleção de documentos que poderão se converter em fontes úteis à pesquisa. Para isso, é fundamental a imparcialidade.⁷⁰

Em outubro de 1971, foi criada a AAB (Associação de Arquivistas Brasileiros), que desde sua fundação trabalha para a valorização do arquivista e para que a arquivologia brasileira continue avançando, fazendo eventos, levantando discussões e auxiliando na formação do arquivista e na evolução da arquivística.⁷¹ Em 1972, foi autorizada a criação do curso superior de Arquivologia. Logo em seguida, em 1973, o Curso Permanente de Arquivo do Arquivo Nacional, estabelecido na década de 1960, é transferido para a FEFIERJ (Federação das Escolas Federais Isoladas do Estado do Rio de Janeiro), atual UNIRIO, ganhando espaço universitário.⁷²

Levaria pouco tempo para que outros cursos de graduação em arquivologia fossem oferecidos em instituições federais no Sul e no Sudeste brasileiro: na Universidade Federal de Santa Maria (também em 1977) e na Universidade Federal Fluminense (1978).⁷³ Em 1978, a profissão de arquivista e de técnico de arquivo foi reconhecida pela lei nº 6.546.⁷⁴ No mesmo ano, é criado o SINAR (Sistema Nacional de Arquivos) pelo decreto nº 82.308 de 25 de setembro, a fim de normatizar e padronizar as técnicas arquivísticas.⁷⁵ Entretanto, por seu regulamento não estar de acordo com a realidade dos arquivos brasileiros, o sistema acabou por não ser implantado.⁷⁶

Mesmo assim, esse decreto teve o mérito de despertar a atenção de vários governos estaduais para a importância dos arquivos na administração pública, motivando-os a criarem seus sistemas estaduais de arquivos. Foi o caso dos governos do Rio Grande do Norte, do Pará, de Sergipe e do Espírito Santo.⁷⁷

A década de 1970 marcou avanço inegável na capacitação e no reconhecimento dos arquivistas. Após décadas de estagnação, a arquivologia brasileira caminhou a passos

⁷⁰ MARQUES, Angélica Alves da Cunha. *Os espaços e os diálogos da formação e configuração da arquivística como disciplina no Brasil*. UNB, 2007. p. 104.

⁷¹ ESPOSEL. José Pedro. *Informativo da Associação dos Arquivistas Brasileiros – Ano 12 nº 1 – jan./jul. de 2002*. p. 3.

⁷² CRIVELLI, Renato; BIZELLO, Maria Leandra. *A história da Arquivologia no Brasil. (1838-2012)*. Revista de la biblioteca y archivo histórico de la asamblea legislativa plurinacional. Vol. 6 - Nº 21 - La Paz, agosto 2012. pp. 44-56. p. 50.

⁷³ *Ibidem*, p. 50.

⁷⁴ *Ibidem*, p. 44-56. p. 51.

⁷⁵ *Ibidem*, p. 51.

⁷⁶ O artigo 26 da lei 8.159-91 criou do Sinar (Sistema Nacional de Arquivos) e do CONARQ (Conselho Nacional de Arquivos) disponível em <http://conarq.arquivonacional.gov.br/o-sinar.html>.

⁷⁷ <https://www.estadovirtual.com.br/sinar-historia/>

largos rumo à cientificação e à atualização dos métodos de arquivamento. Esse processo seria conhecido como “estatização da cultura”, cujo termo foi cunhado devido à criação de projetos de proteção patrimonial a partir da iniciativa pública.⁷⁸ As iniciativas federais incentivam que polos menores, em níveis estadual e municipal, também organizem seus fundos arquivísticos. Por vezes, instituições privadas, associadas a órgãos públicos, desenvolvem parcerias em prol da preservação da documentação, e assim são criados centros de documentação, de memória ou de referência.⁷⁹

Um exemplo de centralização de documentos que surgiu em nível municipal foram os centros de documentação, vinculados a instituições de ensino. Diferentemente dos arquivos, não recebem a documentação de forma natural. Nos arquivos de cunho permanente, a documentação é transferida por meio da tabela de temporalidade, que determina o período de uso desse documento como corrente, intermediário e permanente. Os centros de documentação responsáveis pela recuperação de fontes e disseminação de informações recebem a documentação por meio de tutela, compra, doação etc. Estão presentes onde o arquivo não tem condições de preservar as fontes, ou de resgatar acervos de cunho particular.⁸⁰ Ao mesmo tempo em que a universidade poderia contribuir para a preservação de fontes e a pesquisa, havia também a preocupação com o controle de acesso a informações.⁸¹

Esses centros de documentação passariam a exercer uma função muito importante para a produção acadêmica: seriam eles os responsáveis pela reunião e pela centralização de informações, garantindo o acesso a essas fontes, tanto para professores e alunos quanto para a comunidade, mesmo as pessoas que não tivessem vínculo com o meio acadêmico.⁸² Um desses casos norteia o presente estudo. Por meio dele, podemos acompanhar como a universidade pôde alcançar espaços significativos no trabalho de preservação e realizar

⁷⁸ CRIVELLI, Renato; BIZELLO, Maria Leandra. *A história da Arquivologia no Brasil. (1838-2012)*. Revista de la biblioteca y archivo histórico de la asamblea legislativa plurinacional. Vol. 6 - Nº 21 - La Paz, Agosto 2012. pp. 44-56. p. 51.

⁷⁹ *Ibidem*, p. 52.

⁸⁰ BELLOTTO, Heloísa Liberalli. *Universidade e arquivos: perfil, história e convergência*. In: *Arquivo Estudos e Reflexões*. Belo Horizonte: UFMG, 2014. p. 71

⁸¹ KNAUS, Paulo. *Usos do passado, arquivos e universidade*. Cadernos de Pesquisa do CDHIS — n. 40 — ano 22 — p. 9-16 — 1º sem. 2009. p.10.

⁸² CAMARGO, Célia Reis. *Centros de documentação das universidades: tendências e perspectivas*. IN: SILVA, Zélia Lopes da (Org.). *Arquivos, patrimônio e memória: trajetórias e perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1999. p. 57

um serviço à história contida nessas fontes primárias, desprezadas ao saírem de sua fase corrente.⁸³

A evolução da arquivologia continua na década de 1980. Colhendo os benefícios dos avanços ocorridos nas duas décadas anteriores, na década de 1980 surgem cursos de pós-graduação *latu sensu* em universidades como UNIRIO, UFF e UFBA. Esses cursos de pós-graduação criados “[...] sinalizam o interesse das instituições de ensino superior, mas também as dificuldades em estabelecer cursos de graduação, principalmente em função de questões relacionadas com a capacitação do corpo docente”.⁸⁴ Com o curso superior de arquivologia recém-criado, pensar em alternativas para a qualificação desses que comporiam o corpo docente e formariam os próximos arquivistas seria um passo fundamental na evolução da disciplina.

Ainda em 1980, na edição de agosto da revista *Arquivo & Administração*, um artigo de José Honório Rodrigues faz uma dura crítica a como a documentação é tratada no país.⁸⁵ Ele afirma que o Brasil é relapso na coleta de documentos e que peca ora pela falta de fontes, ora pelo excesso de esconderijos. Compara o sistema do Brasil ao dos Estados Unidos e da Inglaterra, enfatizando a importância de manter a documentação centralizada e de investimentos para que o arquivo se mantenha. Critica a ausência de leis sobre a recolha e guarda de documentos. Ao final do artigo, o autor se mostrava preocupado com a substituição da história pela memória, enfatizando que a história é o olhar crítico sobre a memória, que é estática.

Também na década de 1980 começam as discussões em torno das questões de acesso à documentação e como essas informações eram utilizadas. A Constituição Federal de 1988 inclui no artigo 216 a manutenção dos arquivos e da informação advinda deles. “Cabem à administração pública, na forma da lei, a gestão da documentação governamental e as providências para franquear sua consulta a quantos dela

⁸³ Arquivo corrente: conjunto de documentos em tramitação ou não, que, pelo seu valor primário, é objeto de consultas frequentes pela entidade que o produziu, a quem compete sua administração. ARQUIVO NACIONAL (Brasil). *Dicionário brasileiro de terminologia arquivística*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional. 2005. p. 29

⁸⁴ TANUS, Gabrielle Francinne de Souza Carvalho; ARAUJO, Carlos Alberto Ávila. *O ensino da arquivologia no Brasil: fases e influências*. Revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação, v. 18, n. 37, pp. 83-102, mai./ago., 2013.p. 91

⁸⁵ RODRIGUES, José Honório. A desordem documental no Brasil. *Arquivo & Administração*, Rio de Janeiro. v.8 n.2 p 29-31, maio/agosto 1980.

necessitem.”⁸⁶ Essa inclusão marca um salto considerável no reconhecimento da importância do acesso à informação, mas pode também ser usada como limitador.⁸⁷

Em 1991, é criada a lei 8.159 de 8 de janeiro,⁸⁸ que ficou conhecida como lei dos arquivos. Esta trata sobre arquivos públicos e privados, nivelando a estrutura que deveriam apresentar.⁸⁹ Essa lei possibilita a reorganização do SINAR, para se adequar às necessidades dos arquivos, além da criação do CONARQ (Conselho nacional de arquivos), ligado ao Arquivo Nacional.⁹⁰

A revista *Acervo* do Arquivo Nacional estampa a Lei 8.159/91 na capa e homenageia José Honório Rodrigues reeditando e publicando o artigo *Acessibilidade do público aos documentos – sigilo e reserva*.⁹¹ Esse artigo, originalmente publicado em 1969, faz uma análise sobre questões de acesso em outros países e compara com a ausência de leis que prevejam a mesma questão no Brasil. Com apresentação de Celia Maria Leite Costa, a publicação do artigo é tida como uma homenagem a José Honório Rodrigues, que sempre procurou discutir questões de acesso às fontes e de qualificação em arquivos. “Seja através dos cargos públicos que ocupou, José Honório muito lutou pela preservação e divulgação do patrimônio documental do país”.⁹²

É importante citar que esse momento de preservação de diferentes tipos de memória não influenciaria apenas a Arquivologia. A partir da segunda metade do século XX, observa-se uma preocupação maior em discutir memória, tanto em sua face individual quanto em sua face coletiva. Essa discussão se intensifica a partir de 1970, consonante com a intensificação das práticas de preservação patrimonial. Para o historiador João Paulo Rodrigues em seu artigo “Diálogos entre História e Memória: a construção de um campo interdisciplinar de estudos”, essa evidência de uma intensificação na discussão sobre memória se mostra notória ao analisar os temas dos

⁸⁶ BRASIL, [Constituição (1988)], Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF: Presidência da República, [2016]. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 15/09/2020

⁸⁷ TANUS, Gabrielle Francinne de Souza Carvalho; ARAUJO, Carlos Alberto Ávila. *O ensino da arquivologia no Brasil: fases e influências*. Revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação, v. 18, n. 37, pp. 83-102, mai./ago., 2013. p. 92.

⁸⁸ BRASIL. Lei nº 8.159, de 8 de janeiro de 1991. Dispõe sobre a política nacional de arquivos públicos e privados e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8159.htm>. Acesso em: 15/09/2020

⁸⁹ CRIVELLI, Renato; BIZELLO, Maria Leandra. *A história da Arquivologia no Brasil. (1838-2012)*. Revista de la biblioteca y archivo histórico de la asamblea legislativa plurinacional. Vol. 6 - Nº 21 - La Paz, agosto 2012. pp. 44-56. p. 53.

⁹⁰ *Ibidem*, p. 53.

⁹¹ ARQUIVO NACIONAL. Revista *Acervo*. Rio de Janeiro. v.4, n.2, jul, dez, 1989-v.5, n.1, jan,1990.

⁹² (ARQUIVO NACIONAL), op. cit., p.7.

eventos realizados por historiadores no período supracitado. A discussão da memória traçada por ele levanta questionamentos importantes acerca de seus desdobramentos coletivo, individual e social. Acompanhando o raciocínio do francês Maurice Halbwachs, somos levados a questionar os conceitos que formamos sobre os tipos de memória. O autor, acompanhando a linha de pensamento do filósofo francês, defende que nossas memórias, por mais individuais e pessoais que sejam, estão impregnadas de características dos grupos aos quais pertencemos. Sendo assim, nossas memórias individuais, além de se tratar de recortes de realidade vistos a partir do ponto de vista de um indivíduo, estão carregadas de sua visão de mundo e dos conhecimentos aos quais temos acesso, ou seja, mesmo produzindo memórias apenas minhas, estou impregnada de tudo que aprendi e conheço, e isso vai afetar meu olhar para os acontecimentos e a formação das minhas memórias individuais.⁹³

Exemplo desse fato é que, mesmo como pesquisadores que estudam períodos e disciplinas comuns, somos tocados de formas diferentes, levados a estudar o que os inquieta e sensibiliza, e – ainda que partilhando da profissão e sendo de um mesmo grupo – somos tocados por objetos de pesquisa e temporalidades diferentes. Essa visão única e essa seleção de pensamentos, ideias e fragmentos de tempos passados também se encontram na realidade do arquivo, afinal, nesse espaço está o que foi considerado importante de ser preservado, fragmentos de passado, contaminados pelo seu produtor ou por seu preservador. Ao entrar no arquivo, o pesquisador solicita um documento ou lhe é indicado um espaço para a realização da pesquisa. Apesar de trabalhar frequentemente com fontes, nem sempre se imagina o caminho que o documento percorre desde sua produção até o arquivo e, posteriormente, a mesa de pesquisa.

Nesse caminho traçado pelas fontes, elas são submetidas a processos de seleção, arquivamento, catalogação e acesso. No entanto, entender o conjunto de atividades que compõem um arquivo vai muito além da sua materialidade: é nesse espaço que documentos de diferentes temporalidades e tipologias se mesclam e compõem um acervo. Nele também se dão os primeiros momentos da produção historiográfica, quando a pergunta que norteia a pesquisa toma forma e as respostas presentes nas fontes começam a nortear o resultado.

⁹³RODRIGUES, João Paulo. Diálogos entre História e Memória: a Construção de um campo interdisciplinar de estudos. In: FERREIRA, André Lopes; RODRIGUES, João Paulo; BRAUN, Lidia B.; PAULA, Ricardo Pires de; BELIEIRO, Thiago Granja; SILVA, Vicentônio Regis do N. *História – diálogos e paradigmas*. Jundiaí, São Paulo, Paco editora, 2013.

Os dados que derivam da consulta ao arquivo são resultado da reunião cuidadosa e da interpretação do historiador. O que chamamos de documentos normalmente recebem outro tipo de denominação e, por meio da pesquisa, são reorganizados, justapostos, recombinados, fragmentados para alimentar a pesquisa. *Esse gesto consiste em “isolar” um corpo, como se faz em física, e em “desfigurar” as coisas como peças que preenchem lacunas de um conjunto proposto a priori.*⁹⁴

Longe de aceitar os “dados”, ele os constitui. O material é criado por ações combinadas, que o recortam no universo do uso, que vão procurá-lo também fora das fronteiras do uso, e que o destinam a um reemprego coerente. E o vestígio dos atos que modificam uma ordem recebida e uma visão social.⁹⁵

Os dados produzidos, tanto os que são encontrados no arquivo quanto os que resultam da pesquisa, surgem pela combinação das fontes com a visão do historiador, o que significa que estão impregnados da sua visão de mundo, assim como a produção que vai resultar de sua pesquisa. O arquivo também é memória. A contemporaneidade tem por hábito se desprender dos vínculos com períodos passados, isolando-os em lugares onde o acesso é facultativo, utilizando artefatos materiais e arqueológicos para que memória e indivíduo se conectem, estabelecendo sentimentos de pertencimento, familiarização, conexão, nacionalidade, proximidade etc. Museus, arquivos, monumentos e espaços tidos como lugares de memória são acessados para uma conexão momentânea com o passado. Segundo Pierre Nora, a memória se tornou alvo de discussões porque ela não existe mais, e esses lugares de memória são uma conexão isolada com um passado já esfacelado.

Para exemplificar sua teoria, o autor cita as tradições camponesas que se perderam com o advento da produção fabril. Possuímos espaços de memória porque não possuímos mais a memória, não é mais algo visto como nosso, está distante.⁹⁶ Tal mobilidade faz com que se perca a capacidade de vínculo e de fazer parte de determinado espaço, assim essa amnésia conduz os indivíduos à alienação. Essa produção rápida e constante de

⁹⁴CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982. p. 70.

⁹⁵ *Ibidem*, pp. 70-71.

⁹⁶ NORA, Pierre. *Entre Memória e História: a problemática dos lugares*. Tradução de Yara Aun Khoury. Projeto História. São Paulo: PUC-SP. N° 10, p. 12. 1993.

informação pelos meios de comunicação em massa que privilegiam experiências transitórias condena a produção de memória longa.⁹⁷

2.3 A Universidade Severino Sombra, a criação do curso superior de História e os primeiros contatos com a documentação do Arquivo Municipal de Vassouras

A História passaria por uma reformulação a partir do final da década de 1950. No texto *A historiografia fluminense a partir dos anos 1950/1960: algumas direções de pesquisa*, Francisco Falcon faz uma análise das mudanças vivenciadas pela abordagem histórica, estabelecendo um parâmetro geral, mas focando sua análise no Rio de Janeiro.⁹⁸ As periodizações históricas por vezes se encontravam ligadas às fases da história política ou à história das ideias. O ano de 1971 é marcante para a História, pois nele se marca a institucionalização dos cursos de pós-graduação. Portanto, essa data passa a ser vista como um divisor para a historiografia brasileira, pois a partir desse momento a pesquisa histórica passaria a assumir um papel permanente nas instituições de ensino, gerando um crescimento na produção acadêmica, o que significaria uma reformulação na escrita da história. Em 1960, é realizado o primeiro Congresso Brasileiro de Universitários de História, no qual se nota uma preocupação em modernizar as técnicas de ensino e na formação dos futuros professores. Nessa reformulação, percebe-se a influência de autores estrangeiros como March Bloch, L. Febvre e Fernand Braudel, o que remete a uma história com uma vertente social e comprometida com o presente do pesquisador. Em contrapartida, tem-se uma abordagem marxista que leva à valorização de obras como as de Caio Prado Jr. Entre os anos de 1961 e 1969, a partir de uma análise superficial dos simpósios de professores universitários, a presença de novas abordagens metodológicas se evidencia e começa a questionar as tradições historiográficas vigentes.⁹⁹ Em 1968, é realizado o primeiro encontro sobre “introdução ao estudo da História” em que são abordadas pesquisas com métodos quantitativos. O texto de Falcon também referencia a realização do seminário internacional para discussão de aspectos referentes à produção historiográfica brasileira no que diz respeito à história da

⁹⁷ MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. A crise da memória, história e documento: reflexões para um tempo de transformações. In: SILVA, Zélia Lopes da. (org.) *Arquivos, Patrimônio e Memórias – Trajetórias e perspectivas*. Completar referência

⁹⁸ In: GLEZER, Raquel. (Org.). *Do passado para o futuro – edição comemorativa dos 50 anos da Anpuh*. São Paulo: Contexto, 2011

⁹⁹ FALCON, op. cit. p. 19-20.

agricultura. Esse evento rendeu frutos, dentre eles deve-se destacar o levantamento de fontes que foi realizado em quase todos dos estados brasileiros e que, certamente, influenciariam o levantamento de fontes que seria realizado em Vassouras. A historiografia do Vale do Paraíba na década de 1970 se mostrou ainda em desenvolvimento, mas os eventos da década seguinte renderiam discussões e muitas publicações, entre eles vale destacar o Congresso internacional do centenário da Abolição da escravidão (1988). A década de 1990 trouxe um questionamento sobre o passado e sua representação o que levaria a um questionamento do papel da história, trazendo novas abordagens, questionando a escrita, permitindo o desenvolvimento dos cursos de graduação e pós-graduação da área.¹⁰⁰

É nesse ambiente de renovação, novas discussões e pesquisa que surge a Universidade Severino Sombra no interior do estado do Rio de Janeiro. Severino Sombra, tendo se reformado como general, afasta-se da carreira militar, passa a se dedicar à política e à educação, cria a Sociedade Universitária John F. Kennedy e a Fundação Universitária Sul-Fluminense (FUSF) em 1956, tendo sido o curso de Medicina o primeiro a receber autorização para funcionamento.¹⁰¹ A Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras recebe autorização para atuar em 1971 na cidade de Paraíba do Sul. No ano seguinte, passa a ser sediada em Vassouras, e os cursos oferecidos são reconhecidos pelo MEC no ano de 1976.

Em 1973, o Departamento de História da instituição começa a mostrar seu interesse na documentação da cidade de Vassouras. Como já abordado, a maioria dos documentos

¹⁰⁰ FALCON, Francisco. A historiografia fluminense a partir dos anos 1950/1960: algumas direções de pesquisa. In: In: GLEZER, Raquel. (Org.). Do passado para o futuro – edição comemorativa dos 50 anos da Anpuh. São Paulo: Contexto, 2011.

¹⁰¹ Severino Sombra de Albuquerque nasceu em Maranguape (CE) em 8 de junho de 1907. Filho de Vicente Liberalino de Albuquerque e Francisca Sombra de Albuquerque e tendo como avô o Coronel José de Sousa Sombra, que participou da política no Ceará nos períodos imperial e republicano. Iniciou os estudos primários em 1915 no Colégio Irmãos Maristas, em Fortaleza. Aos 15 anos, transferiu-se para o Rio de Janeiro afim de se preparar para a carreira militar, ingressando na Escola Militar de Realengo. Já de volta ao Ceará em 1929, como aspirante a Oficial, funda a “Folha dos Novos”, mensário de renovação intelectual, seguindo a linha de Jackson de Figueiredo. Em 1931, criou a Legião Cearense do Trabalho, em que reuniu as associações de classes regionais, com um tribunal que foi o primeiro esboço de Justiça do Trabalho na América. Em 1932, criou o JOC (Juventude Operária Católica). Devido à sua atuação política, foi preso e exilado em Portugal, onde passou a estudar a História do Brasil na Torre do Tombo e no Arquivo Histórico e Colonial de Lisboa. Pertenceu à Ação Integralista Brasileira, da qual se afastou por não partilhar as mesmas ideias de Plínio Salgado. Teve participação ativa na fundação do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil, onde foi primeiro secretário. Continuou a se dedicar à carreira militar até 1957, quando se reforma como General e passa a se dedicar à política e à educação. Faleceu em 12 de março de 2000 aos 92 anos.

Essas informações se encontram em http://portal.ceara.pro.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2541&catid=293&Itemid=101 e https://pt.wikipedia.org/wiki/Severino_Sombra.

se encontrava abandonada, esquecida e armazenada em más condições de acumulação.¹⁰² Ademais, a falta de espaços próprios para a guarda adequada de acervos e de pessoal qualificado para trabalhar com a documentação não acometia apenas o Arquivo Municipal da cidade de Vassouras. Além das condições ruins de acondicionamento, a documentação encontrava-se em prédios diferentes.¹⁰³ Segundo os registros acerca dos contatos iniciais da Universidade Severino Sombra com a documentação, parte dos documentos foi encontrado na Oficina Mecânica do Município e até mesmo na caixa d'água.¹⁰⁴ Essa situação pode implicar descaso e desconhecimento não apenas da existência dessas fontes, mas de seu potencial. Seriam necessários olhos treinados à pesquisa para que esses documentos ganhassem voz.

Para que os arquivos pudessem ser unificados e, principalmente, acessados por pesquisadores e pela comunidade não acadêmica, um longo caminho ainda seria percorrido. Além de desorganizada e dispersa, a documentação sediada pela prefeitura de Vassouras se encontrava em diferentes estágios de preservação e sob a guarda de diferentes órgãos. O projeto de pesquisa sobre a organização desses depósitos foi concebido pela professora Dr^a Marilda Ciribelli,¹⁰⁵ que à frente da cadeira de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade Severino Sombra mediu os contatos com os responsáveis pela documentação, com Raul Lima, responsável pelo Arquivo Nacional em 1973, e com a AAB (Associação dos Arquivistas Brasileiros). Esses dois últimos tornariam possível a vinda de arquivistas para analisar a documentação que ainda se

¹⁰² Acumulação: Reunião de documentos produzidos e/ou recebidos no curso das atividades de uma entidade coletiva, pessoa ou família. In: Dicionário brasileiro de terminologia arquivística p. 20

¹⁰³ Acondicionamento: embalagem ou guarda de documentos visando a sua preservação e acesso. ARQUIVO NACIONAL (Brasil). Dicionário brasileiro de terminologia arquivística. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional. 2005. p. 20.

¹⁰⁴ UNIVERSIDADE SEVERINO SOMBRA. *Datas para História da Cultura em Vassouras (de 1972-1993)*. Acervo da Casa de Memórias Severino Sombra.

¹⁰⁵ Marilda Correa Ciribelli nasceu em Niterói – RJ em 1932. Formou-se em História e Geografia em 1956, fez cursos de pós-graduação no Brasil e no exterior em Universidades como a de Roma, Florença e Sorbonne, obtendo diplomas *lato* e *stricto sensu*, concluindo o doutorado na Universidade de São Paulo em 1975. Nas décadas de 1980 e 1990, dedicou-se aos seus cargos na UFRJ como coordenadora da área de História antiga e medieval e ao seu cargo de coordenadora do curso de História na Universidade Severino Sombra. Em seu cargo na cidade de Vassouras, procurou alavancar os estudos de História regional e trabalhou para a preservação das fontes documentais da cidade de Vassouras. Em trabalho precursor, realizou o levantamento das fontes primárias dos arquivos da cidade de Vassouras, que culminou na criação do Centro de Documentação de Vassouras em 1987, publicando o “Primeiro Catálogo de Fontes Primárias da História da Escravidão em Vassouras” em 1988, mostrando o trabalho que era realizado na documentação de Vassouras. Como diretora do Centro de Documentação, promoveu cursos de pesquisa histórica regional, organizou e centralizou as fontes do Arquivo Municipal e do Arquivo da Casa Paroquial com auxílio de alunos e funcionários da Universidade Severino Sombra. A criação do Centro de Documentação permitiu que o primeiro curso de Mestrado em História fosse criado numa instituição privada em 1990. Em 1999, aposentou-se e desvinculou-se da Universidade Severino Sombra. Essas informações estão disponíveis em <https://ihgb.org.br/perfil/userprofile/MCCiribelli.html>.

encontrava desorganizada e dar cursos de formação a funcionários e alunos da USS dos 7º e 8º períodos do curso de História.¹⁰⁶

Em 1976, os cursos de História, Letras e Pedagogia foram reconhecidos pelo Conselho Federal de Educação. O III Simpósio de História do Vale do Paraíba, realizado em julho do mesmo ano, reuniu Historiadores em Pindamonhangaba no estado de São Paulo. Nele, a professora Marilda Ciribelli apresentou o “Planejamento histórico-cultural do município de Vassouras”, traçando metas para a vida cultural da cidade e para a organização das fontes documentais. Dentre os seus objetivos estavam o levantamento das fontes primárias sediadas na cidade de Vassouras, que poderiam contribuir para a história de Vassouras e do Vale do Paraíba no período do ciclo do café, quantificar os monumentos históricos da cidade, levantar informações sobre as manifestações culturais da cidade (capoeira, jongo, caninha verde), despertar o interesse de acadêmicos e pesquisadores para o trabalho que começava a se realizar nas fontes primárias e conscientizar a população de Vassouras da importância da preservação patrimonial.¹⁰⁷

Para que o planejamento fosse viável, foi proposto o levantamento das fontes primárias, dos monumentos históricos, das manifestações de cunho cultural, das fazendas históricas da região e da documentação sobre a história de Vassouras que estivesse fora do município.¹⁰⁸ Realizariam o levantamento das fontes primárias e secundárias, livros sobre diferentes temas que contivessem informações sobre o município, livros da História do Brasil que citassem Vassouras e livros sobre a história de Vassouras. Esse levantamento seria feito em parceria com o departamento de Ciências Sociais da universidade, com o Departamento de Cultura da Secretaria de estado de Educação, Cultura e Trabalho do estado do Rio de Janeiro e com o Conselho de Cultura de Vassouras.

Ainda em 1976, dando continuidade às discussões, foi realizado em outubro o II Encontro do Patrimônio Cultural. Nesse evento, deve-se dar destaque à palestra da professora Marilda Ciribelli, intitulada “Pesquisa Histórica em Vassouras”. Nela, a palestrante chamou a atenção para a cidade como polo de estudo da história do Vale do Paraíba e enfatizou a importância da participação dos alunos na pesquisa. Além disso,

¹⁰⁶ UNIVERSIDADE SEVERINO SOMBRA. *Relatório anual de atividades. Faculdades integradas Severino Sombra*. Vassouras: FUSVE Ano de 1977. Arquivo Severino Sombra. p. 9 Acervo da Casa de Memórias Severino Sombra.

¹⁰⁷ Esses objetivos estão citados na publicação da professora Marilda Correa Ciribelli. *Planejamento histórico-cultural do município de Vassouras*. Acervo Casa de Memórias Severino Sombra.

¹⁰⁸ CIRIBELLI, Marilda Correa. *Planejamento histórico-cultural do município de vassouras*. Vassouras, 1976 p. 4. Acervo Casa de Memórias Severino Sombra.

abordou o projeto da reunião do patrimônio documental e a ressignificação da cultura em Vassouras. Esse evento realizado em parceria com a Fundação Educacional Severino Sombra (FUSVE), a Prefeitura de Vassouras, a Associação Sul-Fluminense de Seleção de Recursos Humanos e o Núcleo Sul-Fluminense da Associação de Professores Universitários de História teve em sua programação, além da palestra já mencionada, uma conferência sobre patrimônio, com divisão de grupos para discussão de diversos temas, que incluíam iconografia, pesquisa antropológica e folclore.¹⁰⁹ Foram feitas também visitas ao museu Casa da Hera e à Fazenda São Luiz da Boa Sorte, fortalecendo as definições de patrimônio e mostrando a riqueza histórica de Vassouras aos visitantes.

Assim, a Universidade Severino Sombra buscava estreitar os laços com a comunidade vassourense.¹¹⁰ Para isso, realizavam eventos que envolvessem a população. Para facilitar o vínculo da Universidade com a população e estreitar os laços com a Prefeitura de Vassouras, em 1977, foi criado o Conselho Municipal de Cultura. O objetivo da criação do conselho era alavancar a vida cultural da cidade de Vassouras, mostrando seu potencial histórico-cultural e despertando a população a conhecer a história da cidade. Nos meses de junho e julho de 1977, foi realizado um treinamento para que pesquisadores pudessem inventariar a documentação das instituições municipais. Em setembro, foi realizada uma exposição pública de documentos, realizada pelo departamento de Ciências Sociais, que envolveu o Conselho Municipal de Cultura, o Arquivo Estadual e a Biblioteca Central da USS.¹¹¹ Foi realizada também, em setembro do mesmo ano, uma palestra de pesquisadores sobre folclore.¹¹²

¹⁰⁹ UNIVERSIDADE SEVERINO SOMBRA. *Universidade Severino Sombra. Sua base Física*. Vassouras, 1994. Acervo Casa de Memórias Severino Sombra.

¹¹⁰ Comunidade é um constructo sociológico que abrange interações, comportamentos que possuem significado e geram expectativas entre seus membros. Pode ser definida como um conjunto de atos baseados em expectativas, valores, crenças e /ou algo que possua significado para seus membros; é difícil determiná-las suas fronteiras e seus membros podem participar de outras comunidades, possuindo mobilidade. Esse conceito se encontra disponível em: <http://cec.vcn.bc.ca/mpfc/whatcomp.htm#:~:text=Uma%20Comunidade%20C3%A9%20uma%20Constru%C3%A7%C3%A3o,expectativas%20entre%20os%20seus%20membros>.

Sociedade pode ser definida como “Conjunto de membros de uma coletividade, subordinados às mesmas leis ou preceitos. União de várias pessoas que acatam um estatuto ou regulamento comum: sociedade cultural.” Este conceito se encontra em: <https://www.dicio.com.br/sociedade/>

Ambos os conceitos mostram a necessidade de laços, gostos em comum ou algo que os una como grupo, ou seja, quando usados podem mostrar que está delimitando um grupo social específico. Ao usar esses termos associados à discussão sobre a documentação, nota-se uma delimitação, sendo especificadas pessoas que teriam acesso, conhecimento ou interesse acerca da documentação.

¹¹¹ UNIVERSIDADE SEVERINO SOMBRA. *Relatório anual de atividades. Faculdades integradas Severino Sombra*. Ano de 1977. Acervo Casa de Memórias Severino Sombra. p. 11

¹¹² UNIVERSIDADE SEVERINO SOMBRA, *Ibidem* p. 11.

Dessa forma, por meio de um trabalho interdisciplinar, as universidades poderiam contribuir para a catalogação de fontes e para a qualificação da mão de obra presente nos arquivos, além de estabelecer convênios e permutas que possibilitassem sediar a documentação num espaço apropriado à sua preservação. Essa possibilidade levaria à catalogação de acervos esquecidos, revelando fontes úteis à pesquisa, que possibilitariam novas abordagens e novas discussões. Por meio do recém-criado departamento de Filosofia, Ciências e Letras da FUSVE, iniciam-se discussões sobre a preservação do patrimônio local. Para realizar tal tarefa, lançaram mão da disciplina “Introdução aos estudos históricos”.

Em 1977, a professora Doutora Marilda Correa Ciribelli, chefe do departamento de História da Universidade Severino Sombra, é nomeada para participar do Conselho Municipal de Cultura de Vassouras. Objetivando conscientizar a população para a importância do patrimônio de Vassouras e de sua preservação, desejando ainda despertar o sentimento de pertencimento, esse conselho é criado de forma a promover eventos e envolver a comunidade.¹¹³ Grande parte da população desconhece a História da cidade e não entende os significados dos monumentos, prédios e da necessidade de preservar o centro histórico.¹¹⁴ Cito como exemplo minha experiência, antes de participar do programa Jovens Talentos, em que meu desconhecimento da História da cidade era quase completo.

Entretanto, logo ficaria claro que o patrimônio de Vassouras não estava apenas nos edifícios e no centro histórico tombado, mas também na rica – e esquecida – massa documental reunida desde o século XIX. Essa documentação, dispersa e desorganizada, reunia centenas de registros, abordagens discursivas que já haviam sido abandonadas e poderia ressignificar os espaços – preservados ou não – da cidade.

¹¹³ PORTO, Vera Maria Cordilla. Passos de uma trajetória - razão e emoção, Vassouras, 2015.

¹¹⁴ População: é o conjunto de todos os habitantes de determinado local. O termo densidade populacional é usado para referenciar a quantidade de pessoas que ocupam determinada área. Disponível em: significados.com.br/população/. Esse conceito foi identificado para explicitar que o trabalho de conscientização acerca da história de Vassouras e da riqueza do patrimônio local seria realizado com os habitantes da cidade de forma geral, buscando despertar o sentimento de pertencimento.

3 A CRIAÇÃO DO CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO HISTÓRICA – CDH

No capítulo anterior, foram abordados a visita do historiador norte americano Stanley Stein a cidade de Vassouras, os acontecimentos que levaram à criação do curso de História na Universidade Severino Sombra e o contato da instituição por meio de seu corpo docente e discente com a documentação do arquivo municipal de Vassouras. Cito também os acontecimentos que orbitaram o campo da arquivística, as atualizações que possibilitaram o reconhecimento da profissão de arquivista no Brasil e as transformações que a historiografia brasileira vivenciou a partir da década de 1960.

Neste capítulo, abordo o IV Seminário de História do Vale do Paraíba, evento sediado pela USS em 1978, cujo objetivo era chamar a atenção para o rico patrimônio da cidade de Vassouras – manifestado de forma arquitetônica e documental. Busco compreender os convênios que garantiram à Universidade Severino Sombra acesso às fontes do Arquivo Municipal e posteriormente da sede Vassourense da OAB e da Casa Paroquial.

O projeto *Documento Arquivo* revelou um rico conjunto de documentos que poderiam ser utilizados como fontes de pesquisa, auxiliando na busca pela compreensão das relações sociais e de poder que se desenrolavam na cidade de Vassouras no século XIX e que se refletiam nas demais localidades do Vale do Paraíba Fluminense, com realidades semelhantes. A criação do Centro de Documentação Histórica, vinculado à Universidade Severino Sombra, também é foco da discussão deste capítulo. Esse momento marca o desejo de não apenas organizar a documentação, mas também de disponibilizá-la para acesso, incentivando seu uso em pesquisas.

Abordo aqui, também, os acontecimentos que orbitaram o conjunto documental em 1988, ano da comemoração do centenário da assinatura da Lei Áurea, fato que intensificou as discussões acerca da História da escravidão. Entre esses acontecimentos, se encontra a publicação do *Guia brasileiro de fontes para a História da África, da escravidão negra e do negro na sociedade atual*, em que a documentação dos arquivos de Vassouras é citada. A *Exposição de documentos sobre a escravidão em Vassouras*, no mesmo ano, oficializou a criação do CDH e mostrou a riqueza documental do acervo, expondo peças de diferentes tipologias documentais. Nela também foi lançado o *1º Catálogo de Fontes para a História da Escravidão em Vassouras*, que atesta os esforços da Fundação Educacional Severino Sombra (FUSVE) em prol da reunião da

documentação e mostra o avanço na catalogação por meio do levantamento detalhado das fontes já organizadas, tornando-se uma importante fonte que norteia esse estudo.

Com as discussões sobre a Lei Áurea e a escravidão, as fontes do Centro de Documentação de Vassouras ganham visibilidade. Os eventos realizados pela instituição e sediados no recém-criado CDH mostram a identidade do arquivo, que com grande número de inventários, testamentos e processos chama a atenção de estudiosos do século XIX, principalmente os que buscam compreender a realidade das vilas cafeeiras escravistas do Vale do Paraíba Fluminense. Já o catálogo lançado a nível Nacional nos lembra que a escravidão foi um regime econômico utilizado em todo o país e incentiva o estudo de outros estados além do Rio de Janeiro e São Paulo, evidenciados pelo ciclo do café.

3.1 O projeto Documento arquivo e a organização da documentação do Arquivo municipal de Vassouras

Representando um grande passo para a Universidade Severino Sombra, no ano de 1978, foi realizado em Vassouras, o IV Simpósio de História do Vale do Paraíba. Esse evento teve o foco voltado para pesquisa, documentação, arquivo e rotinas de organização documental. O principal objetivo em sediar o evento era chamar atenção para o trabalho que estava sendo realizado na documentação do Arquivo municipal de Vassouras, promovido pelo Departamento de História da Universidade, com a colaboração do Conselho Municipal de Cultura. “Vieram à Vassouras grandes historiadores brasileiros que tomaram conhecimento da atividade cultural pioneira que vinha sendo desenvolvida [...]”.¹¹⁵ Desse modo, o Arquivo Nacional teve participação fundamental, contribuindo para o sucesso do congresso com uma exposição de documentos inéditos sobre Vassouras, que se encontravam no seu acervo, e realizando um curso sobre arquivística ministrado pela diretora da Associação Nacional dos Arquivistas Brasileiros.¹¹⁶

Em associação com a direção do Arquivo Nacional e o departamento de Ciências Sociais da Faculdade, o evento era destinado aos acadêmicos e à comunidade do município de Vassouras e objetivava passar informações sobre arquivamento e sobre a

¹¹⁵ *Datas para História da Cultura em Vassouras (de 1972- 1993)*. Acervo da Casa de Memórias Severino Sombra. p. 3

¹¹⁶ UNIVERSIDADE SEVERINO SOMBRA. *Relatório anual de atividades. Faculdades integradas Severino Sombra*. Ano de 1977. Acervo Casa de Memórias Severino Sombra. p. 11

importância da preservação do patrimônio cultural municipal, motivar o estudo de História e, de forma mais incisiva, a história do Vale do Paraíba, tomar conhecimento da situação dos arquivos no Vale do Paraíba e também passar informações sobre a aplicação da tabela de temporalidade dos arquivos.¹¹⁷

Para atender tais objetivos, a programação contou com palestras que conscientizassem para a importância da preservação do patrimônio documental, métodos de conservação, tipologias documentais e visitas dos alunos a acervos arquivísticos locais.¹¹⁸ Por meio dos eventos de cunho acadêmico e abertos à população de Vassouras, dos contatos estabelecidos com historiadores e arquivistas, dos cursos de capacitação fornecidos e dos convênios com os órgãos municipais de Vassouras, a Universidade começa a mostrar seu potencial, qualificando alunos e professores para trabalhar com a documentação de forma a compreender os fundos arquivísticos e proceder à organização dos documentos.

Visto que o município não dispunha de mão de obra qualificada, e talvez nem orçamento para realizar árdua tarefa, por décadas ignorou o potencial da documentação. A universidade, por meio dos trabalhos com diversos tipos de documentação, mostra-se como detentora de papel crucial na preservação do patrimônio.¹¹⁹ A criação do curso de História possibilitou o contato da Universidade Severino Sombra com a documentação e a participação na vida cultural da cidade de Vassouras. É importante citar o contato dos alunos, historiadores em formação, com fontes primárias e a realização do trabalho de catalogação.

O trabalho da arquivologia é técnico, administrativo e organizacional, o que permite enxergar os documentos como conjuntos. Já ao historiador cabe a função de interpretar as fontes, ler as entrelinhas e se conectar ao passado, e por esse motivo o pesquisador acessa as fontes que permitem a compreensão do seu objeto, possibilitando um olhar mais específico, voltado a compreender a questão que norteia seu trabalho. Cabe também o papel de se conectar a outras ciências e tipos de fontes a fim de entender seu objeto de estudo e preencher as lacunas. O que encontramos no arquivo são fragmentos de memória, acontecimentos e fatos sob um ponto de vista único ou atendendo a um

¹¹⁷ *Programação convite do IV simpósio de História do Vale do Paraíba*. Vassouras 24 a 28 de julho de 1978. Anexo 1. Acervo Casa de Memórias Severino Sombra.

¹¹⁸ UNIVERSIDADE SEVERINO SOMBRA. *Programação convite do IV simpósio de História do Vale do Paraíba*. Vassouras 24 a 28 de julho de 1978. Anexo 1. Acervo Casa de Memórias Severino Sombra. Os acervos que foram visitados durante o evento não foram especificados.

¹¹⁹ KNAUS, Paulo. Usos do passado, arquivos e universidade. *Cadernos de Pesquisa do CDHIS* — n. 40 — ano 22 — p. 9-16 — 1º sem. 2009. p. 13.

objetivo específico. O arquivo é a materialização de acontecimentos passados, que torna possível a interpretação de fatos resultando numa produção historiográfica.

As fontes não seriam meros registros de informações a serem capturadas pelos historiadores, mas também diversificados discursos a serem decifrados, compreendidos, interpretados. Não mais seriam apenas uma solução para o problema, mas parte do próprio problema. Nas fontes, espelhos de dupla face, poderíamos ver o passado, mas também a nós mesmos. [...] As fontes seriam, sim, um lugar movente onde no qual o historiador interage com as ressonâncias deixadas pelas sociedades e processos que decidiu examinar. Nesse sentido as fontes são como que pontos de encontro, portais através dos quais se tocam duas épocas.¹²⁰

A partir dessa ideia, fica claro que as fontes precisam do historiador, mas este sem as fontes também não consegue realizar o seu trabalho. O passado que sobrevive e pode ser acessado no presente, estabelece uma conexão entre os dois períodos, mas a questão da pesquisa diz muito sobre o historiador, que escolhe seu tema a partir de seus questionamentos.

Em 1978, a universidade, em parceria com a prefeitura, planejou o levantamento e a organização das fontes municipais. O trabalho se iniciaria a partir dos documentos do arquivo municipal de Vassouras. Para que tal tarefa fosse realizada, foi estabelecido o primeiro convênio entre a Prefeitura Municipal de Vassouras e a Universidade Severino Sombra. Nesse convênio, a prefeitura se encarregaria da provisão de um espaço para que o arquivo fosse instalado e centralizado. Caberia à universidade o fornecimento de mão de obra qualificada para o arranjo da documentação.¹²¹ Nesse momento, ainda não havia pretensão por parte da Universidade Severino Sombra de custodiar a documentação, pois o objetivo era auxiliar a municipalidade na organização das fontes que, depois de catalogadas, passariam a compor o Arquivo Municipal.

O departamento de História da Faculdade, no desenvolvimento de sua integração com a prefeitura, projetou organizar as Fontes Históricas municipais, numa desafiadora e gigantesca tarefa de organizar o arquivo municipal. Para isto, firmou o I Convênio com a Prefeitura Municipal de Vassouras. Nele a municipalidade se encarregaria de conseguir um local para sua implantação e o Departamento de História da Faculdade, a mão-de-obra de alunos e professores que prestariam os

¹²⁰ BARROS, José D'Assunção. Fontes históricas – introdução aos seus usos historiográficos. Petrópolis: Vozes, 2019. p. 23

¹²¹ Arranjo: sequência de operações intelectuais e físicas que visam à organização dos documentos de um arquivo ou coleção, de acordo com um plano ou quadro previamente estabelecido. In: *Dicionário Brasileiro de terminologia arquivística*, p. 37

serviços técnicos destinados a “arranjar” (organizar) os documentos Históricos da Câmara e da Prefeitura que iriam constituir o acervo do futuro arquivo municipal.¹²²

Para que os alunos estivessem aptos para os primeiros contatos com as fontes documentais de Vassouras, foi crucial que fossem preparados para trabalhar com documentos em diferentes estados de conservação, devido à sua idade e às consequências das más condições de preservação por longo período. Para isso, o professor Jayme Antunes¹²³ foi contratado pela USS para lecionar “Métodos e técnicas de pesquisa histórica”. Esses esforços visavam “[...] salvar, conservar e centralizar a inédita, dispersa e semidestruída documentação histórica de Vassouras”.¹²⁴ Assim, ao mesmo tempo em que a documentação era catalogada, os historiadores em formação aprendiam a trabalhar com fontes primárias e rotinas de pesquisa. E, para o historiador, esse contato com a documentação é fundamental para entender a parte técnica que norteia a organização do arquivo, uma vez que dá uma visão mais completa sobre o espaço, complementada pelo historiador com a sua visão única do uso das fontes. O arquivo pode ser facilmente entendido como um espaço material de conservação, mas para o pesquisador os documentos salvaguardados pelo arquivo garantem uma porta de acesso a pensamentos e acontecimentos passados, indo além do seu conteúdo material. É notório, nesse sentido, o avanço na preservação das fontes da cidade de Vassouras do século XIX.

Segundo Le Goff, cabe ao pesquisador elevar os documentos à categoria de fontes, pois isso mostra claramente a seleção de informações que é feita já no ato da pesquisa. Além disso, pode ser percebido que, assim como documentos são elevados de categoria, outros são esquecidos.¹²⁵ A memória coletiva e a História se baseiam em dois materiais: os documentos e os monumentos.

¹²² UNIVERSIDADE SEVERINO SOMBRA. *Datas para a história da cultura em Vassouras (de 1972 a 1993)*. 1993.

¹²³ Jayme Antunes nasceu no Rio de Janeiro em 9 de Janeiro de 1947. Iniciou um estágio no Arquivo Nacional em 1964, ainda cursando o ensino médio. Formou-se em arquivologia pelo curso que era oferecido pelo Arquivo Nacional em parceria com a UNIRIO, em 1971. nesse mesmo período, começa a trabalhar como funcionário efetivo no Arquivo Nacional. Em 1978, assume a disciplina “Métodos e Técnicas de Pesquisa Histórica” como professor assistente, preparando os alunos da instituição para trabalhar com a catalogação das fontes primárias da cidade de Vassouras. Em 1992, tornou-se Diretor do Arquivo Nacional, permanecendo no cargo até 2016, atualmente leciona na UERJ. Informações disponíveis em https://pt.wikipedia.org/wiki/Jaime_Antunes_da_Silva.

¹²⁴ UNIVERSIDADE SEVERINO SOMBRA. *Datas para História da Cultura em Vassouras (de 1972 a 1993)*. Acervo Casa de Memórias Severino Sombra. p. 3.

¹²⁵ LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2003.

[...] o que sobrevive não é o conjunto daquilo que existiu no passado. Mas uma escolha efetuada quer pelas forças que operam no desenvolvimento temporal do mundo e da humanidade, quer pelos que se dedicam à ciência do passado e do tempo que passa, os historiadores.¹²⁶

O monumento tem como função perpetuar memórias. É um marco físico e público que perpetua uma memória coletiva construída. Com o positivismo há um triunfo do documento sobre o monumento. Se os fatos não estão registrados, então não aconteceram. O documento também é monumento, resultado dos esforços de preservar o discurso de determinada sociedade para o futuro, de forma voluntária ou involuntária, imprimindo uma imagem de si própria. “No limite, não existe um documento-verdade. Todo documento é mentira. Cabe ao historiador não fazer papel de ingênuo.”¹²⁷

Mesmo sendo necessário cuidado na análise desses documentos, não os preservar significaria perder a conexão do historiador com o passado. No caso estudado, a documentação estava esquecida e sofrendo os impactos de sua preservação inadequada. O objetivo inicial da Universidade era recuperar os documentos e envolver a comunidade, chamando a atenção para o patrimônio da cidade. Em março do ano de 1979, inicia-se oficialmente o “Projeto Documento Arquivo”. Cumprindo com sua parte do convênio, a Universidade Severino Sombra dispõe de mão de obra qualificada para realizar o levantamento e iniciar os processos de catalogação das fontes que se encontravam na Prefeitura e na Câmara do município. Essa catalogação visava à fundação do Arquivo Municipal de Vassouras.

Em 1980, a Prefeitura de Vassouras aluga uma casa próxima aos prédios da FUSVE (Fundação Educacional Severino Sombra) para dar continuidade ao trabalho. Os documentos passaram por processos de limpeza mecânica e química. Além disso, como previa o convênio entre a Universidade Severino Sombra e a Prefeitura de Vassouras, os alunos passaram a sistematizar a documentação a fim de prepará-la para o acesso.¹²⁸ Armazenar a documentação em local adequado seria fundamental para impedir que o deterioramento de avançasse, após longo período de guarda indevida, recuperar essa documentação e impedir novos danos seria fundamental para prolongar o estado de

¹²⁶ LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2003.p. 525.

¹²⁷ LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2003.p. 538.

¹²⁸ UNIVERSIDADE SEVERINO SOMBRA. UNIVERSIDADE SEVERINO SOMBRA. *Datas para História da Cultura em Vassouras (de 1972 a 1993)*. Acervo Casa de Memórias Severino Sombra. p. 4.

preservação atual, já que não havia possibilidade de reverter os danos causados pelo período esquecimento.

No ano de 1982, o Conselho Municipal de Cultura foi desfeito.¹²⁹ Esse evento representou para a USS uma barreira entre os objetivos de organização do Arquivo Municipal e de promoção de eventos de cunho cultural na cidade de Vassouras, que teriam a função de chamar a atenção para a rica história da cidade e seu patrimônio ainda preservado. O encerramento das atividades do conselho Municipal de Cultura poderia significar para a USS uma barreira no acesso às fontes.

O projeto *Documento Arquivo* se estendeu também para o projeto piloto de *Preservação da Documentação Cartorária de Vassouras do século XIX*. Em 1985, a FUSVE foi contratada pela sede vassourense da Ordem dos Advogados do Brasil e, desse projeto, resultou a organização do Arquivo Cartorário do Poder Judiciário de Vassouras. O objetivo do projeto era desenvolver práticas e instrumentos que possibilitassem a organização da documentação que compunha o acervo cartorário do século XIX.¹³⁰

Sobre o estado da documentação, os responsáveis pelo projeto afirmam que:

os arquivos cartorários vêm sendo pouco explorados em relação a outras fontes documentais, muitas vezes menos ricas. Somente nos últimos tempos alguns pesquisadores isolados ou ligados a instituição vêm utilizando mais sistematicamente estes acervos. A principal razão desta subutilização é o desconhecimento do valor da documentação cartorária. Este desconhecimento deve-se, essencialmente, à desorganização dos arquivos. Esta última realidade consubstancia-se na inexistência de instrumentos de pesquisa, obras mais completas sobre a legislação notarial e sobre a história dos arquivos cartorários. Além disso, a maior parte desses acervos se encontra instaladas em locais deficientes e desprovidos de assessoria técnica indispensável, expondo-se a danos irreversíveis.¹³¹

A partir desse relato, podemos ver que a mudança na forma de enxergar as fontes foi fundamental para que o arquivo cartorário pudesse ser visto como fonte de pesquisa e sua organização fosse possível. A reformulação que aconteceu no campo da arquivística possibilitou um novo olhar para essas fontes, que guardam grandes quantidades de informação. Processos criminais, testamentos e inventários auxiliam na compreensão das relações que se desenrolavam, das disputas e do movimento monetário a partir de

¹²⁹ O motivo que causou o encerramento das atividades do conselho municipal de cultura de Vassouras não foi mencionado na documentação acessada.

¹³⁰ Projeto Vassouras. Vassouras, 1985. Acervo particular.

¹³¹ Projeto Vassouras. Vassouras, 1985. Acervo particular p. 1.

testamentos. Mais do que um panorama coletivo da sociedade vassourense do século XIX, esses documentos também fornecem informações sobre os indivíduos.

Importante citar que as reformulações da historiografia brasileira também se mostram importantes para que o uso das fontes cartoriais se torne recorrente. Essas fontes seriam utilizadas a partir de 1960 por estudiosos de campos em ascensão como Histórias das mentalidades e Antropologia Histórica. As abordagens de cunho quantitativo e serial, também trariam novas possibilidades de usos para essas fontes.¹³²

[...] historiadores-econômicos e economistas-historiadores passavam a partilhar um importante setor documental dos arquivos. De fato, um reforço fundamental para as novas possibilidades de tratamento serial e quantitativo voltadas para a História Econômica, já no final dos anos 1950, pode ser atribuído a Cliometria¹³³ estadunidense.¹³⁴

Ainda nesse relato produzido pela OAB de Vassouras, temos a ratificação do motivo da documentação sediada em Vassouras ter sido escolhida para um projeto de recuperação. Esses motivos orbitam o esplendor vivenciado pela cidade no século XIX, o rico patrimônio arquitetônico preservado e o grande número de produção documental acumulado em documentos cartorários e não cartorários. Essa iniciativa de organização também se relaciona com um esforço nacional, experienciado na década de 1980, de preservação da memória, partindo do entendimento que – para que as fontes cartorárias tivessem sua importância para a pesquisa reconhecida – deveriam ser organizadas, possibilitando seu acesso. O projeto realizado de forma pioneira em Vassouras, aprovado e patrocinado pela OAB-RJ, seria acompanhado de perto e analisado de forma criteriosa, podendo influenciar, futuramente, a organização dos acervos de outras cidades.¹³⁵

Vislumbrando as descobertas realizadas no trabalho de classificação das fontes, nota-se seu potencial para pesquisas relacionadas à história da escravidão no Vale do Paraíba, à História de Vassouras, do café e das pessoas que habitavam a cidade e se destacaram, tornando-se personalidades, como Eufrásia Teixeira Leite e sua família, o

¹³² BARROS, José D'Assunção. Fontes históricas – introdução aos seus usos historiográficos. Petrópolis: Vozes, 2019. p. 125.

¹³³ Cliometria: Denominação do conjunto de pesquisas sobre história que utiliza econometria. Utilizada por economistas americanos a partir das décadas de 1960 e 1970. O termo Cliometria se associa a Clio, musa da história, sendo utilizado pela primeira vez pelo economista Stanley Reiter. É uma abordagem de cunho quantitativo que ficou conhecida também como “Nova História Econômica”. Essas e outras informações se encontram em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Cliometria>.

¹³⁴ BARROS, José D'Assunção. Fontes históricas – introdução aos seus usos historiográficos. Petrópolis: Vozes, 2019. p. 126

¹³⁵ Projeto Vassouras. Vassouras, 1985. Acervo particular. p. 2.

que salienta a importância de sua disponibilização. Esse trabalho foi realizado pelos professores e pelos alunos do curso de História, mostrando que a iniciativa da USS de organização do Arquivo Municipal se estendeu para outros órgãos.¹³⁶ Essas fontes, organizadas pelo projeto documento-arquivo, mais tarde passariam a compor o acervo do Centro de Documentação Histórica.

De acordo com as informações apresentadas por meio de um debate composto pela reunião de informações, obtidas a partir de registros da FUSVE (Fundação Educacional Severino Sombra), sediadas no arquivo do Museu Severino Sombra e de autores que esclarecem a situação da arquivologia e seus pensamentos acerca de memória, patrimônio, arquivo e discurso, podemos traçar um panorama que auxiliará no entendimento dos acontecimentos que levaram a Universidade Severino Sombra a estabelecer contatos com o poder público de Vassouras.

À medida que o contato com a documentação se intensificava e a catalogação avançava, diferentes fundos e tipologias documentais se revelavam. Os estudos realizados com base na documentação de Vassouras do século XIX trazem à tona muitas fontes acerca dos escravizados. Com a aproximação da data que marca os cem anos da assinatura da Lei Áurea, a década de 1980 foi marcada pela intensificação das discussões sobre o tema, que incentivou o aumento de pesquisas, sendo um fator considerável para a fundação do centro de documentação. Dado o número de documentos sobre cativos, os estudos realizados eram majoritariamente voltados para escravidão.

Todorov, ao indagar sobre o século XX e os regimes totalitários, mostra que a memória em si não oferece risco, mas há várias formas de utilizá-la ou ressignificá-la. A sacralização da memória seria uma dessas formas, uma vez que nela se isola totalmente o fato, cristalizando-o; dessa maneira, o fato se torna imutável, inquestionável. Outra forma seria a banalização da memória, em que ela é absorvida por completo, cujo processo pode ser entendido como um processo de apagamento.¹³⁷ “A forma como a memória reveste pode torná-la estéril: porque o passado, sacralizado, não nos evoca nada mais além dele próprio; porque esse mesmo passado, banalizado nos leva a pensar em tudo e em nada”.¹³⁸

¹³⁶ UNIVERSIDADE SEVERINO SOMBRA. UNIVERSIDADE SEVERINO SOMBRA. *Datas para História da Cultura em Vassouras (de 1972 a 1993)*. Acervo Casa de Memórias Severino Sombra. p. 4

¹³⁷ TODOROV. Tzvetan. *Memória do mal, tentação do bem – indagações sobre o século XX*. p.198

¹³⁸ TODOROV. Op. cit. pág. 199.

Ambos os processos consistem numa seleção do que e como deve ser lembrado ou simplesmente esquecido. Por isso, realizar uma pesquisa vai muito além da fonte. Pesquisadores podem enxergar as mesmas fontes de maneiras diferentes, mas o que norteia a pesquisa é a questão para a qual se busca resposta, sendo no arquivo que os questionamentos se tornam materiais, pela presença ou ausência de fontes. No caso do trabalho em tela, nota-se que o período de banalização, ou apagamento, em que a documentação produzida em Vassouras ao longo do século XIX permaneceu abstrusa, tal possibilidade representou um apagamento permanente, seja pelo não uso das fontes ou por seu deterioramento devido às condições do local de armazenamento.

Refletindo sobre a realidade de Vassouras a partir da discussão de Todorov e pensando na abordagem de Stanley Stein em sua pesquisa, vemos que o historiador estadunidense revelou mais do que um olhar do estrangeiro para a realidade de Vassouras e uma combinação de diferentes fontes de informação (documentos, fotografias, gravações). Seu trabalho trouxe à tona uma realidade que está à parte da memória coletiva construída. Além da documentação que proveria informações sobre o período escravista em Vassouras, a banalização afetou também os descendentes dessa história que não eram incluídos no contexto social local. Esse apagamento se reflete na cidade, cujas ruas ainda possuem nomes de barões e cuja lembrança dos escravizados fica isolada no memorial Manoel Congo.¹³⁹ Há aqui, um claro conflito entre a banalização e a sacralização, porque banaliza-se a contribuição e o papel fundamental das pessoas que foram escravizadas na região para a elevação de Vassouras a uma das maiores produtoras de café da região. A Histórias dos indígenas na região e sua presença em Vassouras também foi apagada. Mas sacraliza-se o legado do café.¹⁴⁰

Para Certeau, a operação historiográfica é o resultado obtido a partir da combinação de “um lugar social, de práticas científicas e de uma escrita”.¹⁴¹ Nesse

¹³⁹ Inaugurado em 1996, o Memorial Manoel Congo está localizado onde, no século XIX, havia o pelourinho da cidade. Erguido em homenagem a Manoel Congo, que foi considerado o líder da maior revolta de escravos da região, está situado no bairro Pedreira e, apesar de estar próximo ao centro da cidade, localiza-se ao final de uma rua residencial.

¹⁴⁰ Sobre a presença dos escravizados no vale do café, Ricardo Salles publica em 2008 “E o Vale era o Escravo – Vassouras, século XIX. Senhores e escravos no coração do Império. Nele remonta as relações entre a classe senhorial e os escravizados, buscando compreender como essa tensa relação se dava no dia a dia. Utilizando documentos do Centro de Documentação, realiza uma análise quantitativa que permite compreender as nuances da sociedade.

Sobre a presença e resistência dos indígenas no Vale do Paraíba perante o avanço da cultura cafeeira, o historiador Marcelo Sant’Ana Lemos publica em 2016 “O Índio virou pó de café? – Resistência indígena frente à expansão cafeeira no Vale do Paraíba”.

¹⁴¹ CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982. p. 47

espaço, as questões elaboradas pelo historiador se encontram com as possibilidades, já que o fio que conduz esses questionamentos até a conclusão de sua pesquisa são as fontes que possibilitam um vínculo efêmero com o recorte temporal pretendido. O lugar social que o pesquisador se encontra afetará seu questionamento e estará na apresentação dos seus resultados, ou seja, no seu processo de escrita. As práticas científicas caracterizam o ato de separar, reunir, agrupar o que estaria distribuído de outra forma, ou estaria separado.¹⁴² A escrita, que seria a concretização da pesquisa, está na contramão do levantamento de informações.¹⁴³ Nele, organizamos o que foi levantado no momento da pesquisa, as lacunas são preenchidas, outras produções passam a dialogar com a pesquisa, os dados desconexos, provenientes de diferentes fundos, tipologias ou temporalidades passam a ter organização cronológica e essa combinação adquire um sentido, cujo resultado obtido dessa combinação será apresentado como a resposta ao questionamento do pesquisador.

Analisando por outro ponto de vista, encontramos, na contramão da memória e do que é preservado, o esquecimento – proposital ou ocasional – e o apagamento. Paul Ricoeur, em sua publicação intitulada *A memória, a história, o esquecimento*, estabelece uma reflexão fundamental sobre o tema.¹⁴⁴ Essa leitura me levou a questionar o uso da memória, a criação de uma memória coletiva e os apagamentos que acontecem entre os processos de produção historiográfica, construção de fatos, seleção de fontes e arquivamento. Refletindo sobre a leitura e associando-a ao projeto de pesquisa, não pude deixar de associar o desinteresse da população na história local, ao esquecimento coletivo que se deu da História de Vassouras no século XIX. Talvez esse esquecimento que resultou no abandono das fontes sobre Vassouras esteja relacionado ao mesmo motivo que garantiu seu reaparecimento na década de 1970: o grande número de fontes sobre os escravizados.

Em *Arquivos singulares – o estatuto dos arquivos na epistemologia histórica. Uma discussão sobre a Memória, a história, o esquecimento de Paul Ricoeur*,¹⁴⁵ Étienne Anheim procura entender como os historiadores definem arquivo, mostrando a ausência de conexão entre História e Arquivologia. Considerando que, para os historiadores, as

¹⁴² CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982. p. 70.

¹⁴³ *Ibidem*. p. 87.

¹⁴⁴ RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Tradução Alain François et. al. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

¹⁴⁵ HEYMANN, Luciana; NEDEL, Leticia. (org.) *Pensar os arquivos: uma antologia*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2018. 364p.

fontes arquivadas são fundamentais, a relação destes com a arquivologia se mostra superficial. Em sua análise, o autor lança mão de nomes como Michel Foucault, Arlete Farge, Michel de Certeau, March Bloch, entre outros, e analisa como esses autores entendem e descrevem arquivo. Salaria o uso de termos como vestígios, fontes, arquivo e arquivos, os dois últimos não se referindo ao espaço que o compõem, mas referenciando documentos. Esses termos são usados como referência para o material que permite que o historiador realize seu estudo. O termo arquivo, utilizado no singular e para se referir às fontes, leva-nos a uma ideia reduzida do arquivo e de seu papel.

[...] é preciso igualmente reconhecer a posição central da noção de “arquivos”, ao mesmo tempo como base do conhecimento, referente real do discurso e, portanto, garantia da ambição da verdade, e como vínculo material do passado, lugar onde se instaura enquanto vestígio, a reflexão sobre história capturada no tempo, entre passado e presente.¹⁴⁶

Nas páginas que se seguem, ele evidencia que, ao ignorar o papel da arquivologia no arquivo, o pesquisador não leva em conta os processos de seleção de documentos. O arquivo é o fio condutor entre passado, presente e futuro, cujas fontes passam por um processo de seleção, principalmente no século XX, com o aumento da produção documental. Essa seleção do que vai ser arquivado tem início quando o texto passa a fazer parte do papel e que é atribuída a ele uma finalidade imediata ou de longo prazo, mas que, na maioria das vezes, não é pensada para a posteridade. Por fim, o autor do artigo busca uma definição para arquivo:

[...] pode-se optar por definir os arquivos como a objetivação das práticas sociais por outras práticas – aquelas de todos os que (em sua maioria não historiadores) ao longo do tempo participaram da escrita, conservação e classificação de tais documentos. Ao definirmos o documento de arquivo como “prática objetivada” formando um “conglomerado” de objeto e de texto, restituímos ao arquivo sua historicidade sua materialidade. Assim, reconhecemos a natureza de objetos provenientes do passado, mas ainda materialmente presentes.¹⁴⁷

Refletindo sobre a presença material do passado na atualidade, podemos relacionar não só o arquivo como presença material, mas também objetos encontrados em

¹⁴⁶ANHEIM. Étienne, Arquivos singulares – o estatuto dos arquivos na epistemologia histórica. Uma discussão sobre a Memória, a história, o esquecimento de Paul Ricoeur. In: HEYMANN, Luciana; NEDEL, Letícia. (org.) Pensar os arquivos: uma antologia. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2018. p. 122.

¹⁴⁷ Ibidem p. 150-151.

escavações arqueológicas, peças de museus, obras de arte, fotos de família... Arquivamos e preservamos as memórias que queremos manter vivas. Os museus no caso seriam a representação de uma memória de cunho coletivo, auxiliando a construção de uma identidade nacional ou local. Essas memórias sofrem processos de ressignificação e seleção. Esses objetos, documentos, fotografias vão nos conectar ao passado, assumindo lugar de fala ao redirecionar nossas memórias, conduzindo-nos ao momento de sua produção ou uso.¹⁴⁸

3.2 A documentação se torna acervo

A documentação da OAB de Vassouras, além de organizada, foi cedida para o departamento de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade Severino Sombra. Esse momento, marcante para ambas as instituições, evidencia uma preocupação com o patrimônio documental local, uma vez que começam a se desenvolver não apenas questões de organização, mas também de acesso a essas fontes.

Finalmente, em 12 de março de 1987, o departamento de Filosofia, Ciências e Letras funda o Centro de Documentação Histórica, resultado do trabalho com a documentação e do entendimento da importância da preservação do patrimônio documental local e o seu potencial para pesquisa, centralizando e disponibilizando-o. Assim, além de limpar e catalogar a documentação, passa a garantir também o acesso às fontes já organizadas. Esse processo revela novas tipologias documentais, aumentando os possíveis leques de pesquisa. Desse modo, para manter o arquivo, a presença de mão de obra qualificada seria fundamental.

Em 9 de junho de 1987, a Prefeitura de Vassouras dá mais um passo em relação à preservação das fontes e assina o convenio com a Fundação Educacional Severino Sombra (FUSVE), que oficializa o arranjo do acervo documental da Câmara e Prefeitura Municipal de Vassouras e garante sua organização definitiva. Dessa forma, o arquivo – que já tinha sua classificação em andamento desde o final da década de 1970 – seria transferido par

Esses convênios devem ser vistos como uma das formas que possibilitam aos centros de documentação sediar coleções e fundos arquivísticos. Um centro de

¹⁴⁸ SILVEIRA, Flávio Leonel Abreu da. FILHO, Manuel Ferreira Lima. Por uma antropologia do objeto documental: entre a “alma nas coisas” e a coisificação do objeto. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 11, n. 23, p. 37-50, jan/jun 2005.

documentação caracteriza-se por ser uma “instituição ou serviço responsável pela centralização de documentos e disseminação de informações”.¹⁴⁹ Os centros de documentação recebem os documentos por meio de permutas, convênios ou doações. E, além de sediar a documentação, devem realizar e incentivar pesquisas.

Arquivo, por definição, é

Conjunto de documentos produzidos e acumulados por uma entidade coletiva, pública ou privada, pessoa ou família, no desempenho de suas atividades, independentemente da natureza do suporte. Instituição ou serviço que tem por finalidade a custódia, o processamento técnico, a conservação e o acesso a documentos. Instalações onde funcionam arquivos. Móvel destinado a guarda de documentos.¹⁵⁰

Essa definição deixa claro o papel da instituição, diretamente ligado à custódia de fontes, conservação e seu possível acesso. O arquivo recebe as fontes de forma natural, automática. Os documentos são submetidos à tabela de temporalidade e, dessa forma são divididos entre correntes e intermediários, quando ainda podem ser consultados e o arquivo permanente quando a documentação é selecionada e documentos que ainda podem ter utilidade são arquivados e os demais são descartados.¹⁵¹ No entanto, nem todos os arquivos têm a possibilidade de manter a documentação em condições ideais, sendo este um dos fatores que levou muitos acervos a serem mal armazenados e sofrerem graves danos devido a fatores como a umidade, o mofo e o tempo. Desse modo, é nesse quadro que se encaixam os centros de documentação vinculados a universidades.

Marilena Leite Paes atribui a possibilidade de se criar centros de documentações ao “surto de progresso científico e tecnológico desencadeado a partir do século XIX”.¹⁵² Essa atualização se deu em diversos campos do conhecimento, afetando e modificando a relação entre eles. Ainda segundo a autora, o fato de a pesquisa extrapolar o meio acadêmico culminou numa complexidade maior da produção documental, gerando novos tipos de produção textual (relatórios técnicos, patentes, desenhos, fotografias) e um novo tipo de apresentação física desses documentos (sistemas de computador, disquetes, CDs, discos rígidos). Esse crescimento, conhecido como explosão da informação, levou a um aperfeiçoamento das técnicas de preservação e seleção de documentos, com o objetivo de

¹⁴⁹ Dicionário Brasileiro de terminologia arquivística. p. 46

¹⁵⁰ Dicionário brasileiro de terminologia arquivística. p. 27

¹⁵¹ Tabela de temporalidade: instrumento de destinação, aprovado por autoridade competente, que determina prazos e condições de guarda tendo em vista a transferência, recolhimento, descarte ou eliminação de documentos.in: Dicionário Brasileiro de terminologia arquivística. p. 159.

¹⁵² PAES. Marilena Leite. Arquivo Teoria e prática. Editora FGV, 2008. p. 17.

“filtrar” a quantidade de informações armazenadas de acordo com sua relevância e possíveis consultas futuras. Os centros de documentação e informação abrangem a biblioteconomia, a arquivística e a informática. Reforçando a definição do papel do centro de documentação, a autora acrescenta que “o centro de informações tem por finalidade coligir, armazenar, classificar, selecionar e disseminar toda a informação”.¹⁵³

Nesse momento de atualização e de diferentes formas de armazenar as informações, o documento deixa de ser o principal; assim, esse papel se transfere para a informação contida no documento. Exemplo disso é o acesso às fontes digitalizadas, que possibilita ao pesquisador acesso a informações de outras regiões e países por meio da internet, evitando o deslocamento para acessar a fonte física. Essa evolução resulta num ganho de tempo por parte do pesquisador e numa preservação maior do documento que, após ser digitalizado, não precisa mais ser acessado. Em contrapartida, perde-se o ato de ir ao arquivo, de ter contato com a documentação e o manuseio da fonte.

Para Foucault, o Arquivo seria um conjunto complexo de discursos, trazidos à tona por jogos de poder que ultrapassam o discurso e evidenciam o que determinada época podia dizer.¹⁵⁴

[...] a lei do que pode ser dito, o sistema que rege o aparecimento dos enunciados como acontecimentos singulares. Mas o arquivo é, também, o que faz com que todas as coisas ditas não se acumulem indefinidamente em uma massa amorfa, não se inscrevam, tampouco, em uma linearidade sem ruptura e não desapareçam ao simples acaso de acidentes externos, mas que se agrupem em figuras distintas, se componham umas com as outras segundo relações múltiplas, se mantenham ou se esfumem segundo regularidades específicas; ele é o que faz com que não recuem no mesmo ritmo que o tempo, mas que as que brilham muito forte como estrelas próximas venham até nós, na verdade de muito longe, quando outras contemporâneas já estão extremamente pálidas.¹⁵⁵

Sobre esse momento crucial em que as fontes são descartadas ou preservadas, muitos arquivistas discutiram ao longo da evolução da arquivística quem deveria ser o detentor de tal tarefa. No Artigo *O passado é prólogo: uma história das ideias arquivísticas desde 1898 e a futura mudança de paradigma* de Terry Cook, o autor cita as mudanças de direcionamento no tocante a essa questão, na medida em que os princípios

¹⁵³ PAES, Marilena Leite. Arquivo Teoria e prática. Editora FGV, 2008. p. 17.

¹⁵⁴ Ibidem. p. 88.

¹⁵⁵FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do saber* -7. ed., Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008. p. 147.

arquivísticos se desenvolviam e novas técnicas eram pensadas e implementadas.¹⁵⁶ Parte dessa discussão se volta para um questionamento acerca da preservação das fontes: se o produtor seleciona os documentos que serão preservados, como impedir a manipulação do que se preserva e, conseqüentemente, do que é acessado? Indagações dessa natureza revelam a necessidade de um distanciamento no momento do processo de seleção de fontes. Mesmo imbuídos de suas próprias crenças e valores – que acabam por tendenciar suas decisões, assim como os historiadores ao realizar uma pesquisa –, o arquivista é o profissional indicado para a tarefa.

A partir de 1987, o conjunto paroquial também passa a ser acessado e usado em pesquisas, sendo higienizado, reunido e sistematizado a fim de facilitar a busca de informações pelos pesquisadores. Essa documentação compreende os registros de batismos, casamentos, óbitos, de libertos e escravizados desde antes da formação de Vassouras como vila em 1833.¹⁵⁷ Tal documentação organizada permaneceria então na casa paroquial.¹⁵⁸ Por esse motivo, o título do trabalho engloba os conjuntos que passariam a compor o acervo do centro de documentação entre as décadas 1980 e 1990. Com esses fundos arquivísticos, a USS começa a desenvolver pesquisas. A partir das informações levantadas nas fontes, são realizados cursos e palestras. Com esses eventos, poderiam chamar a atenção para o trabalho que estava sendo realizado e o potencial das fontes, além de envolver acadêmicos e a comunidade local.

A iniciativa da Universidade Severino Sombra não foi a única. Paulo Knauss faz um levantamento dos centros de documentação fundados nas décadas de 1970-80; entre eles podemos citar o Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa – CEDAP, da Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP e o Centro de Documentação e Pesquisa Histórica da Universidade Estadual de Londrina – UEL, criados em 1973. Aborda também a interdisciplinaridade e a abrangência desses espaços, capaz de envolver desde a comunidade local e estudantes da educação básica até graduandos e pós-graduandos.¹⁵⁹

¹⁵⁶ COOK, Terry. O passado é prólogo: uma história das ideias arquivísticas desde 1898 e a futura mudança de paradigma. In: HEYMANN, Luciana; NEDEL, Letícia. (org.) Pensar os arquivos: uma antologia. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2018. 364p.

¹⁵⁷ A Igreja Matriz Nossa Senhora de Conceição de Vassouras tem sua construção concluída em 1828. A partir desse momento começa a se desenvolver o povoado no entorno da igreja.

¹⁵⁸ Segundo informações da casa Paroquial de Vassouras o conjunto que compõe o acervo paroquial só passaria a ser custodiado pelo CDH em 2001.

¹⁵⁹ KNAUS, Paulo. Usos do passado, arquivos e universidade. *Cadernos de Pesquisa do CDHIS* — n. 40 — ano 22 — p. 9-16 — 1º sem. 2009. p. 13.

Torna-se importante também pensar no arquivo além de seu espaço físico. Arlete Farge, em *O Sabor do Arquivo*, aborda o principal visitante do arquivo, o historiador, e sua visão sobre o espaço.¹⁶⁰ Ao entrar no arquivo, o historiador solicita o documento que pode auxiliar a responder à pergunta que norteia sua pesquisa. E, à medida que a pesquisa se devolve, os dias no arquivo se multiplicam, assim como o número de fontes acessadas; o espaço se torna familiar; a língua das fontes é uma versão antiquada de um idioma que evoluiu ao longo do tempo; a caligrafia, manuscrita, dependendo do tipo de fonte e do período, nem sempre é a mais alinhada. Para olhos desatentos ou pouco treinados, pode ser um desafio, mas, para o pesquisador, é a porta de conexão com o passado.

Voltando o foco para os arquivos de Vassouras, a dissertação de mestrado da arquivista e historiadora Sandra Candido faz um levantamento dos arquivos da cidade e relata o uso de documentos como fonte de pesquisa. Questionando o termo *arquivo morto*, utilizado por vezes para se referir aos arquivos permanentes, ela nos recorda que tal arquivo está vivo e foi preservado para que as informações ainda possam contribuir em pesquisas futuras.¹⁶¹ Ressalta a importância e a contribuição da fonte para a pesquisa histórica e entende o controle a disseminação de informação. “Há um processo de controle da história através das fontes documentais, tanto por parte do poder público quanto do poder privado [...]”.¹⁶²

Essas questões de acesso podem se estender também para classificações de sigilo, demandando solicitação prévia para o acesso as fontes, limitando o número de pessoas que vai ter contato com o documento ou impossibilitando o acesso.¹⁶³ Isso nos mostra que a preservação dos documentos deve se fazer em condições adequadas. Dessa forma, os impactos de tempo sobre a fonte serão minimizados. No caso das fontes que viriam a compor o acervo do CDH, os impactos causados pela acumulação errônea, pela umidade e pela desorganização resultaram num grande impacto.

3.3 Fontes para a história da escravidão

¹⁶⁰ FARGE, Arlete. *O sabor do arquivo*. 2009.

¹⁶¹ CANDIDO, Sandra. *O documento como fontes de pesquisa histórica*. 2002. Dissertação (Mestrado em História). Programa de pós-graduação em história, USS, 2002.

¹⁶² CANDIDO, Sandra. *O documento como fontes de pesquisa histórica*. 2002. Dissertação (Mestrado em História). Programa de pós-graduação em história, USS, 2002.
p. 13.

¹⁶³ Documento sigiloso: documento que pela natureza de seu conteúdo sofre restrição de acesso. Dicionário Brasileiro de Terminologia arquivística. p. 79.

O ano de 1988 foi marcado pela crescente discussão sobre a história da escravidão no Brasil, dado o centenário da assinatura da Lei Áurea. Nesse mesmo ano, foi publicado um levantamento nacional acerca das fontes para estudar a história da escravidão e do negro no Brasil. Esse levantamento, dividido em dois volumes, foi publicado pelo Arquivo Nacional em conjunto com o Departamento de Imprensa Nacional e patrocinado por instituições diversas, nacionais e internacionais, públicas e particulares.

Intitulado *Guia Brasileiro de Fontes para a História da África, da Escravidão Negra e do Negro na Sociedade Atual*,¹⁶⁴ o levantamento das fontes está dividido por estados e subdividido por cidades e arquivos, listando os acervos que possuem fontes sobre escravos que podem ser úteis a estudiosos de escravidão, História da África e dos negros no Brasil. Listam arquivos, fundos, temas, datas-limite e o estágio de preservação em que as fontes se encontram e se estão ou não catalogadas. Esse projeto é coordenado por Jaime Antunes da Silva, Regina Maria Martins Pereira Wanderley, Silvia Minita de Moura Estevão e Victor Manoel Marques de Fonseca. Vale chamar a atenção para a presença de Jaime Antunes, que também teve importante atuação no preparo dos alunos da Universidade Severino Sombra para o trabalho com as fontes primárias.

Esse estudo vai muito além de um levantamento de fontes: mostra a riqueza de acervos de diversos tipos, extrapolando a noção cristalizada de fonte e dando ao arquivo um significado mais abrangente, buscando não apenas documentos escritos, mas fotografias, documentos cartográficos, filmográficos, entre outros, relacionados à escravidão e à história do negro no Brasil. Essa busca por fontes que extrapolam o cunho documental mostra uma evolução do que pode ser usado como fonte de pesquisa.

Essa verificação também deve ser vista como uma captura das condições que as fontes documentais se encontram. Lendo a introdução do trabalho, podemos entender os motivos e os anseios que levaram a realizar esse levantamento. Os organizadores desse catálogo levantam a hipótese de futuramente encontrarem esses mesmos fundos arquivísticos já completamente organizados. Esse questionamento leva a outra questão importante: a destruição de fontes, por descaso ou proposital. O ato de arquivar nos remete a um processo de seleção, de escolha do que será lembrado e do que será esquecido. Quando se trata de documentos sobre os africanos escravizados no Brasil, a maioria das fontes possui informações em que essas pessoas são arroladas, e raramente

¹⁶⁴ ARQUIVO NACIONAL. Rio de Janeiro, 1988.

se encontra produção de escravizados, porque estas pessoas não eram alfabetizadas. Até mesmo entre a população livre, o número de pessoas não letradas era grande.¹⁶⁵

Esse processo de esquecimento não se dá apenas no arquivo, mas também pela destruição deliberada de fontes ao longo do tempo, numa tentativa de apagamento da memória em que se buscam apagar os rastros. Por vezes, esse processo é bem sucedido.

Além de sua utilidade imediata, o guia dá uma fotografia precisa da situação arquivística do Brasil: os itens relativos aos inventários analíticos e microfilmagens estão, frequentemente, sem resposta e numerosos fundos deveriam, inicialmente, serem arranjados para que o acesso torne-se possível. Graças à inteligência do levantamento, o guia permitirá, além de sua vocação primeira de favorecer a pesquisa sobre as raízes africanas no Brasil, elaborar um programa que assegure, num prazo razoável, o controle intelectual do patrimônio Arquivístico Nacional.¹⁶⁶

Esse arrolamento marca o centenário da Lei Áurea, mostra a importância de se discutir a história da escravidão e a evolução nas discussões sobre fontes, arquivo, a busca por fontes menos cristalizadas para a renovação da historiografia sobre escravidão e novas políticas de preservação e acesso às fontes.¹⁶⁷

O ano de 1988 também foi marcante para a Universidade Severino Sombra e para a documentação de Vassouras. A III Semana de Filosofia da Universidade Severino Sombra, realizada de 13 a 19 de setembro de 1988, contou com palestras, dentre elas uma em que a Professora Dr^a Marilda Ciribelli e a Professora Sonia Violeta de Andrade Motta falam sobre a pesquisa no departamento de Filosofia e sobre a escravidão em Vassouras, estabelecendo um panorama sobre o contato com as fontes e seu uso em pesquisas. Houve também uma exposição de documentos sobre a escravidão em Vassouras, de diferentes fundos documentais, e o lançamento do primeiro catálogo *Fontes para a História da Escravidão em Vassouras*.¹⁶⁸

A Exposição de documentos sobre a escravidão em Vassouras foi um grande marco e uma excelente oportunidade para mostrar a importância da documentação para estudiosos do Vale do Paraíba Fluminense no século XIX e os vários tipos de documentos presentes no acervo; além disso, marca o avanço no processo de catalogação das fontes

¹⁶⁵ Sobre educação no Brasil ver: <https://escribo.com/2019/04/05/alfabetizacao-e-letramento-no-brasil-evolucao-historica/>

¹⁶⁶ ARQUIVO NACIONAL (Brasil). Guia Brasileiro de Fontes para a História da África, da Escravidão Negra e do Negro na Sociedade Atual. Vol 1. Rio de Janeiro, 1988. prefácio p. 23.

¹⁶⁷ O levantamento dos fundos arquivísticos do primeiro catálogo encontra-se no anexo 2.

¹⁶⁸ A programação da III Semana de Filosofia encontra-se no anexo 3.

do Centro de Documentação. A lista de fontes que compunham a exposição contava com diferentes tipologias documentais, em que os escravizados são arrolados de formas diferentes, ocupando o lugar de acusado, fugitivo, requerendo o reconhecimento de sua liberdade ou solicitando autorização para se casar. Dentre eles, encontra-se o relato da fuga de 1838, que mais tarde seria conhecida como Revolta de Manoel Congo.¹⁶⁹ Encontram-se documentos em que escravizados são julgados por homicídio tanto de outros escravizados como de pessoas livres; relatos de ofensas físicas, suicídios, furtos. Há documentos que se destacam, como o que pede a “redução à escravidão de pessoa livre”; nesse documento, um africano livre que foi escravizado por vinte anos afirma que chegou ao Brasil como homem livre, mas que havia sido seduzido e escravizado, e, por falta de evidências, esse homem continuaria como escravizado até 1888.

Há também registros de relações de mulheres com escravizados, um testamento cujo testador declara como sua vontade final ser enterrado com uma escrava, que era mãe de seus filhos. Há também testamentos que registram o desejo dos senhores de conceder liberdade aos escravos. Nos inventários, essas pessoas eram arroladas como semoventes, junto aos animais, e avaliados de acordo com aparência e ofício, podendo também ser usados no pagamento de dívidas. Abriam processos para terem permissão de circular de uma província à outra e para se casarem caso fossem ex-escravos ou ainda fossem escravos.

Os batismos também eram importantes, pois poderiam garantir a liberdade caso fossem libertos na pia batismal. Esses documentos atestam a realidade multifacetada do período, claramente na contramão do que foi cristalizado e assumiu papel de memória coletiva. Podemos citar como exemplo a associação da palavra “macumba” para se referir à Umbanda e ao Candomblé como coisas malignas. Essa alegação tornou-se parte de um senso comum, construído por décadas e reproduzido até a atualidade.

Nessa mesma exposição, ocorreu o lançamento do primeiro catálogo *Fontes para a história da escravidão em Vassouras*, um marco importante na história do Centro de Documentação. Nele, além da lista de documentos catalogados, há um breve relato onde

¹⁶⁹ Em 1838, Manoel Congo, Mariana Crioula e Epifânio Moçambique lideraram uma fuga. Estima-se que eram mais de quatrocentos escravos provenientes das senzalas de Manoel Francisco Xavier. Dado o número de pessoas envolvidas, o levante chamou atenção e a guarda nacional foi acionada. Manoel Congo, tido como líder e planejador da fuga, foi condenado à morte por enforcamento, e outros escravizados envolvidos foram condenados a açoites e ao uso de gonzo no pescoço pelo período de três anos. In: <https://mundoeducacao.uol.com.br/historiadobrasil/quilombo-manoel-congo.htm>.

a Dr^a Marilda Ciribelli expõe o trabalho que fora realizado nas fontes e a satisfação na unificação do acervo. Sobre a organização dos arquivos, afirma:

Para que se pudesse de fato escrever a história da escravidão em Vassouras ou qualquer outra temática eleita pelos historiadores, haveria necessidade de partirmos da organização de seus depósitos naturais, os Arquivos, que possuíam um vasto acervo documental, porém totalmente desorganizado e disperso.¹⁷⁰

Segundo é relatado na introdução do catálogo, a documentação que era entendida como arquivo municipal estava sediada no sótão do prédio da prefeitura e num barracão no mesmo prédio. O primeiro passo para que essa documentação pudesse ser entendida como conjunto e compusesse um acervo seria a organização dessas fontes e seu armazenamento num espaço adequado para que pudesse ser preservada. O panorama apresentado sobre o trabalho que culminou no primeiro catálogo mostra que, além de ser entendido como conjunto documental, essas fontes trariam à tona uma gama de informações, que poderiam contribuir grandemente para a pesquisa.

Mesmo com o convênio assinado entre a universidade e a prefeitura, a documentação foi transferida para o prédio da coordenadoria de saúde. No ano de 1989, a Prefeitura de Vassouras rompe de forma definitiva o convênio que garantia à Universidade Severino Sombra o direito de arranjar e dispor da documentação no Centro de Documentação Histórica de Vassouras.¹⁷¹ Indo em oposição do que havia sido proposto para a preservação da documentação e prejudicando a organização que já havia sido feita, a documentação é transferida para uma sala na Rodoviária intermunicipal de Vassouras.¹⁷² Na documentação que relata os eventos em torno da criação do CDH, é explicitada a insatisfação dos envolvidos.

Com grande surpresa e frustração dos professores e alunos da FUSVE e desrespeitando o excelente trabalho por eles realizado [...] foram encerradas as atividades de pesquisa e ordenação da documentação, que vinham sendo desenvolvidas no acervo documental do arquivo do município. Perdiam-se anos e anos de esforço continuado do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, pois seus documentos foram retirados de onde se encontravam e

¹⁷⁰ UNIVERSIDADE SEVERINO SOMBRA. Catálogo Fontes primárias para História da escravidão em Vassouras 1º catálogo. Vassouras: FUSVE, 1988.

¹⁷¹ UNIVERSIDADE SEVERINO SOMBRA. *Datas para a história da cultura em Vassouras (de 1972 a 1993)*. 1993.

¹⁷² Os motivos que levaram à transferência da documentação e à interrupção do processo de catalogação não foram explicitados nos relatórios da instituição de ensino.

despejados de forma assistemática e até danificados, num cubículo da rodoviária Nova. É de se lamentar que nosso passado histórico fosse desta forma tratado e que os convênios firmados pela FUSVE e ainda em vigor naquela data tenham sido desrespeitados [...]¹⁷³

Esse relato deixa clara a insatisfação do corpo universitário com a decisão da retirada da documentação do arquivo municipal do espaço adequado para sua preservação e enfatiza o tempo e recursos necessários para que a organização da documentação fosse possível. O acervo do arquivo municipal é novamente relegado ao abandono, sofrendo um processo forçado de esquecimento.

¹⁷³ UNIVERSIDADE SEVERINO SOMBRA. *Datas para a história da cultura em Vassouras (de 1972 a 1993)*. 1993. p. 4-5.

4 O ACERVO DO CDH

Os capítulos anteriores possibilitaram a compreensão dos processos em torno da criação da Universidade Severino Sombra e posteriormente do curso de História, buscando compreender não apenas os acontecimentos locais, mas também a evolução da historiografia e da arquivologia no Brasil. Tais ciências atravessaram um período de atualização a partir da década de 1950, que permitiu sua renovação. O contato dos docentes e discentes do curso de História com as fontes primárias do arquivo municipal de Vassouras e o levantamento de outros fundos arquivísticos depositados na cidade resultaram num trabalho de sistematização e organização de fontes primárias, que culminou na criação do Centro de Documentação Histórica de Vassouras no ano de 1987. O rompimento do vínculo entre prefeitura e FUSVE dois anos depois teve como desfecho a transferência da documentação municipal, gerando insatisfação dos que haviam trabalhado no longo processo de higienização e de catalogação dessas fontes.

Neste capítulo, abordo a recuperação da documentação do arquivo municipal, que após outro processo de esquecimento e abandono volta a ser foco de discussões quando é encontrada numa sala da rodoviária intermunicipal, com todo o trabalho de catalogação e limpeza prejudicado pelo descaso e pelo claro desconhecimento do valor e da contribuição dessas fontes para a compreensão das relações que se desenrolaram em Vassouras e na região durante os séculos XIX e XX.

Mesmo com o rompimento do convênio com a Prefeitura de Vassouras, a Universidade Severino Sombra continua seu trabalho com as fontes primárias cartoriais cedidas pela OAB no recém-criado CDH. Assim, recebe autorização da Capes para dar início ao curso de Mestrado em História em 1994. Nesse mesmo período, prepara-se para lançar o segundo catálogo *Fontes primárias para a História da Escravidão em Vassouras* em dois volumes, a fim de atestar a evolução dos processos de catalogação e a revelação de tipologias documentais.

No início dos anos 2000, a documentação da casa paroquial, que já havia sido organizada pelos alunos do curso de História, é incorporada ao acervo do CDH. Para complementar a análise, realizo uma breve reflexão das tipologias documentais presentes no acervo. Essas fontes são ricos depósitos de informações que podem ser úteis a pesquisas de diferentes formas, sendo direcionadas pela questão imposta pelo historiador.

Abordo ainda a estrutura que se desenvolveu com a criação do CDH para higienização, guarda e disponibilização dos documentos, permitindo que o espaço tivesse

condições de preservar as fontes e fornecesse qualidade aos visitantes e pesquisadores que teriam contato com elas. Composta de mão de obra assalariada e voluntária, a equipe realiza higienização, catalogação, estuda os documentos e os predadores do papel, analisando os insetos e demais animais que são encontrados no acervo e atraídos por ele. Entender o arquivo no seu aspecto técnico e pensar em sua estrutura como mais do que um mantenedor de suportes de informação é uma tarefa que deve ser praticada pelo pesquisador. Cito os projetos de inserção social do CDH, palestras e exposições que visavam compartilhar com o público os resultados obtidos por meio das pesquisas, a fim de compreender seu papel no auxílio ao acesso às fontes e o compartilhamento de conhecimento com a comunidade local, possibilitando despertar interesse sobre a história da região.

E, por fim, reflito sobre algumas questões acerca da pesquisa, cujas fontes preservadas possibilitam o acesso ao passado e se unem ao historiador no tempo presente para construir uma narrativa de cunho historiográfico. Essa linha que une o pesquisador a recortes de tempo é o que possibilita seu trabalho. Vale citar outros tipos de fontes que contribuem para o trabalho do historiador.

4.1 A recuperação da documentação do arquivo municipal

Após o rompimento do primeiro convênio estabelecido entre a prefeitura de Vassouras e a Universidade Severino Sombra, cujos motivos não foram claramente definidos, a documentação do arquivo municipal de Vassouras já catalogada é levada a uma sala da rodoviária intermunicipal da cidade. A instituição de ensino segue com o trabalho de catalogação do conjunto documental da sede local da OAB, já sediada no recém criado CDH e com a organização do acervo paroquial.¹⁷⁴ Levantamentos de dados passam a ser realizados, possibilitando aos alunos da Universidade a prática da paleografia e da pesquisa.¹⁷⁵

O gosto pelo arquivo passa por um gesto artesanal, lento e fecundo, graças ao qual copiam-se textos, parte após parte, sem transformar nem forma, nem ortografia, nem mesmo a pontuação. Sem pensar muito. Mas, pensando nisso o tempo todo. Como se ao fazê-lo, a mão

¹⁷⁴ Datas para a história da cultura em Vassouras. p. 5.

¹⁷⁵ Paleografia: disciplina que estuda a escrita manuscrita antiga, suas formas e variações através do tempo. In: Dicionário brasileiro de terminologia arquivística. p. 128.

permitisse ao espírito tornar-se cúmplice e simultaneamente estrangeiro ao tempo e a estes homens que se contam.¹⁷⁶

Em 1990, é inaugurada em Vassouras a casa de Cultura Tancredo Neves, e no ano seguinte lhe é atribuída a função de sediar as Secretarias municipais de educação e de cultura – esta última passaria a sediar a biblioteca municipal, para onde até mesmo foi comprado um piano. Em 1992, a Universidade comemorava 25 anos de existência e procurava ampliar seus horizontes, oferecendo novos cursos e ampliando sua estrutura física. As relações entre a Prefeitura de Vassouras e a Fundação Educacional Severino Sombra (FUSVE) tornam-se menos tensas. Essa reconciliação se deu graças à secretária de cultura e educação, Déa Leal que havia participado da organização das fontes municipais e estava ciente dos acontecimentos anteriores entre as instituições e, conseqüentemente, da sua ruptura. Nesse mesmo ano, parte da documentação é transferida da sala na rodoviária para a Casa de Cultura e dois novos convênios se estabelecem: um que garantia cooperação cultural entre as instituições e outro em que a prefeitura solicita apoio técnico para reorganizar a documentação recém-transferida.

Em 23 de janeiro de 1993, na edição do jornal local *Tribuna do Interior*, a situação da documentação do arquivo municipal é exposta. Na primeira página do Jornal, o título da reportagem é “Diretor de Cultura remove arquivo de sala na Rodoviária”.¹⁷⁷ Nessa nota inicial, é enfatizado que “os documentos, que apodreciam ao lado de traças e baratas, terão que passar por um processo de restauração”.¹⁷⁸ Esses três anos de armazenamento em condições não ideais à preservação podem ter prejudicado e fragilizado a documentação, que – de acordo com a nota da matéria de jornal – estava sofrendo atividade predatória de traças, que tem no papel sua principal fonte de alimento.¹⁷⁹ As baratas também oferecem risco, já que possuem uma alimentação variada, podendo consumir couro, papel, cola e até mesmo fezes¹⁸⁰; assim como cupins, que oferecem sério risco à documentação.

¹⁷⁶ FARGE, Arlete. O Sabor do Arquivo. São Paulo: Edusp, 2009. p. 25

¹⁷⁷ Esta nota do jornal encontra-se no anexo.

¹⁷⁸ Diretor de Cultura remove arquivo de sala na Rodoviária. *Tribuna do Interior*. Vassouras, 23 de janeiro de 1993. Ano IX n° 224. Acervo particular.

¹⁷⁹ Sobre traças, ver <https://www.ddrbeira.com.br/tracas-dos-livros-silverfish-conheca-a-traca-que-come-papel/#:~:text=%E2%80%9COs%20danos%20causados%20por%20tra%C3%A7as,Diz%20o%20especialista>.

¹⁸⁰ Sobre baratas, ver: <https://super.abril.com.br/ciencia/tudo-que-voce-nunca-quis-saber-sobre-as-baratas/#:~:text=Poucos%20bichos%20s%C3%A3o%20t%C3%A3o%20liberais,n%C3%A3o%20se%20sabe%20por%20qu%C3%AA>.

É comum se acreditar que cupins se alimentam de madeira, o que não é necessariamente correto. Os cupins se alimentam de celulose, que é um material orgânico encontrado dentro de árvores, arbustos, plantas e até mesmo grama. Porém, a maioria dos cupins procura a celulose em madeiras, daí vem a ideia de que cupins só se alimentam de madeira. Entretanto, eles também comem a celulose encontrada, por exemplo, em paredes de gesso, folhas de papel, caixas de papelão e até pilha de jornais.¹⁸¹

Esses e outros insetos como o piolho-de-livro e os besouros podem comprometer seriamente a integridade do papel. Além disso, fatores como a umidade e a estrutura do lugar que se escolhe para o armazenamento dos materiais podem acelerar a degradação dos documentos.¹⁸²

Na notícia principal “Documentos históricos apodreciam em sala na rodoviária Nova”¹⁸³, é enfatizado o abandono sofrido pelo acervo, apodrecendo e esquecido nessa sala. Ainda segundo as informações apresentadas na matéria do Tribuna do Interior, os documentos teriam sido descobertos ao acaso, quando a limpeza da sala foi solicitada. “Hoje, se algum pesquisador tentar saber alguma coisa da história vassourense através de seus documentos terá sérias dificuldades. Os documentos não estão cadastrados, o que tornaria a pesquisa tão objetiva como procurar agulha em um palheiro”.¹⁸⁴ Mostrando-se chocados com a situação da documentação, transferiram o acervo para a Casa de Cultura. O objetivo era acondicionar a documentação no prédio após o final da reforma. Essa documentação necessitaria de um longo trabalho de higienização e catalogação até estar pronta para ser acessada, já que – ao que se nota além da transferência de espaço – a catalogação que já havia sido feita nas fontes foi perdida pela mudança abrupta e pelo descaso em manter a catalogação.¹⁸⁵

É importante citar que a nota de jornal ressalta o desconhecimento do uso da sala na rodoviária para guarda de documentos. Mas, como visto no final do capítulo anterior, numa nota extraída do relatório *Datas para História da Cultura em Vassouras (de 1972 a 1993)* da Universidade Severino Sombra, o destino da documentação seria uma sala na

¹⁸¹ SOLARIS. Do que os cupins se alimentam?. Disponível em: <<https://solariscpu.com.br/do-que-os-cupins-se-alimentam/>>. Acesso em: 30/11/2020.

¹⁸² A Fundação Oswaldo Cruz fez um levantamento sobre insetos bibliógrafos e formas de prevenção. Disponível em: http://www.fiocruz.br/ioc/media/cartilha_insetos_bibliofagos.pdf. Acesso em: 30/11/2020

¹⁸³ Documentos históricos apodreciam em sala na rodoviária Nova. Tribuna do Interior. Vassouras, 23 de janeiro de 1993. Ano IX nº 224. Acervo particular.

¹⁸⁴ Tribuna do Interior. Vassouras, 23 de janeiro de 1993. Ano IX nº 224. Acervo particular.

¹⁸⁵ Esta nota de jornal encontra-se no anexo 6.

rodoviária intermunicipal de Vassouras.¹⁸⁶ Isso estabelece a hipótese dessa informação ter se perdido com as mudanças do governo municipal e as trocas de funcionários que ela implica, ou de a localização da documentação ter sido “esquecida”.

As informações apresentadas levantam a possibilidade de que a documentação estaria sendo relegada a um novo processo de esquecimento. Com as fontes desorganizadas e sem nenhuma informação catalogada sobre essa documentação, ela iria se deteriorar, causando uma massiva perda para os estudos de história do vale do Paraíba, do café e da escravidão, sem que se percebesse a riqueza do material que estava se perdendo por más condições de acondicionamento e descaso com a história local. Esse descaso com a História de Vassouras é visível na população que ignora ou desconhece o passado da cidade e tece críticas ao centro histórico tombado, sem conhecer a história que pode ser contada por esses monumentos e prédios.

Esse conjunto documental foi o primeiro foco de interesse da FUSVE no tocante às fontes primárias de Vassouras. A partir do convênio entre a instituição de ensino e a Prefeitura de Vassouras, os representantes da sede local da OAB tomaram conhecimento do trabalho com as fontes primárias e estabeleceram o convênio que possibilitou a criação do CDH. Entretanto, apesar de a documentação municipal ter sido um fator importante para a fundação do centro de documentação, ela não faria parte do conjunto que compunha o acervo. Como mencionado, a documentação foi sediada numa casa alugada pela prefeitura quando o primeiro convênio foi estabelecido, depois abruptamente realocada para uma sala da rodoviária intermunicipal de Vassouras e finalmente foi transferida para o prédio da Casa de Cultura.

Em 1999, o prefeito vigente Pedro Ivo da Costa cede a guarda das fontes ao escritório Regional do IPHAN situado em Vassouras e solicita sua organização, dado o quadro de descuido evidente que acometeu o conjunto. Os documentos seriam transferidos para uma sala no Anexo do Museu Casa da Hera. O convênio atestava o fornecimento do material por parte da prefeitura enquanto cabia ao IPHAN criar condições físicas para que o local escolhido tivesse capacidade de sediar o arquivo de maneira que pudesse ser devidamente acondicionado.¹⁸⁷ Nele, é dito que a documentação encontra-se em caixas de papelão, pacotes e encadernações, “[...] nas condições atuais de

¹⁸⁶ Essa descoberta das fontes na rodoviária aconteceu depois das eleições municipais. O Prefeito Severino Ananias Dias (1989-1992) é substituído por Renato Antônio Ibrahim (1993-1996).

¹⁸⁷ Termo de convênio entre prefeitura e Iphan. Arquivo particular.

desorganização e comprometimento”.¹⁸⁸ Até os dias atuais, esse conjunto documental encontra-se sediado no Iphan, que segue salvaguardando e possibilitando aos pesquisadores o acesso às fontes.

4.2 O Segundo catálogo, a inclusão dos registros paroquiais e as tipologias documentais

No início da década de 1990, havia um grande questionamento sobre a sobrevivência da história como disciplina acadêmica e questionava-se o discurso historiográfico. Nesse momento, compreender a história como um discurso construído pelo historiador através dos vestígios que encontra do passado mostrou-se fundamental. Evidencia-se o crescimento de abordagens da história cultural, de caráter descritivo e os trabalhos biográficos tornam-se mais recorrentes. Tal crescimento é evidenciado desde a década de 1980 a partir de uma abordagem interdisciplinar, incluindo as demais ciências que objetivavam a compreensão do funcionamento da sociedade, como Antropologia, Sociologia, Arqueologia, Geografia etc. Desse modo, é nesse período de questionamentos e novas abordagens que surge o curso de mestrado em História da USS.¹⁸⁹

Em julho de 1994, é enviado à Capes o projeto do mestrado em História. Em agosto do mesmo ano é realizado o primeiro processo seletivo. Representou um grande marco para a instituição oferecer um curso de mestrado no interior do estado, cujas linhas de pesquisa eram: *Sociedade e Cultura e História Regional*, incentivando produções sobre o vale do Paraíba e a história da escravidão, fazendo uso principalmente da documentação sediada no CDH. Era o único curso de mestrado em História no interior do estado do Rio de Janeiro.¹⁹⁰ Utilizando-se das transformações que ocorreram na área de História, assim como outras universidades, a USS consolida-se no campo permanente da pesquisa a partir do curso de pós-graduação.

Nesse mesmo ano, foi iniciado um levantamento para a publicação do segundo *Catálogo Fontes Primárias para a História da Escravidão em Vassouras*, lançado no ano seguinte, no I Congresso Nacional de História do Brasil Império, realizado no Centro de Documentação entre os dias 27 de novembro de 2 de dezembro sob a coordenação da Dr^a

¹⁸⁸ Termo de convênio entre prefeitura e Iphan. Arquivo particular. p. 1.

¹⁸⁹ FALCON, Francisco. A Historiografia Fluminense A Partir Dos Anos 1950/1960: Algumas Direções De Pesquisa In: GLEZER, Raquel. (Org.). Do passado para o futuro – edição comemorativa dos 50 anos da Anpuh. São Paulo: Contexto, 2011.

¹⁹⁰ USS. Relatório de atividades anuais, 1994. p. 16.

Marilda Ciribelli.¹⁹¹ A nova edição do catálogo, em dois volumes,¹⁹² mostra uma documentação já dividida em grupos, codificada alfanumericamente e etiquetada com referências como partes envolvidas, título, ano, constando ainda observações em alguns desses materiais.¹⁹³ Na introdução do catálogo, consta um agradecimento a OAB de Vassouras.

Cabe-nos consignar nosso agradecimento a Ordem dos Advogados do Brasil pela cessão de documentos para a elaboração deste Catálogo que corresponde à segunda etapa da pesquisa realizada pelo Centro de Documentação Histórica sobre o Arrolamento de fontes primárias do Município de Vassouras.¹⁹⁴

A concessão da custódia dos documentos do arquivo por parte da OAB de Vassouras foi de fundamental importância para a criação do CDH. Nesse período, a Universidade deu continuidade às pesquisas com fontes primárias e às excursões e visitas de cunho histórico. Nesse sentido, as fazendas históricas, o museu Casa da Hera, os arquivos e o centro histórico de Vassouras eram visitados frequentemente. Realizam também exposições na Casa de Cultura da cidade, cumprindo o que havia sido estipulado no último convênio assinado entre a Universidade e a Prefeitura; assim, as exposições organizadas mostravam um esforço conjunto para desenvolver e incentivar a cultura na cidade.

No ano de 2001, outro convênio é assinado, dessa vez entre a paróquia de Vassouras e a FUSVE. A partir desse acordo, a documentação paroquial, que possui material a partir de 1821, e já organizada pelos alunos e professores da USS, seria transferida e passaria a compor também o acervo do Centro de Documentação Histórica. De acordo com a teoria arquivística – que rege a organização dos arquivos e é responsável por nortear a guarda, a custódia e a organização de grandes massas documentais e pelas discussões que possibilitam aprimoramento e desenvolvimento teórico da arquivologia -, alguns princípios mostram-se fundamentais para realizar a catalogação, respeitando a identidade da documentação. O princípio da proveniência garante que a documentação permaneça relacionada ao órgão ou à pessoa que o criou, objetivando manter a identidade do conjunto documental. A organicidade é responsável pelas atividades administrativas

¹⁹¹ USS. Relatório de atividades anuais. p. 11

¹⁹² A relação dos fundos arquivísticos do segundo catálogo encontra-se no anexo.

¹⁹³ Etiqueta: Rótulo afixado sobre as unidades de arquivamento e/ou seu invólucro, contendo informações que permitam sua identificação. In: Dicionário brasileiro de terminologia arquivística. p. 86.

¹⁹⁴ Introdução do Segundo Catálogo Fontes Primárias para a História da Escravidão em Vassouras.

relacionadas aos fundos, pensando a estrutura e sua funcionalidade. A unicidade entende que a documentação arquivada mantém uma identidade única. Portanto, o princípio da unicidade garante que os conjuntos não sejam dispersos nem mutilados, o que inclui exclusão ou adição indevida. Por fim, a cumulatividade entende o arquivo como uma instituição que obtém conteúdo de forma natural.¹⁹⁵ Dessa forma, o centro de documentação recebe fundos provenientes de produtores diferentes, mas mantém as características que os tornam únicos e insubstituíveis.

Refletindo sobre os diferentes fundos arquivísticos que compõem o acervo, vemos a pluralidade de tipologias que se apresentam.¹⁹⁶ Nos registros paroquiais, encontram-se todos os registros que haviam sido preservados desde antes da criação da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição (1828) e da vila de Vassouras (1833); encontram-se também os documentos referentes à Irmandade de Nossa Senhora da Conceição.¹⁹⁷ Os registros de batismos eram divididos entre pessoas livres e escravizadas, mostrando um padrão de informações relevantes norteado pela condição social. Pessoas influentes ou vindas de outros países tinham registros mais completos; já os cativos eram registrados a partir de informações básicas e relacionados aos seus donos, como apadrinhamentos e liberdade de pia, o que exemplifica uma maleabilidade das relações sociais, por vezes maiores que o relatado. Essa realidade também se aplica aos registros de casamentos e óbitos, sempre mostrando mais informações de pessoas abastadas, mas também possibilitando relacionar pessoas. Muitos escravizados e até mesmo pessoas livres só têm sua existência comprovada a partir desses registros, que se mostram

[...] imprescindíveis principalmente para o conhecimento de uma época em que não existia o Registro Civil – em que não havia a separação entre Estado e Igreja – ou seja, o Brasil do início da colonização portuguesa à Proclamação da República. Neste período, o registro paroquial possuía um caráter religioso com força de um ato civil para cada indivíduo, servindo, inclusive, de base legal para operações seculares, como, por exemplo, os processos de Herança.¹⁹⁸

¹⁹⁵ TECNOLEGIS. Teoria Arquivística Princípios e Conceitos. Disponível em: <<https://www.tecnolegis.com/estudo-dirigido/tecnico-judiciario-tre-acre/teoria-arquivistica-principios.html>>. Acesso em: 30/11/2020.

¹⁹⁶ Fundo: conjunto de documentos de uma mesma proveniência. Dicionário Brasileiro de terminologia arquivística p. 97.

¹⁹⁷ A construção da Igreja Matriz de Vassouras teve início em 1828. Em 04 de Julho de 1830, ocorre a primeira reunião da Irmandade em saca família, numa sede provisória. A irmandade viria a se chamar Irmandade Nossa Senhora da Conceição de Vassouras, depois da fundação da vila de Vassouras em 15 de janeiro de 1833. Série Inventário, Vassouras – RJ. Acervo Particular.

¹⁹⁸ BASSANEZI, Maria Sílvia. Registros paroquiais e civis – os eventos vitais na reconstituição da história. In: PINSK, Carla B. LUCCA, Tania R. de. O historiador e suas fontes. São Paulo: Contexto, 2009. p. 143.

Os testamentos estão ligados ao ato de atestar ou de testemunhar, uma vez que “[...] testamento vem das palavras latinas *testatio mentis*. *Testatio* significa a ação de atestar ou testemunhar sendo *mentio* ou *mens*, a mente, o espírito, um plano, um projeto”.¹⁹⁹ Ou seja, esses documentos atestam as vontades e desejos de um indivíduo acerca da partilha de seus bens materiais, bem como desejos referentes a roupas e relacionados ao sepultamento. O *Novo código Civil Brasileiro*, por sua vez, considera testamento “o ato irrevogável pelo qual alguém, de conformidade com a lei, dispõe, no todo ou em parte, do seu patrimônio para depois de sua morte”.²⁰⁰ A partir da palavra testamento, derivam nomes e funções relacionados a ela: testador é aquele que elabora o documento; testamentária seria o ato de execução do testamento; e testamenteiro refere-se à pessoa responsável por executar a vontade do testador.²⁰¹ Dada a definição do dicionário, inventário é uma listagem de bens de pessoa falecida, feita para que se possa proceder à partilha.²⁰²

O inventário seria a parte prática do testamento, já que sua função é listar os bens do falecido, resolver pendências como dívidas e distribuir os bens para os herdeiros. No caso dos inventários presentes no CDH, mostram-se fontes ricas acerca do período escravista, pois nos inventários os cativos seriam listados com informações que incluíam ofício e valor. Com inventários de diferentes períodos, podem-se estabelecer padrões que auxiliam na compreensão das relações da época e da dinâmica da sociedade escravista.²⁰³

Os processos criminais originam-se a partir de uma denúncia de um crime. Os atos ilegais ou proibidos são estipulados no código penal e, por meio do direito penal, são atribuídas penalidades ou castigos,²⁰⁴ uma vez que são

fundamentalmente fontes oficiais, produzidas pela justiça, a partir de um evento específico: o crime e seu percurso nas instituições policiais e judiciárias. Por conta disso, é fundamental que os processos sejam tomados também como “mecanismos de controle social”, marcados

¹⁹⁹ FURTADO, Júnia Ferreira. A morte como testemunho da vida. in: PINSK, Carla B. LUCCA, Tania R. de. O historiador e suas fontes. São Paulo: Contexto, 2009. p. 94.

²⁰⁰ FURTADO, Júnia Ferreira. A morte como testemunho da vida. in: PINSK, Carla B. LUCCA, Tania R. de. O historiador e suas fontes. São Paulo: Contexto, 2009. Pág. 95.

²⁰¹ *Ibidem*, p. 96

²⁰² DICIO, Dicionário Online de Português. Significado de inventário. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/inventario/>>. Acesso em: 02/12/2020.

²⁰³ FURTADO, Júnia Ferreira. A morte como testemunho da vida. in: PINSK, Carla B. LUCCA, Tania R. de. O historiador e suas fontes. São Paulo: Contexto, 2009. p. 112.

²⁰⁴ GRINBERG, Keila. A história nos porões dos arquivos judiciários. In: PINSK, Carla B. LUCCA, Tania R. de. O historiador e suas fontes. São Paulo: Contexto, 2009. p. 122.

necessariamente pela linguagem jurídica e pela intermediação do escrivão.²⁰⁵

Essa tipologia documental está ligada a um discurso cujo objetivo não é remontar os fatos de forma real, mas sim estabelecer uma relação de culpa e aplicar uma punição, o que é feito a partir de um discurso criminal que busca legitimar provas e estabelecer uma relação de culpabilidade que vai gerar uma condenação. Essas fontes podem auxiliar a levantar informações sobre os envolvidos no processo, o que torna a fonte rica de forma qualitativa e quantitativa.²⁰⁶ No caso do acervo tido como objeto de estudo, tais fontes podem fornecer informações tanto acerca da população livre como da escravizada, trazendo à tona crimes, tentativas de fugas, assassinatos, revoltas e atos considerados contra a civilidade e os bons costumes. Fornecem ainda dados sobre a sociedade da época, possibilitando compreender como determinados grupos sociais entendem conceitos como vítima, testemunha e como essas pessoas são tratadas ao longo dos processos.

Esses registros sofriam alterações à medida que novas leis eram escritas. Um exemplo disso é a Lei nº 2.040 de 28 de setembro de 1871, a Lei do Ventre Livre. A partir da assinatura da lei, os escravizados passariam a ter números de matrícula. Esse método foi criado a fim de justificar os gastos com os escravizados que nasciam após a assinatura da lei, mas também se mostra como ferramenta para compreender os anos finais da escravidão no Brasil.²⁰⁷

Além da divisão de fontes por sua tipologia, é possível classificar as fontes de forma a revelar seu conteúdo e facilitar ao pesquisador realizar uma crítica à sua fonte. Uma taxonomia das fontes possibilita a sua classificação em diferentes categorias. Nesse sentido, essa tarefa possibilita o questionamento à informação e como ela é apresentada ao longo do documento. Por meio dessa proposta, criada por Júlio Aróstegui, podemos nos aproximar da fonte com perguntas que possibilitem sua compreensão.²⁰⁸

Algumas das perguntas que uma taxonomia das fontes permite são: o autor da fonte ao fazer seu relato se manifesta de forma direta ou indireta? As informações são extraídas de um discurso voluntário ou involuntário? Por vezes, o texto da fonte revela mais informações de forma involuntária do que de forma proposital. Desse modo, ao

²⁰⁵ GRINBERB. Op. Cit. p. 126.

²⁰⁶ GRINBERB, Keila. A história nos porões dos arquivos judiciários. In: PINSKY, Carla B. LUCCA, Tania R. de. O historiador e suas fontes. São Paulo: Contexto, 2009. p. 128-129.

²⁰⁷ BACELLAR, Carlos. Uso e mau uso dos arquivos. In: PINSKY, Carla Bassanezi. (Org.) Fontes Históricas. São Paulo: Contexto, 2007. p. 29.

²⁰⁸ BARROS, José D'Assunção. Fontes históricas – introdução aos seus usos historiográficos. Petrópolis: Vozes, 2019. p. 27.

escrever nos situamos no tempo e colocamos nossas realidades e pensamentos; mesmo que ocorra sem perceber, isso não muda nos discursos de documentos de tempos passados. Com o acréscimo de novas tipologias documentais, ainda podemos questionar-se as fontes são orais, verbais, não verbais, materiais ou imateriais.²⁰⁹

Outro fator que é muito importante de ser analisado numa fonte é sua intenção. Com que propósito esse documento ou vestígio de um tempo passado e que cumpriu uma função específica foi criado? Quanto a isso – “[...] a *intencionalidade* – ocupa-se basicamente de lançar uma indagação sobre as condições de produção de determinada fonte.”²¹⁰ Os textos não estão prontos para serem utilizados como fontes e, por esse motivo, não fornecem as informações de forma clara e pronta; em contrapartida, por vezes, fornecem informações além do pretendido. Por isso, questionar, classificar e interpretar as informações fornecidas ou a ausência de informações é crucial para entender a intenção da fonte e como ela pode contribuir para que o pesquisador se aproxime de seu objeto.

4.3 Centro de documentação: acervo, disponibilização e pesquisa

Com a criação do Centro de Documentação em 1987, desenvolve-se um sistema que permite atender às demandas de higienização, acondicionamento e acesso. Nessa estrutura, havia dois laboratórios de conservação para a realização de higienização mecânica e uma sala de quarentena onde os documentos com infestações ativas de insetos e fungos seriam tratados. Para manuseio de tais documentos, é obrigatório o uso de Equipamentos de Proteção individuais (EPIs) como jalecos, mangas, luvas, óculos e máscara. O segundo laboratório seria para coletas dos espécimes que eram encontrados nos documentos e para realização de trabalhos de reparo a fim de impedir que o dano ao papel se intensifique. Além dos animais encontrados nos documentos, foram realizados estudos sobre os predadores atraídos por eles. O local contém duas salas com estantes de metal, aparelho desumidificador e termômetros de temperatura mínima e máxima. E, finalmente, uma sala para atendimento com dois computadores, duas para fins administrativos, ambas com computadores e uma sala de estudos. Para atender à demanda, a equipe contava com dois historiadores; um auxiliar preparado para os

²⁰⁹BARROS, José D’Assunção. Fontes históricas – introdução aos seus usos historiográficos. Petrópolis: Vozes, 2019. Pág. 28.

²¹⁰ Ibidem. Pág. 41.

trabalhos de limpeza; um químico e um biólogo, ambos voluntários e responsáveis pela pesquisa sobre os insetos que ofereciam risco aos documentos.²¹¹

A disciplina do oitavo período, *Métodos e técnicas de arquivo*, também era realizada no CDH, possibilitando o trabalho direto com as fontes durante as aulas. O ato de trabalhar com fontes primárias na graduação não era recorrente nas grades dos cursos de História, uma vez que as disciplinas eram focadas em debates historiográficos, e os discentes não eram preparados para a pesquisa. Além do debate historiográfico, seria importante em algum momento incluir o trabalho com o arquivo, assim o historiador em formação poderia se familiarizar com a parte fundamental da produção historiográfica.²¹²

Essa estrutura permitia a preservação do papel. Os arquivos esforçam-se para prolongar a vida útil do material, podendo assim proteger o que é realmente objeto de interesse: a informação que ele carrega. O papel ou qualquer outro material que seja usado para escrever, como argila ou tecidos, é um suporte. Preservando o suporte, preservam-

se palavras, assinaturas, últimas vontades, processos; porém, mais do que isso, preservam-se intenções, sejam de comunicar, registrar ou delegar. Essa informação, impressa no papel por diferentes tipos de tintas, sob diversas formas de escrita, torna-se para o historiador uma porta de conexão com um evento isolado, permitindo ingresso numa fração do passado preservada por meio de palavras que, na maioria das vezes, não foram produzidas com a finalidade de preservação, atendendo apenas a um objetivo específico e datado.

Os arquivos, que por sua excelência guardam a memória da humanidade, concentram também uma grande quantidade de biomassa, [...] sendo, portanto, extremamente atrativos a espécies orgânicas, insetos em grande maioria, que o buscam para alteração e vivência.²¹³

O processo de arquivamento no Brasil inicia-se com as capitânicas hereditárias. Procurando consolidar sua presença na Colônia, a coroa portuguesa dá início à distribuição de capitânicas a fim de desenvolver o território economicamente e mostrar sua presença no local. Feito isso, é estabelecido um sistema de comunicação entre a metrópole e a colônia. Com isso, duas vias de produção documental surgem: uma de cunho privado, composta pelas cartas escritas por esses capitães-donatários e outra pública, por parte do

²¹¹ Relatório semestral do CDH, abril/setembro de 2003. Arquivo da casa paroquial.

²¹² BACELLAR, Carlos. Uso e mau uso dos arquivos. In: PINSKY, Carla Bassanezi. (Org.) Fontes Históricas. São Paulo:Contexto, 2007. p. 23-24

²¹³ Relatório semestral do CDH, abril/setembro de 2003. Arquivo da casa paroquial.

Governo de Portugal.²¹⁴ Infelizmente, a produção de informação não anda em conjunto com a preservação. Os registros que começaram a ser produzidos já nesse período passariam por vários espaços de armazenamento, em sua maioria, em condições precárias. Sua preservação tornou-se possível dada a estrutura do papel, mais densa.

O método de preservação a ser adotado depende do armazenamento do papel e da qualidade do material. Papéis mais antigos fabricados a partir de retalhos de tecidos e celulose em maior quantidade são menos sensíveis à ação do tempo e aos fatores externos. Papéis modernos, com uma qualidade inferior, acabam se degradando com mais facilidade. Esse processo de desgaste pode ser agravado por fatores externos como exposição à umidade, à temperatura...²¹⁵ No caso de um centro de documentação, que recebe documentos a partir de doações, permutas e convênios, o estado e a tipologia dos papéis são variados, podendo demandar uma necessidade maior de cuidado.

No entanto, além do que está preservado no papel, a fonte deve ser situada para ser analisada, pensando-se no público ou no indivíduo ao qual se refere, a linguagem da escrita, seu contexto e o contexto histórico em que se encontra. No artigo (*Des*)construir o arquivo, Eric Ketelaar defende o arquivo como um processo dinâmico.²¹⁶ “Se tudo que sai dos arquivos é moldado pelo trabalho do usuário e depois devolvido aos arquivos para ser novamente ativado etc. – então é preciso compreender os arquivos não apenas como um tesouro, um lugar, um *wunderkammer*²¹⁷, e sim como um processo”.²¹⁸ Ou seja, o documento pode ser usado sucessivas vezes sob diferentes abordagens e pontos de vista. Talvez haja mais dificuldade para o historiador do que para o arquivista para compreender esse processo. O Historiador vai ao arquivo buscando fontes que respondam ao seu questionamento, sendo um ou mais documentos, ou utilizando outros tipos de coleta de dados. Assim, o historiador reúne informações de acordo com o desejo de responder à

²¹⁴ BACELLAR, Carlos. Uso e mau uso dos arquivos. In: PINSKY, Carla Bassanezi. (Org.) Fontes Históricas. São Paulo:Contexto, 2007. p. 43.

²¹⁵ AREDES, Diego Rodrigues. A evolução do papel e suas formas de conservação. (monografia de especialização) UFMS, 2014. p. Este trabalho aborda não só os agentes internos e externos que podem prejudicar a estrutura do papel, como também faz um breve levantamento dos diferentes suportes de escrita. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/11709/Aredes_Diego_Rodrigues.pdf?sequence=1&isAlloWed=y>. Acesso em: 05/12/2020.

²¹⁶ HEYMANN, Luciana; NEDEL, Letícia. (org.) Pensar os arquivos: uma antologia. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2018. 364p.

²¹⁷ Gabinete de curiosidades. Exposição de itens curiosos, objetos advindos de novas explorações ou aparelhos tecnicamente avançados, podiam também ser quartos onde eram expostos quadros e pinturas. Comuns nos séculos XVI e XVII, por conta das explorações e descobrimentos. São considerados os prenunciadores dos museus atuais de arte. In: https://pt.wikipedia.org/wiki/Gabinete_de_curiosidades

²¹⁸ HEYMANN, Luciana; NEDEL, Letícia. (org.) Pensar os arquivos: uma antologia. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2018. 364p. p. 197.

sua questão, ou seja, quando se dirige ao arquivo ou procura por vestígios, já tem uma ideia de qual é o tipo de documento e qual o recorte temporal de sua pesquisa.

O arquivista, por outro lado, trabalha com a pluralidade de fontes, de tipologias, de fundos e até mesmo de acervos e, por vezes, auxilia o pesquisador, indicando documentos. Ele não tem perguntas, pelo contrário, seu papel é guardar as respostas. Uma vez que lida com a preservação do conjunto, tem contato contínuo com as fontes de maneira a garantir a preservação e a organização, atendendo diversos pesquisadores que buscam diferentes assuntos e cronologias. Enquanto o historiador está “limitado” pela dúvida que o levou à busca por fontes, o arquivista tem uma visão mais ampla. Dessa forma, cada vez que um mesmo documento é utilizado com objetivos diferentes ou por outro indivíduo, esse documento se expande.²¹⁹

O autor faz também uma discussão sobre o arquivamento. Na maioria das vezes, entendemos a seleção e armazenamento como o ato de guardar o documento após a sua produção. Ele lança mão do termo arquivação para se referir ao fato de que o arquivamento tem início na fase anterior ao processo de registro, quando há um momento de seleção do que deve ser arquivado (consciente ou não).²²⁰ Outro termo que é utilizado é arquivalização, em que o autor questiona que o ato de arquivar e como ele é feito estão impregnados de características culturais e sociais de seu arquivador.²²¹ Essa discussão leva-nos a refletir sobre o momento de produção do documento, o ato de imprimir no papel palavras que transformem pensamentos em algo concreto. Permite também uma reflexão do ato de preservação, dos caminhos que esse registro percorre até o arquivo e depois até a mesa do pesquisador, sendo assim convertido em fonte.

Retomando o acervo do CDH, vemos o preparo que é realizado para a disponibilização das fontes. Os visitantes preenchem cadastros e recebem uma lista de normas que irá prepará-los para o seu manuseio. O acesso é limitado a um documento por vez e os pesquisadores são acompanhados, atendidos e supervisionados pela equipe. No relatório do CDH de 2003, já havia a sugestão de otimizar a solicitação de documentos a partir de um código individual.

Quando iniciei meu estágio na CDH, esses códigos individuais já estavam sendo utilizados; além disso, os documentos já estavam sendo digitalizados e encaminhados

²¹⁹ KETELAAR, Eric. (Des)construir o arquivo. In: HEYMANN, Luciana; NEDEL, Letícia. (org.) Pensar os arquivos: uma antologia. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2018. p. 202.

²²⁰ KETELAAR, Eric. (Des)construir o arquivo. In: HEYMANN, Luciana; NEDEL, Letícia. (org.) Pensar os arquivos: uma antologia. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2018. p. 202. p. 198.

²²¹ KETELAAR. Op. Cit. p. 199.

para um sistema de intranet. A partir desse sistema, os pesquisadores poderiam acessar os documentos em formato digital, o que garantiria aos originais a preservação tanto no sentido de estarem escaneados e preservados no estágio em que se encontravam naquele momento, como por não serem mais manuseados com frequência, o que prolongaria sua vida útil. De outro modo, os documentos que ainda não se encontravam digitalizados poderiam ser solicitados nesse mesmo sistema, que permitia a busca por código, nome ou assunto, otimizando o atendimento e representando um avanço considerável em relação ao acesso às fontes. A partir da tabela a seguir, podemos acompanhar o número crescente de visitas que o CDH recebeu entre os anos de 1999 e 2003.²²²

Ano	Visitas	Pesquisadores
1997	12	03
1998	10	09
1999	45	16
2000	52	27
2001	206	45
2002	279	59
2003	239	128
Total	873	287

Fonte: Relatório semestral do CDH, abril/setembro de 2003. Arquivo da casa paroquial.

Nota-se o aumento gradual no número de visitantes, que se intensifica a partir de 2001, ano da inclusão da documentação paroquial. Uma das hipóteses é que esse número se justifique pelo interesse em registros eclesiais para fins genealógicos e de cidadania. Além da guarda e pesquisa, a equipe também realizava pesquisas a partir da documentação. Por meio delas, eram realizadas palestras nas escolas e oferecidas à comunidade, projetos esses que – juntamente com os professores da rede básica de ensino – procuravam envolver os alunos de escolas públicas na pesquisa e nas exposições montadas em diferentes espaços e visitadas por instituições de ensino e pelo público.²²³

Além de oferecer palestras nos espaços de ensino, os alunos das escolas – não apenas de Vassouras – também eram recebidos no arquivo. Assim, poderiam conhecer o espaço e entender o seu funcionamento. Entre as escolas que realizaram visitas ao CDH

²²² Esse quadro foi retirado do relatório semestral referente aos meses de abril/setembro de 2003. Nele, há informações sobre a estrutura, visitas e pesquisas de 1999 até a data de sua elaboração em setembro de 2003.

²²³ As listas de palestras, projetos e exposições realizados no período de 1999 a 2003 encontram-se anexadas.

estão o Jardim Escola Pinguinho de Mel (2002), o Instituto de Educação Nossa Senhora Medianeira (2002) e o Colégio Arco Íris (2003). Também estiveram presentes turmas de pós-graduação da USS e o curso de História da UNIRIO em 2003. Essas informações mostram uma preocupação em envolver a comunidade na produção de conhecimento sobre a história local, auxiliar os alunos das escolas locais a extrapolar a história dos livros didáticos, principalmente no tocante à história local, que é esquecida nas grades curriculares escolares, sendo não só um guardião de informação como um propagador de conhecimento.

Um arquivo não deve ser entendido como estrutura dissociada do universo em que se insere. Sua natureza advém da guarda do passado, para o presente e para posteridade. Sua permanência somente é viável se inserir-se no contexto social, transformando a mentalidade e apoiando a construção da cidadania. Seu acervo, núcleo central de suas ações, devem ser entendidos como importante ferramenta para a sociedade. Preservar é, indiscutivelmente, uma tarefa árdua, meticulosa, que exige muita responsabilidade, e para a equipe do CDH, é mais do que o ato de preservação e disponibilização da memória, é o exercício da cidadania no seu aspecto interventor, capaz de preservar com consciência, apoiando e participando de projetos sociais no campo da cultura e educação.²²⁴

Por isso seria ideal que o arquivo fosse inserido de fato na sociedade em que se encontra. Essas atividades desenvolvidas pelo CDH a fim de se inserir no contexto social da cidade de Vassouras mostram como o arquivo conecta-se com a cidadania e com a memória local, coletiva e individual. Mostram uma equipe coesa, engajada no trabalho com as fontes e ciente da necessidade não apenas de sediar a documentação, mas de compartilhar conhecimento e de extrapolar os limites do arquivo, desenvolvendo pesquisas não apenas com o acervo, mas também buscando informações sobre o que o afeta direta e indiretamente.

A difusão do material obtido por meio de pesquisas e a busca por inserir o espaço do arquivo na comunidade podem contribuir para desmistificar o local, para que não seja mais visto como espaço exclusivo do pesquisador. O Arquivo, bem como as produções que resultam das fontes que ele guarda, devem ser entendidos como acessíveis.²²⁵ Afinal, revisitar o passado só é possível porque nós, como indivíduos sociais, somos seres que colecionam e buscam a preservação de memórias.

²²⁴Relatório semestral do CDH, abril/setembro de 2003. Arquivo da casa paroquial.

²²⁵BELLOTTO, Heloísa Liberalli. Arquivo Estudos e Reflexões. Belo Horizonte: UFMG, 2014. p. 134

Essa conexão que o pesquisador estabelece entre presente e passado só é possível quando um rastro do passado resiste à ação do tempo. Todavia, esses registros não são unicamente encontrados nos arquivos na forma de textos escritos, mas podem ser vestígios arqueológicos, monumentos, linguagens, registros orais... Essas formas de acessar o passado não invalidam a importância do documento de arquivo. O que vai determinar qual fonte será utilizada pelo pesquisador será seu objeto de pesquisa e os vestígios disponíveis para acessar o recorte pretendido.

São “fontes” ou “documentos” históricos tanto os textos escritos de todos os tipos como também o são as fotografias, os objetos de cultura material ou quaisquer outros conteúdos e materiais que os historiadores utilizem como vestígios para apreender a história um dia vivida e para, concomitantemente, escreverem a História no outro sentido, o de produto de um campo do saber.²²⁶

Ainda segundo o autor, o termo documento histórico perdurou de um período historiográfico anterior, de abordagem positivista. Essa visão acerca da fonte pode passar a imagem de que a pesquisa já está pronta quando o historiador recorre aos documentos. No entanto, a pesquisa no arquivo requer a interpretação das fontes, a extração de informações e a percepção do que está implícito. Com a expansão de possibilidades de abordagens e de materiais incorporados à pesquisa, o termo fonte documental mostrou-se mais abrangente,²²⁷ e o significado da palavra fonte relaciona-se com o início, a criação e a fluidez de algo.²²⁸

²²⁶BARROS, José D’Assunção. Fontes históricas – introdução aos seus usos historiográficos. Petrópolis: Vozes, 2019. p. 18.

²²⁷ BARROS, José D’Assunção. Fontes históricas – introdução aos seus usos historiográficos. Petrópolis: Vozes, 2019 p. 18.

²²⁸ BARROS. Op. cit., p. 23.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho objetivou compreender a formação do Centro de Documentação Histórica de Vassouras no ano de 1987, vinculado à Universidade Severino Sombra, atualmente Universidade de Vassouras. A partir de fontes encontradas no Arquivo da Casa de Memórias Severino Sombra, no Centro de Documentação Paroquial e de arquivos particulares, foi possível compreender a formação do curso de História da Universidade e entender como as fontes se tornaram foco de interesse da instituição. Entender as transformações da arquivologia e da historiografia brasileira a partir da década de 1960 foi crucial para compreender o cenário que possibilitou a criação do curso de graduação em História e do Centro de Documentação Histórica de Vassouras. Além disso, mostra como essa reflexão e a posterior implementação de novas técnicas de limpeza e armazenamento foram cruciais para minimizar a deterioração de documentos e prolongar sua vida útil.

Esse levantamento permitiu que o objetivo proposto fosse cumprido e possibilitou refletir o papel das fontes no trabalho do historiador. É notório que o avanço tecnológico permite novas formas de registro e de preservação de informação, mas as fontes de arquivo ainda são cruciais para o pesquisador, viabilizando a conexão com o passado, preservando discursos. Esse avanço tecnológico também foi levado para o arquivo, cujas fontes passaram a ser digitalizadas e os acervos já podem ser encontrados disponíveis *on-line*. Esse novo método de disponibilização encurta distâncias e aumenta possibilidades de pesquisa sem a necessidade de deslocamento, mas, em contrapartida, faz com que se perca o contato com a parte material do documento.

O espaço que compõe o arquivo combina seleção, preservação e acesso. É técnico em sua materialidade e tem por principal função proteger o papel, suporte de informação. Possibilita o acesso a períodos passados, por meio de discursos, divididos em diferentes tipologias documentais. Essas fontes não se esgotam, são revisitadas, questionadas e podem auxiliar em diversas pesquisas, com infinitas abordagens, mas sempre norteadas pela questão que o pesquisador lhes impõe. O historiador José Honório Rodrigues desempenhou papel fundamental no desenvolvimento da arquivística no Brasil, reformulando as práticas de arquivo no seu período à frente do Arquivo Nacional e criando o curso técnico de arquivística, que seria o embrião dos cursos de graduação em

Arquivologia. Também contribuiu fortemente para a área da História, publicando textos sobre a historiografia brasileira.

No caso do arquivo municipal de Vassouras, o longo período de descaso deixou a documentação prejudicada pelas más condições de armazenamento, umidade e predação de insetos. A documentação paroquial e a documentação cedida pela OAB também mostravam necessidade de organização e acondicionamento em um espaço mais propício. O trabalho do Centro de Documentação Histórica de Vassouras mostrou o potencial dessa documentação para a pesquisa, e sua contribuição para a história regional fica clara a partir dos trabalhos, pesquisas e artigos que referenciam o acervo do CDH como fonte. A estrutura que se desenvolveu no prédio que sediava o arquivo permitia a realização de pesquisas, a disponibilização de fontes, visitas de escolas locais, alunos de cursos de História e da comunidade vassourense. Eram realizadas palestras ao público e desenvolvidos projetos que pudessem inserir alunos de escolas públicas e particulares na história local.

O descaso não estava apenas ligado ao patrimônio documental: os prédios que compõem o centro histórico da cidade, tombado em 1958, passaram por um processo de esquecimento, pois grande parte da população não os enxerga como patrimônio e desconhece a história do município. Nos últimos anos, esse patrimônio tem sido restaurado.

Com o final do curso de mestrado em História e o rompimento do convênio que garantia a concessão das fontes para a Universidade Severino Sombra no ano de 2013, a documentação passou a ser sediada no Iphan, junto com a documentação municipal. Por sua vez, a documentação do fundo eclesiástico retornou à Casa Paroquial de Vassouras, onde foi criado o Centro de Documentação Paroquial Joaquim José Teixeira Leite. Desse modo, em ambos os espaços, a pesquisa pode ser realizada. Pouco tempo depois, o curso de graduação em História da Universidade também foi excluído da grade de cursos oferecidos.

Em 2019, o poder público local se reuniu, junto com os funcionários ligados ao turismo trabalhou na pré-candidatura de Vassouras e do Vale do Café para receber o título de Patrimônio da UNESCO, pedindo auxílio do IPHAN para montar um dossiê e apresentar a candidatura.²²⁹ Além disso, seguem trabalhando para que cidade ganhe espaço no ramo do turismo. Esses processos recentes mostram uma preocupação em

²²⁹ <https://g1.globo.com/rj/sul-do-rio-costa-verde/noticia/2019/09/27/vassouras-vai-formalizar-pedido-de-ajuda-ao-iphan-para-se-candidatar-a-patrimonio-mundial-da-humanidade.ghtml>

tornar a história da cidade visível. A riqueza dos patrimônios que se manifesta de forma material e imaterial é um reflexo do destaque de Vassouras no ciclo do café.

Este projeto não se mostrou relevante apenas no levantamento dos acontecimentos que resultaram na criação do CDH. Forneceu ainda uma outra visão sobre o ato de passar a informação para o papel, tornando-a palpável, passível de uso, seja de forma espontânea ou com a intenção de preservar um texto, uma opinião, um documento. Possibilitou também discutir a lacuna que existe entre história e arquivo. Não o arquivo-documento, que nos permite uma conexão com o passado, mas o arquivo instituição, que não guarda apenas uma, mas várias possibilidades de conexão com diversas temporalidades. Além disso – por mais que se estruture em tabelas de temporalidades, tempo de vida dos suportes de informação e demais noções técnicas que garantem o seu funcionamento –, mostra-se humano e vivo, guardião de discursos, cheio de possibilidades, à espera de um pesquisador com uma questão.

Por fim, saliento a importância de refazer a trajetória dessas fontes, lembrando o trabalho conjunto que foi realizado com o objetivo de preservar esses documentos para a pesquisa, compreendendo a fragilidade e a importância do patrimônio documental. Preservar discursos é preservar o passado em forma de escrita.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Barbara Audara de. *Arquivologia na UNIRIO: uma viagem no tempo*. Rio de Janeiro, 2003.
- AMORIM, Americo N. **Pedagogia, alfabetização e letramento nas escolas brasileiras, evolução histórica**. Escribo, 2019. Disponível em: <<https://escribo.com/2019/04/05/alfabetizacao-e-letramento-no-brasil-evolucao-historica/>>. Acesso em: 05/04/2020.
- ANHEIN, Étienne. **Arquivos singulares – o estatuto dos arquivos na epistemologia histórica. Uma discussão sobre a Memória, a história, o esquecimento de Paul Ricoeur**. In: Pensar os Arquivos – uma antologia.
- AREDES, Diego Rodrigues. **A evolução do papel e suas formas de conservação**. (monografia de especialização) UFMS, 2014.
- ARQUIVO NACIONAL (Brasil). **Dicionário brasileiro de terminologia arquivística**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional. 2005.
- BACELLAR, Carlos. **Uso e mal uso dos arquivos**. In: PINSKY, Carla Bassanezi. (Org.) Fontes Históricas. São Paulo: Contexto, 2007.
- BARROS, José D'Assunção. **Fontes históricas – introdução aos seus usos historiográficos**. Petrópolis: Vozes, 2019.
- BARTLE, Phil. **O que é Comunidade? Uma Perspectiva Sociológica**. Disponível em: <<http://cec.vcn.bc.ca/mpfc/whatcomp.htm#:~:text=Uma%20Comunidade%20%C3%A9%20uma%20Constru%C3%A7%C3%A3o,expectativas%20entre%20os%20seus%20membros>>. Acesso em: 23/10/2020.
- BASSANEZI, Maria Silvia. **Registros paroquiais e civis – os eventos vitais na reconstituição da história**. In: PINSK, Carla B. LUCCA, Tania R. de. O historiador e suas fontes. São Paulo: Contexto, 2009. Pág. 143.
- BELLOTTO, Heloísa Liberalli. **Universidade e arquivos: perfil, história e convergência**. In: **Arquivo Estudos e Reflexões**. Belo Horizonte: UFMG, 2014.
- BRASIL, [Constituição (1988)], Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF: Presidência da República, [2016]. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 24/10/2020.
- _____. **Lei nº 8.159, de 8 de janeiro de 1991**. Dispõe sobre a política nacional de arquivos públicos e privados e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8159.htm>. Acesso em: 15/09/2020.
- _____. **Lei 6.546 de 04 de julho de 1978**. Dispõe sobre a regulamentação das profissões de Arquivista e de Técnico de Arquivo, e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/1970-1979/L6546.htm>. Acesso em: 15/09/2020

CAMARGO, Célia Reis. **Centros de documentação das universidades: tendências e perspectivas.** IN: SILVA, Zélia Lopes da (Org.). Arquivos, patrimônio e memória: trajetórias e perspectivas. São Paulo: UNESP, 1999.

CANDIDO, Sandra. **O Documento como fonte de Pesquisa Histórica.** 2002. Dissertação (Mestrado em História). Programa de pós-graduação em História, USS, 2002.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História.** Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.

CIRIBELLI, Marilda Correa. **Planejamento histórico-cultural do município de vassouras.** Vassouras, 1976.

COOK, Terry. **O passado é prólogo: uma história das ideias arquivísticas desde 1898 e a futura mudança de paradigma.** In: Pensar os arquivos – uma antologia.

CRIVELLI, Renato; BIZELLO, Maria Leandra. **A história da Arquivologia no Brasil. (1838-2012).** Revista de la biblioteca y archivo histórico de la asamblea legislativa plurinacional. Vol. 6 - Nº 21 - La Paz, agosto 2012. pp 44-56.

DICIO, Dicionário Online de Português. **Significado de Sociedade.** Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/sociedade/>>. Acesso em: (data).

DIRETOR de Cultura remove arquivo de sala na Rodoviária. Tribuna do Interior. Vassouras, 23 de janeiro de 1993. Ano IX nº 224. Acervo particular.

DOCUMENTOS históricos apodreciam em sala na rodoviária Nova. Tribuna do Interior. Vassouras, 23 de janeiro de 1993. Ano IX nº 224. Acervo particular.

ESPOSEL. José Pedro. **Informativo da Associação dos Arquivistas Brasileiros – Ano 12 nº 1 – jan./jul. de 2002.**

FALCON, Francisco. **A Historiografia Fluminense A Partir Dos Anos 1950/1960: Algumas Direções De Pesquisa** In: GLEZER, Raquel. (Org.). Do passado para o futuro – edição comemorativa dos 50 anos da Anpuh. São Paulo: Contexto, 2011.

FAPERJ. **Jovens Talentos.** Disponível em: <<http://www.faperj.br/?id=20.3.6>>. acesso em: 05/10/2019

FARGE, Arlete. **O sabor do arquivo.** 2009.

FELIX, Márcio; COSTA, Jane. **Insetos Bibliófagos: identificação, prevenção e controle.** Disponível em: <http://www.fiocruz.br/ioc/media/cartilha_insetos_bibliofagos.pdf>. Acesso em: 30/10/2020.

FILHO, Hilário Figueiredo Pereira. **Memórias em disputa: a Unesco e os processos de patrimonialização de acervos documentais.** Tese (Doutorado em História) Programa de pós-graduação em História, UNIRIO, Rio de Janeiro, 2018.

- FORTE, Mattoso Maia. **Memória da Fundação de Vassouras** – Do início do povoado a criação da Villa, publicado em 1933.
- FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1986.
- FURTADO, Júnia Ferreira. **A morte como testemunho da vida**. in: PINSK, Carla B. LUCCA, Tania R. de. O historiador e suas fontes. São Paulo: Contexto, 2009.
- GRINBERG, Keila. **A história nos porões dos arquivos judiciais**. In: PINSK, Carla B. LUCCA, Tania R. de. O historiador e suas fontes. São Paulo: Contexto, 2009.
- GRINBERG, Keila; MUAZE, Mariana; SALLES, Ricardo. **Entrevista com Stanley Stein**. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-90742015000200003>. Acesso em: 10/08/2019.
- INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO. **Marilda Corrêa Ciribelli**. Disponível em: <<https://ihgb.org.br/perfil/userprofile/MCCiribelli.html>>. Acesso em: 15/08/2019.
- KNAUS, Paulo. **Usos do passado, arquivos e universidade**. *Cadernos de Pesquisa do CDHIS*, n. 40, ano 22, p. 9-16, 1º sem., 2009.
- LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2003.
- MARQUES, Angélica Alves da Cunha. **Os espaços e os diálogos da formação e configuração da arquivística como disciplina no Brasil**. UNB, 2007.
- MELO, Josemar Henrique; SILVA, Ramsés Nunes; DORNELES, Sanderson. **Olhares sobre a história dos arquivos e da arquivologia no Brasil**. Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia (PBCIB). João Pessoa, v. 12, n. 1, p. 129-144, 2017.
- MONTEIRO, André Jacques Martins. **Vislumbres da Alma na Cidade: Uma construção da imagem do lugar através do livro História de Vassouras**. Unirio.
- MUNDO EDUCAÇÃO. **Quilombo de Manoel Congo**. Disponível em: <<https://mundoeducacao.uol.com.br/historiadobrasil/quilombo-manoel-congo.htm>>. Acesso em: 30/11/2020.
- NORA, Pierre. **Entre Memória e História: a problemática dos lugares**. Tradução de Yara Aun Khoury. Projeto História. Revista do Programa de Estudos pós-graduandos de História. 1993.
- MELO, Josemar Henrique; SILVA, Ramsés Nunes; DORNELES, Sanderson. **Olhares sobre a história dos arquivos e da arquivologia no Brasil**. Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia (PBCIB). João Pessoa, v. 12, n. 1, p. 129-144, 2017

PORTAL IPHAN. **Vassouras (RJ)**. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/384/>>. Acesso em: 30/11/2020.

PORTAL DA HISTÓRIA DO CEARÁ. **Severino Sombra de Albuquerque**. Disponível em: <http://portal.ceara.pro.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2541&catid=293&Itemid=101 e https://pt.wikipedia.org/wiki/Severino_Sombra>. Acesso em: 20/08/2019.

PORTO, Vera Maria Cordilla. **Passos de uma trajetória**. Razão e emoção, Vassouras, 2015.

PRADO, Ana. **Tudo que você nunca quis saber sobre as baratas**. Super Abril, 2020. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/ciencia/tudo-que-voce-nunca-quis-saber-sobre-as-baratas/#:~:text=Poucos%20bichos%20s%C3%A3o%20t%C3%A3o%20liberais,n%C3%A3o%20se%20sabe%20por%20qu%C3%AA>>. Acesso em: 30/11/2020.

Projeto Vassouras. Vassouras, 1985. Acervo particular.

PROST, Antoine. **Doze lições sobre a História**. Belo Horizonte: Autentica, 2015.

USS. **Relatório semestral do CDH**, abril/setembro de 2003. Arquivo da casa paroquial.

RIBEIRA, dedetizadora e desentupidora. **Traças dos Livros (Silverfish): Conheça a Traça que Come Papel**. Disponível em: <<https://www.ddribeira.com.br/tracas-dos-livros-silverfish-conheca-a-traca-que-come-papel/#:~:text=%E2%80%9COs%20danos%20causados%20por%20tra%C3%A7as,Diz%20o%20especialista>>. Acesso em: 30/11/2020.

RIDOLPHI, Wagner Ramos. **A profissionalização do Arquivista no Estado do Rio de Janeiro**. UNIRIO, 2016.

RODRIGUES, Ana Márcia Lutterbach. **A Teoria dos arquivos e a gestão dos documentos**.

RODRIGUES, João Paulo. Diálogos entre História e Memória: a Construção de um campo interdisciplinar de estudos. In: FERREIRA, André Lopes; RODRIGUES, João Paulo; BRAUN, Lidia B.; PAULA, Ricardo Pires de; BELIEIRO, Thiago Granja; SILVA, Vicentônio Regis do N. **História – diálogos e paradigmas**. Jundiaí, São Paulo, Paco editora, 2013.

RODRIGUES, José Honório. **A desordem documental no Brasil**. Arquivo & Administração, Rio de Janeiro. v.8 n.2 p 29-31, maio/agosto.1980.

_____. *A situação do arquivo Nacional – ministério da Justiça e Negócios Interiores*. Rio de Janeiro, 1959.

SALOMON, Marlon. **Saber dos arquivos**. Edições ricochete, 2011.

SAMARA, Eni de Mesquita. (Org.) **Paleografia, documentação e metodologia Histórica**. São Paulo: Humanitas, 2010.

SÉRIE INVENTÁRIO, Vassouras – RJ. **Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição**. Acervo Particular

SIGNIFICADOS. **Significado de População**. Disponível em: <<https://www.significados.com.br/populacao/>>. Acesso em: 23/10/2020.

SILVIA, Zélia Lopes da. (Org.) **Arquivos, Patrimônio e Memória – Trajetórias e Perspectivas**. São Paulo: Editora Unesp, 1999.

SOLARIS. **Do que os cupins se alimentam?**. Disponível em: <<https://solariscpu.com.br/do-que-os-cupins-se-alimentam/>>. Acesso em: 30/10/2020.

STEIN, Stanley J. *Grandeza e decadência do café*. Brasiliense, 1961.

TANUS, Gabrielle Francinne de Souza Carvalho; ARAUJO, Carlos Alberto Ávila. *O ensino da arquivologia no Brasil: fases e influências*. revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação, v. 18, n. 37, pp. 83-102, mai./ago., 2013.

TECNOLEGIS. **Teoria Arquivística Princípios e Conceitos**. Disponível em: <<https://www.tecnolegis.com/estudo-dirigido/tecnico-judiciario-tre-acre/teoria-arquivistica-principios.html>>. Acesso em: 30/11/2020.

TODOROV. Tzvetan. **Memória do mal, tentação do bem – indagações sobre o século XX**.

UNIVERSIDADE SEVERINO SOMBRA. **Catálogo Fontes primárias para História da escravidão em Vassouras 1º catálogo**. Vassouras: FUSVE, 1988.

_____. **Datas para a história da cultura em Vassouras (de 1972 a 1993)**. Vassouras: FUSVE, 1993.

_____. *Fontes primárias para História da escravidão em Vassouras 2º catálogo*. Vassouras: FUSVE. 1995.

_____. **Relatório anual de atividades. Faculdades integradas Severino Sombra**. Vassouras: FUSVE Ano de 1977. Arquivo Severino Sombra. p. 9 Acervo da Casa de Memórias Severino Sombra.

_____. **Sua base Física**. Vassouras: FUSVE, 1994.

WIKIPEDIA. **Stanley J. Stein**. Disponível em: <https://en.wikipedia.org/wiki/Stanley_J._Stein>. Acesso em: 20/09/2019.

_____. **Gabinete de curiosidades**. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Gabinete_de_curiosidades>. Acesso em: 30/11/2020.

_____. **Jaime Antunes da Silva** Disponível em:
<https://pt.wikipedia.org/wiki/Jaime_Antunes_da_Silva>. Acesso em: 30/09/2019.

_____. **José Honório Rodrigues** Disponível em:
<https://pt.wikipedia.org/wiki/Jos%C3%A9_Hon%C3%B3rio_Rodrigues>.
Acesso em: 10/10/2019.

_____. **José Matoso Maia Forte** Disponível em:
<https://pt.wikipedia.org/wiki/Jos%C3%A9_Matoso_Maia_Forte>. Acesso em:
10/10/2019.

Artigo 26 da lei 8.159-91 criou do Sinar (Sistema Nacional de Arquivos) e do CONARQ (Conselho Nacional de Arquivos). Disponível em:
<<http://conarq.arquivonacional.gov.br/o-sinar.html>>. Acesso em: 10/10/2020

ARQUIVO NACIONAL. Entrevista realizada por Keila Grinberg e Ricardo Salles a Stanley Stein. Disponível em: <<http://www.arquivonacional.gov.br/br/ultimas-noticias/872-em-2-de-janeiro-de-1838-era-criado-o-arquivo-publico-do-imperio- hoje-arquivo-nacional.html>>. Acesso em: 08/08/2019.

ANEXO 1

Programação convite

IV Simpósio de História do Vale do Paraíba

1 – CONVITE:

A Direção do Arquivo Nacional e o Departamento de Ciências Sociais do Faculdade de Filosofia, ciências e Letras de Vassouras, associando-se ao IV Simpósio de História do Vale do Paraíba, tem a honra de convidar os Simposistas, os Alunos e a Comunidade Vassourense para o curso de “Pesquisa e Técnica de Arquivo”, ministrado pelas professoras Regina Alves Vieira (coordenadora dos cursos de Arquivologia do Arquivo Nacional) e Dra. Marilda Corrêa Ciribelli (Chefe do Departamento de Ciências Sociais e Titular da Cadeira de Pesquisa Histórica, Métodos e Técnicas, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Vassouras).

2- OBJETIVOS:

2.1 Divulgar informações e técnicas sobre a organização de Arquivos contribuindo para o esclarecimento e racionalização dos serviços de Arquivo, possibilitando maior desenvolvimento da eficiência administrativa e proteção do Patrimônio Cultural dos Municípios do País.

2.2 Incentivar e estimular a Pesquisa Histórica no Vale do Paraíba.

2.3 Promover o intercâmbio de experiências, ideias, e sugestões relativas ao trabalho arquivístico nos Municípios do Vale do Paraíba.

2.4 Proporcionar o conhecimento de novas técnicas relativas ao aproveitamento dos Arquivos Correntes, intermediários e de Custódia.

3- METODOLOGIA:

Além das aulas teóricas haverá acompanhamento dos alunos à Acervos arquivísticos locais.

4 – PERÍODO:

De 24 a 28 de julho de 1978.

5 – HORÁRIO:

De 8:00 as 12:00 hrs

Curso de pesquisa e técnica de arquivo

Vassouras, 24 a 28 de julho de 1978

6- LOCAL DO CURSO E INSCRIÇÕES:

Secretaria do Simpósio – Departamento de Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Vassouras.
Rua Visconde de Araxá, 190.

7 – VAGAS:

Máximo de 100.

8- TAXA:

Cr\$ 100,00. (cem cruzeiros)

9 - CERTIFICADOS:

Serão concedidos certificados aos participantes que obtiverem 100% de frequência.

10 - CONTEÚDO PROGRAMÁTICO:

10.1 Arquivo e Pesquisa:

Importância dos arquivos Municipais para a Pesquisa Histórica.

Arquivos Municipais do Vale do Paraíba Fluminense.

10.2 Arquivos Correntes:

Conceituação
Nomenclatura
Princípios
Classificação

10.3 Métodos de arquivamento:

Arquivos Correntes

10.4 Arquivos Intermediários:

Transferência
Avaliação
Triagem
Suprimento
Eliminação
Destinação
Pré-requisitos

10.5 Arquivos de Custódia

10.6 Conclusões

ANEXO 2 – Fundos arquivísticos listados em vassouras em 1988

Arquivo	Fundos	Conteúdo	Atendimento ao público
Fórum de Vassouras	Fundo do cartório do 1º Ofício de Vassouras	Arrematação de escravos; Busca e apreensão de escravos fugidos; Embargos contendo escritura de dívida e penhora de escravos e escritura de venda; Sentença cível, incluindo testamentos que ratificam liberdade de escravos; Ações de liberdade; Ações de curatela; Execução de sentença com auto de penhora de escravos; Furtos de escravos; Ofensas físicas a escravos, com auto de corpo de delito; Homicídios envolvendo escravos; Testamento do Barão de Vassouras; Inventários.	Acesso com restrições, necessita de Autorização
	Fundo do Cartório do 2º ofício	Abandono de escravo em cadeia pública; Cobrança de Dívida; Execução e Arrematação de escravos; Redução à escravidão; Embargos; Libelo Cível sobre fuga de escravos; Ação de liberdade, incluindo carta de alforria; Auto de penhora de escravos; Inventários; Processos de Manoel Congo sobre insurreição e homicídio; Ofensas físicas envolvendo escravos; Livros de notas do 1º escrivão: escrituras de dívidas e hipotecas arrolando escravos e escrituras de doação entre vivos doando escravos a pardos libertos; Livros de notas do 2º tabelião da vila de Pati do Alferes: escritura de liberdade, registros de papel liberdade, procurações, escritura de perdão por injúrias feitas por escravos e livres.	
	Fundo do cartório do 3º ofício	Requerimento para obtenção de alvará de licença a fim de contrair empréstimo hipotecário, contendo arrolamento de bens e escravos.	
Irmandade de Nossa Senhora da Conceição de Vassouras	Museu sacro e documental da irmandade de Nossa Senhora da Conceição de Vassouras	Livro de Registro de títulos e documentos (1866), contendo regulamento para enterros, no qual se indica local para enterros de escravos.	Necessita de autorização
Irmandade Santa Casa de Misericórdia de Vassouras	Arquivo da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia	Compromissos de 1875 e 1885, contendo: condições para atendimento médico a presos escravos e a escravos de irmãos, no Hospital da Santa Casa.	Necessita autorização
Museu Casa da Hera	Acervo da Família Teixeira Leite	Com relação a escravidão negra, o acervo consta de exemplares dos jornais: Jornal do Comércio (1840-49) e o Despertar (1841), ambos do Rio de Janeiro.	Necessita autorização

(continua)

(continuação)

Arquivo	Fundos	Conteúdo	Atendimento ao público
Paróquia de Nossa Senhora da Conceição de Vassouras	Arquivo da paróquia de Nossa Senhora da Conceição de Vassouras	Livros de Batismo da Capela de São Sebastião de Sat'Ana de Cebolas (1869-93), incluindo folhas de batismos de escravos da Capela de Nossa Senhora da Luz do Ribeirão do Pocinho; Livros de Batismo de Escravos; Livros de Batismo e óbitos (1862-80); Censo de 1888; Justificação de Batismo (1875); Livro de casamento de Escravos (1821-88); Livros de casamento de pessoas livres; Certidão de casamento de escravos (1874) Licença de Juizo de Direito da Comarca de Vassouras para casamento de filhos de libertos (1889); Habilitação de casamento de africana livre (1878) Livro de óbitos (1822-1908)	Atendimento mediante prévio aviso
Prefeitura Municipal de Vassouras	Arquivo Público Municipal de Vassouras	Livro de registro de processos protocolando autos de sumários-crime; Processos de avaliação amigável de escrava; Carta de liberdade; Escritura de venda de escravos; Cobrança de dívidas sendo pagas com escravos; Ofensas físicas a um senhor e seus escravos; Correspondência arrolando um escravo para ser sorteado pela coletoria; Relação avulsa de escravos; Processo de adultério, no qual uma senhora é acusada de adultério com um escravo; Processo de homicídio de uma escrava, acusada de matar suas filhas (incompleto); Ação de Liberdade e fuga de escravo.	Em fase de organização, necessita autorização

ANEXO 3 – Programação da III semana de Filosofia - 1988

Comissão Organizadora dos Eventos
Comemorativos do 1º Centenário da
Abolição da Escravatura

Presidente – General Severino Sombra
Prof.ª Dra. Marilda Corrêa Ciribelli
Prof. Jorge Ferreira dos Santos
Prof.ª Sonia Violeta de Andrade Motta
Prof.ª Vera Maria Cordilha Porto

III SEMANA DE FILOSOFIA

Presidente de Honra – Gal. Severino Sombra
Coordenadora Geral – Prof.ª Marilda Corrêa
Ciribelli

CONVITE

A Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da FUSVE tem a honra de V. As para as festividades da III Semana de Filosofia a se realizar de 19 a 23 setembro em comemoração ao 1º centenário da Abolição da Escravatura.

PROGRAMAÇÃO

2ª feira – 19 de setembro:

19:00 – Abertura Solene pelo Gal. Severino Sombra da Exposição de Documentos sobre a escravidão em Vassouras e Lançamento do “1º Catálogo de Fontes Primárias para História da Escravidão em Vassouras”.

Local: Faculdade de Filosofia – Sala 16

3ª feira – 20 de setembro:

19:00 - Palestra articulada – Prof.ª Dra. Marilda Corrêa Ciribelli e Prof.ª Sonia Violeta de Andrade Motta:

“A Pesquisa na Faculdade de Filosofia e a Escravidão em Vassouras”.

20:00 – Juri simulado do Julgamento de Manoel Congo”.

Coordenação: Prof.ª Karla Beatriz de Oliveira. Alunos do Colégio Sul-Fluminense de Aplicação.

Local: Faculdade de Filosofia
Sala Dr. Mario Sombra

4ª feira – 21 de setembro:

19:00 Palestra da Prof.ª Dra. Maria Yedda Linhares: “As Estruturas Agrárias no Rio de Janeiro do séc. XIX e a crise Final da Abolição”

20:00 Palestra do Prof. Dr. Ciro Flamaron Cardoso: “Abolição no Brasil e nas Américas”.

Local: Faculdade de Filosofia
Sala Dr. Mario Sombra

5ª feira – 22 de setembro:

19:00 – Palestra da Prof.ª Dra. Maria de Lourdes Viana Lima: “O Abolicionismo”.

20:00 – Palestra da Prof.ª Dra. Lana Lages Gama Lima: “Rebeldia Negra”.

Local: Faculdade De Filosofia
Sala Dr. Mario Sombra

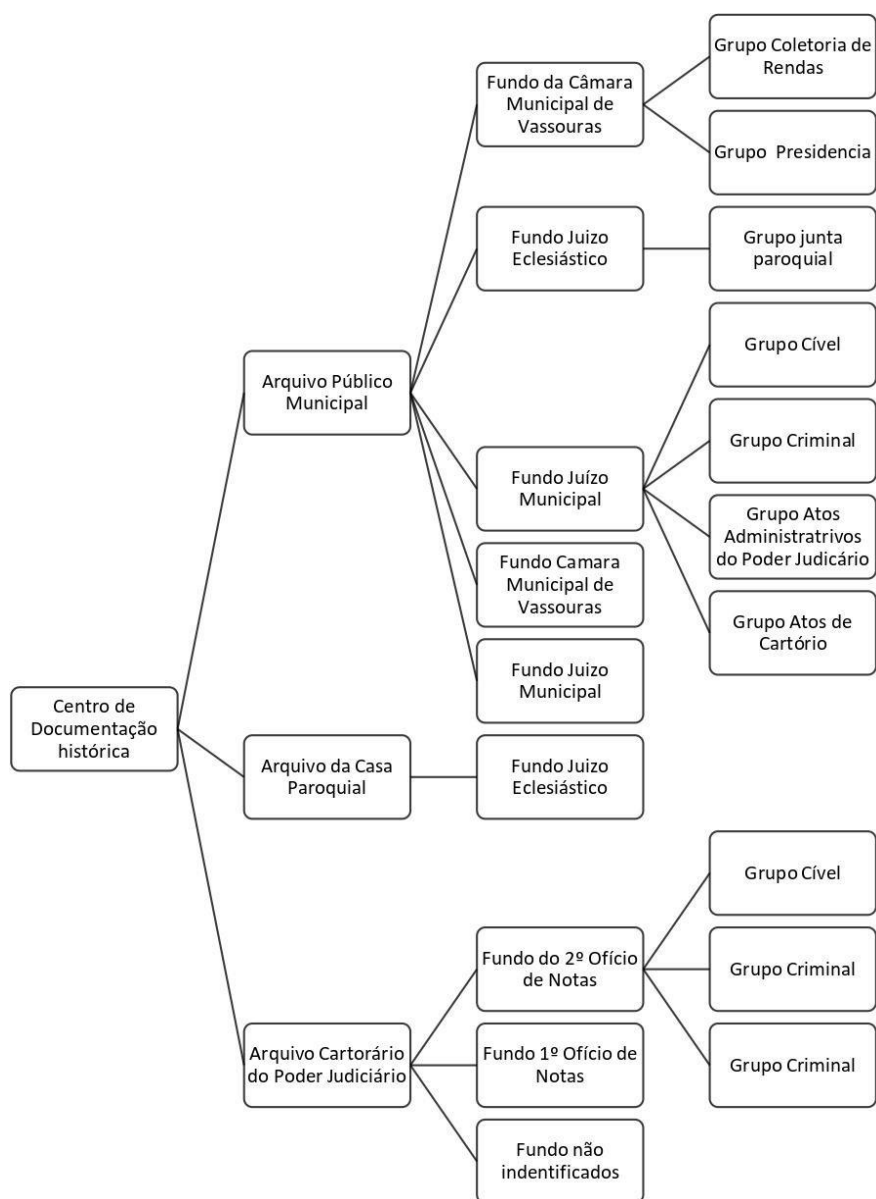
6ª feira – 23 de setembro

19:00 apresentação de Jogral Da Faculdade: “Vozes da África”

20:00 – Palestra da Prof.ª Maria de Cásia Nascimento Frade: “Presença Negro no Folclore Fluminense”

Local: Faculdade De Filosofia
Sala Dr. Mario Sombra

ANEXO 4 – Fundos arquivísticos listados no segundo catálogo do CDH 1995



Diretor de Cultura remove arquivo de sala na Rodoviária

A professora Maria Lúcia Elias chegou a comissão que remove os documentos



O diretor da Divisão de Cultura da Secretaria Municipal de Educação e Cultura, professor Affonso Celso Villela nomeou uma comissão para remover na segunda-feira, 18, documentos históricos que vinham sendo guardados

em uma sala da Secretaria de Obras no Terminal Rodoviário Hélio de Almeida Pinto. Os documentos, que apodreciam ao lado de traças e baratas, terão que passar por um processo de restauração.

Documentos históricos apodreciam em sala na rodoviária Nova

Diretor ordenou remoção de documentos para a Casa de Cultura

Boa parte da história vassourense, registrada em documentos do século passado, apodrecia até a última semana ao lado de traças e baratas numa sala da Prefeitura no Terminal Rodoviário Hélio de Almeida Pinto. Um funcionário da Secretaria de Obras, encarregado pela nova secretária de limpar a sala para que ela pudesse ser utilizada como um almoxarifado foi quem deu o alerta. O servidor, ao encontrar documentos antigos junto com entulho e outros papéis sem importância, decidiu entrar em contato com o diretor da Divisão de Cultura da Secretaria de Educação e Cultura, Affonso Celso Villela de Carvalho. Villela ficou chocado com o que viu e imediatamente nomeou uma comissão, chefiada pela professora Maria Lúcia Elras, para remover os documentos até a Casa de Cultura. Presidente Tancredo Neves, onde funciona a Divisão de Cultura, provisoriamente.

"Enquanto não existe um local destinado ao armazenamento destes documentos ele ficará aqui mesmo na Casa de Cultura", disse Celso Villela. Outra parte do arquivo já estava na Casa de Cultura quando do início dos trabalhos de Villela, há menos de um mês. Hoje, se algum pesquisador tentar saber alguma coisa da história vassourense através de seus documentos terá sérias dificuldades. Os documentos não estão cadastrados, o que tornaria a pesquisa tão objetiva como procurar agulha em um palheiro.

Com a experiência de anos de trabalho no Museu Histórico Nacional, o professor Affonso Celso sabe que terá problemas para restaurar os documentos encontrados na sala do terminal rodoviário. "Existe salvação para esses documentos mas o preço é



Professor Affonso e o arquivo: sem cadastro e recheado de traças

caro", disse. O objetivo de Villela é ter o arquivo documental do Município todo ca-

dastrado. Para isso, ele espera o final das reformas do prédio da Casa de Cultura.

Uma política para a Cultura

Pela primeira vez a Secretaria Municipal de Educação e Cultura conta com uma Divisão de Cultura. Sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, historiador na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro e professor da Escola Naval, Affonso Villela de Carvalho foi escolhido pela secretária Maria Alice Mattoso Câmara para ocupar o cargo. Intelectual respeitado, Villela tem um trabalho difícil. Principalmente romper com o paradoxo de uma Cidade Histórica e ao mesmo tempo sem memória. O episódio do arquivo municipal ilustra bem esse quadro.

O projeto de trabalho enviado por Villela à secretária dá a idéia de que o diretor da Divisão de Cultura lutará relamente por uma política para a cultura dentro da administração municipal. O documento fala na criação do Arquivo Histórico existentes no Município, bem como apoio à realizações teatrais, festivais de música, entre outros itens. A cultura torce para que as idéias de Villela não fiquem apenas em documentos engavetados. De toda forma, a luz surge no fim do túnel.

ANEXO 6 – Palestras realizadas pela equipe do CDH – 1999-2003

Palestra	Palestrante	Local	Ano
Vassouras de Ontem	Magno Fonseca Borges	Colégio Estadual Santa Rita Colégio Estadual Centenário Associação de moradores bairro Mancusi	1999
A inserção de Vassouras nos 500 anos de Brasil: 375 anos de ausência?	Magno Fonseca Borges	Colégio Estadual Santa Rita Colégio Estadual Centenário Colégio Estadual Ministro Raul Fernandes Centro de Educação Tia Conceição	2000
A Vassouras Urbana do século XIX	Magno Fonseca Borges	Centro de Educação Tia Conceição Colégio Estadual Santa Rita	2000 2001
Manoel Congo	Magno Fonseca Borges	Centro de Educação Tia Conceição Colégio Estadual Santa Rita	2000
A situação da mulher negra na Vassouras oitocentista	Magno Fonseca Borges	Colégio Estadual Santa Rita	2001
Manoel Congo	Dr Carlos Eugenio Libano Soares	Associação Afro-Cultural Ieda Fátima	2001
A questão indígena no Brasil	Magno Fonseca Borges	Colégio Estadual Santa Rita	2002
Insetos associados a Biorredução do papel em coleções de documentos históricos	Guilherme Pinheiro Furusawa Leonardo Santos Correa Magno Fonseca Borges	III Encontro de Iniciação Científica da USS	
A integração do conhecimento para gestão do acervo histórico sob guarda do CDH/FUSVE	Guilherme Pinheiro Furusawa Leonardo Santos Correa Magno Fonseca Borges	III Encontro de Iniciação Científica da USS	
A Escravidão no Vale do Paraíba	Magno Fonseca Borges	Colégio Arco Íris	2003
Manoel Congo	Magno Fonseca Borges	Colégio Santos Anjos	2003

Fonte: relatório de atividades do CDH 1999-2003.

Exposições realizadas entre 1999-2003

Exposição	Organizador	Local	Ano
A Situação da Mulher Negra na Vassouras oitocentista	CDH	Colégio Estadual Santa Rita	2001
Uma trajetória da justiça na comarca de Vassouras	Direção do fórum da comarca de Vassouras e CDH	Espaço Museografico do Poder Judiciário Plenária do Júri da Comarca de Vassouras – visitada por 5 escolas e pelos funcionários do Fórum da Comarca de Vassouras	2003

Fonte: relatório de atividades do CDH 1999-2003.

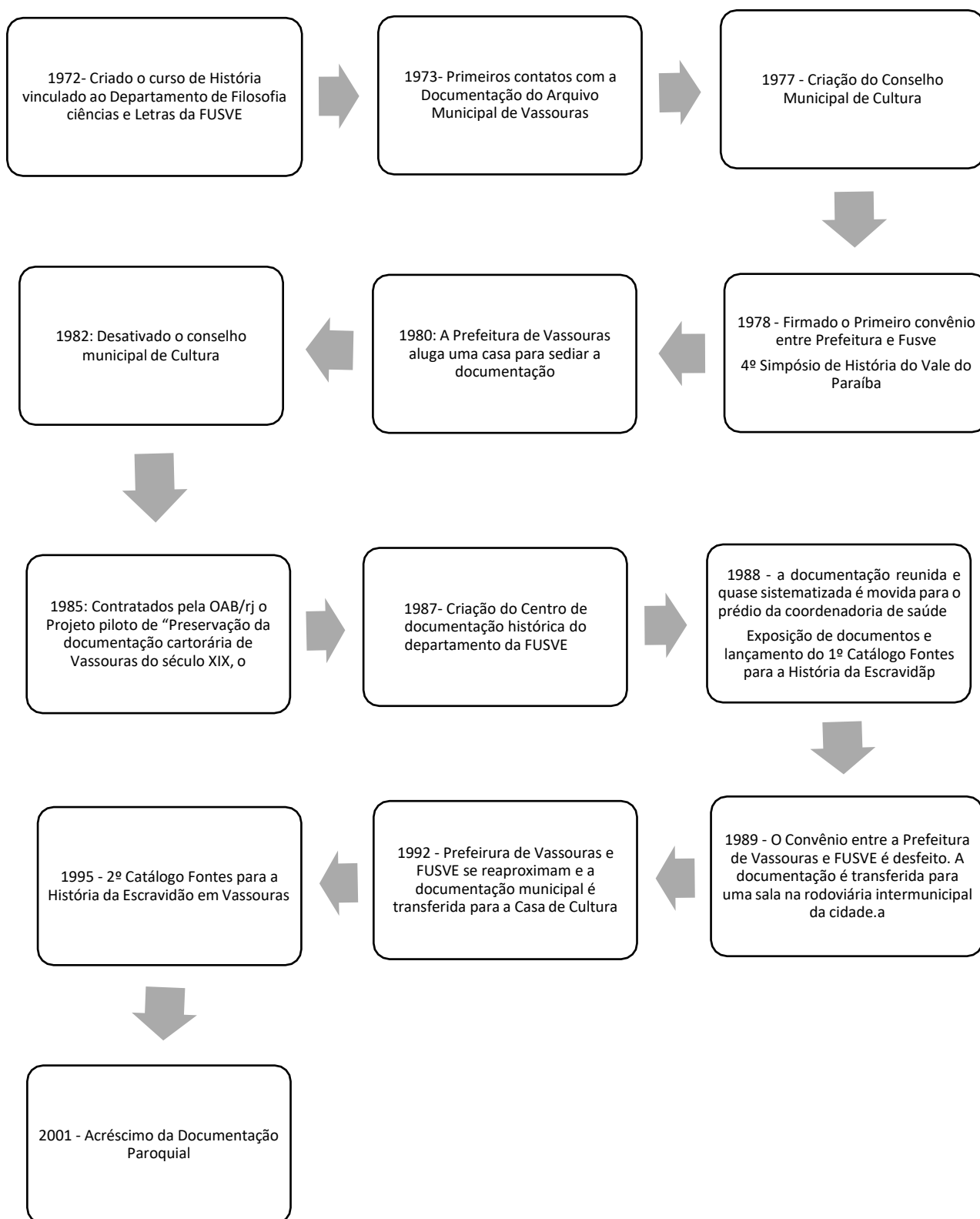
Projetos realizados pelo CDH 1999-2003

Projeto	Organizador	Realização	Ano
Se essa rua fosse minha (premiado pelo MEC em 2002)	Magno Fonseca Borges	Colégio Estadual Santa Rita	2001
A produção de um biofertilizante líquido em uma perspectiva multidisciplinar	Magno Fonseca Borges (CDH/FUSVE) Guilherme Pinheiro Furusawa (Biologia – USS/FUSVE) Leonardo Santos Correa (Matemática – USS/FUSVE)	Colégio Estadual Santa Rita Trabalho apresentado no III Encontro Verde das Américas	2003
Fazendo democracia, construindo cidadania	Magno Fonseca Borges	FUSVE Tribunal Regional Eleitoral IPHAN Colégio Estadual Santa Rita	2003

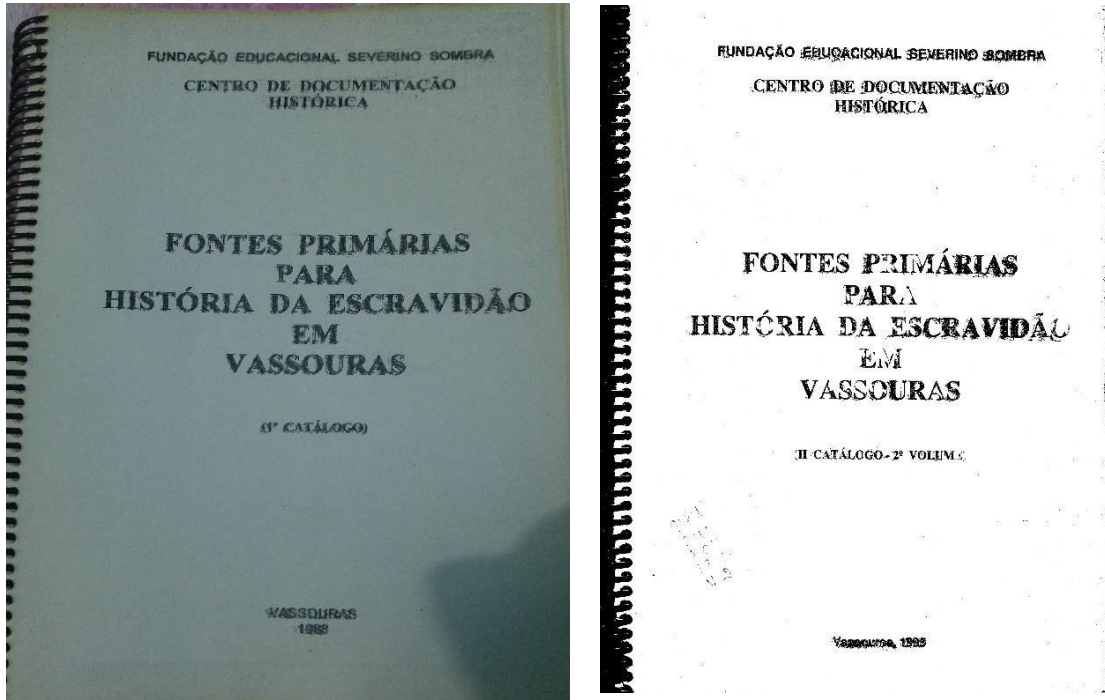
Fonte: relatório de atividades do CDH 1999-2003.

APÊNDICES

Tabela 1 - linha temporal do CDH



Catálogos Fontes para a História da Escravidão em Vassouras



Fonte: Acervo Casa de Memórias Severino Sombra

Prédios que sediaram o CDH



Fonte: <http://www.historiaecultura.pro.br/cienciaepreconceito/acervos/severinosombra.htm>



Fonte: <https://www.facebook.com/photo?fbid=10210954726453440&set=pcb.10210954733573618>



Fonte: https://1.bp.blogspot.com/t18y12C5OP8/XYJPxYJ612I/AAAAAAA-BA2A/ATpVzIS_NdkGPL3ejUMegh0Tggx5lNi2ACEwYBhgL/s1600/BARR%25C3%2583O%2BDE%2BITAMB%25C3%2589.jpg